

CARTA  
**ARQUEO**  
**LÓGICA**  
DO CONCELHO DA CHAMUSCA  
(DO PALEOLÍTICO À IDADE MODERNA)

© 2020, Câmara Municipal da Chamusca e Centro Português de Geo-História e Pré-História

Título: ***Carta Arqueológica do Concelho da Chamusca: do Paleolítico à Idade Moderna***

Coordenação: ***Fernando Augusto Coimbra***

Textos de:

***Fernando A. Coimbra***, Centro Português de Geo-História e Pré-História; Investigador do Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; coimbra.rockart@yahoo.com

***Silvério Figueiredo***, Centro Português de Geo-História e Pré-História; Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; silverio.figueiredo@cpgp.pt

***Alexandra Figueiredo***, Instituto Politécnico de Tomar, Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património Subaquático; Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; alexfiga@ipt.pt

***Raquel Lázaro***, IEM - Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa; Município da Chamusca; rlazaro@cm-chamusca.pt

***Rita F. Anastácio***, Instituto Politécnico de Tomar; Centro de Geociências da Universidade de Coimbra; rfanastacio@ipt.pt

***Pedro P. Cunha***, MARE- Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra; pcunha@dct.uc.pt

***António A. Martins***, Centro de Geofísica, Departamento de Geociências, Universidade de Évora; aam@uevora.pt

***Ana Graça***, Instituto Politécnico de Tomar; anagracea@ipt.pt

***Cláudio Monteiro***, CAAPortugal; claudiomonteiro\_crm@outlook.pt

***Mário Santos*** (†), Centro Português de Geo-História e Pré-História

Desenhos: ***Fernanda Sousa***

Edição: ***Câmara Municipal da Chamusca e Centro Português de Geo-História e Pré-História***

Ilustração da capa: ***Biface de quartzito encontrado na Rua da Gamelinha***

Paginação, impressão e acabamentos: ***Garrido Artes Gráficas***

Zona Industrial, Lotes 23 e 24 – 2090-242 Alpiarça – PORTUGAL

Tel.: +351 243 559 280 | E-mail: geral@garridoartesgraficas.pt | www.garridoartesgraficas.pt

***1.ª Edição: Abril de 2020***

ISBN: 978-972-762-421-8

Depósito Legal: 472507/20

Nota: ***Os textos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.***

Sem autorização expressa dos editores não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que tal reprodução não decorra das finalidades específicas da divulgação e da crítica.

# DEDICATÓRIA

A equipa da Carta Arqueológica  
do Concelho da Chamusca

Dedicamos esta obra ao nosso colega e amigo Mário Sérgio Pereira Santos, falecido de modo trágico e prematuro na sequência de um acidente de viação, ocorrido na Golegã, na Primavera de 2018.

Natural da Chamusca, o Mário nutria pela Arqueologia uma verdadeira paixão, que o levou a contribuir de modo incansável para a elaboração desta Carta Arqueológica, chegando inclusive-

mente a descobrir estações arqueológicas importantes, como é o caso do sítio Paleolítico da Rua da Gamelinha.

O Mário pertenceu à Direção do Centro Português de Geo-História e Pré-História, com o qual sempre colaborou de forma ativa, demonstrando sempre um carácter gentil e afável em todos os seus contactos sociais.





# PREFÁCIO

O património arqueológico da Chamusca: uma investigação em curso.

**Paulo Queimado**

Presidente da Câmara Municipal da Chamusca

Todos os trabalhos têm uma história.

Esta, em particular, constitui o culminar de um projeto desenvolvido no âmbito das parcerias entre o Município da Chamusca e o Centro Português de Geo-História e Pré-História e que foi protocolada em 2016, constituindo esta Carta Arqueológica a primeira iniciativa resultante desta colaboração. A relação entre as universidades, os centros de investigação e a sociedade é cada vez mais uma prioridade nas estratégias de desenvolvimento das políticas de investigação e de desenvolvimento nacional e local, sendo a área do património cultural um dos mais importantes vetores de colaboração.

A Carta Arqueológica da Chamusca surge como trabalho de compilação, investigação, verificação *in situ* dos vestígios arqueológicos, que há tantos anos vinham a ser relatados e catalogados.

A realização do levantamento do património arqueológico constitui um instrumento da maior importância para o ordenamento do território e para a salvaguarda do património. Uma Carta Arqueológica é assim mais do que uma compilação de pontos no mapa: constitui uma ferramenta quer para especialistas quer para os vários agentes que atuam sobre o território.

Embora seja atribuição da tutela do património a realização do inventário do património arqueológico, estando esta competência consignada nas competências da Direção Geral do Património Cultural, são as autarquias que têm desenvolvido esforços sistemáticos de levantamento e inventário, cumprindo procedimentos legais no âmbito dos Planos Diretores Municipais, mas também num esforço de divulgação do património local.

A Lei de Bases do Património Cultural refere que integram o património arqueológico e paleontológico todos os vestígios, bens e outros indícios da evolução do planeta, da vida e dos seres humanos cuja preservação e estudo permitam traçar a história da vida e da humanidade e a sua relação com o ambiente, cuja principal fonte de informação seja constituída por escavações, prospeções, descobertas ou outros métodos de pesquisa relacionados com o ser humano e o ambiente que o rodeia.

Espero que o desenvolvimento dos trabalhos de campo e das ações de sensibilização junto da população possa aumentar o número de sítios, colmatando lacunas de informação. Conheço bem as dificuldades de visibilidade do terreno da charneca e da lezíria e dos desafios da prospeção

no terreno: o relevo, o coberto vegetal e o uso do solo tornam sempre difícil a identificação de novos sítios no nosso território.

A presente publicação integra-se no instrumento de ordenamento do território estando em documento técnico a georreferenciação de áreas de dispersão e com as respetivas áreas de proteção, mas mais que isso, quer-se um mostruário do processo de evolução e desenvolvimento do nosso território, que seja agradável de consultar e que dê o prazer de viajar no tempo.

É assim simultaneamente o fim dum primeiro passo de investigação e levantamento bibliográfico, mas é o início do projeto de prospeção que culminará com o museu de interpretação da ocupação do nosso território.

# APRESENTAÇÃO

Silvério Figueiredo  
Presidente do CPGP

A arqueologia estuda a Humanidade, desde as suas origens até à atualidade, e desperta o interesse junto do público em geral. Como tal, o património arqueológico constitui-se como um importante elemento de valorização cultural, social e económica não só local e regional, como também nacional e internacional. Conhecendo a história evolutiva, social, cultural e tecnológica da nossa espécie, mais facilmente podemos compreender-nos a nós próprios, perceber o presente e projetar o futuro. Neste sentido, os levantamentos arqueológicos assumem-se como uma importante ferramenta na gestão territorial e cultural.

Os estudos de arqueologia são, atualmente, um meio muito importante para o conhecimento da cultura e da história de uma dada região. Torna-se, portanto, necessária uma maior cooperação entre

o poder local e as instituições de pesquisa arqueológica, sejam elas institutos públicos ou associações privadas, de forma a melhor valorizar e proteger o património local e mobilizar as populações para esta questão. A Carta Arqueológica da Chamusca é um bom exemplo não só deste tipo de parceria, como também de um investimento importante na investigação e no desenvolvimento e valorização do património arqueológico do município. No entanto, o trabalho que agora se publica, mais do que uma dimensão local, assume também, em conjunto com as cartas arqueológicas de outros municípios portugueses, um importante contributo para o conhecimento da arqueologia portuguesa, no seu todo.

A arqueologia não vale apenas por si só. É necessário, cada vez mais, uma maior interdisci-

plinaridade, pois existem várias condicionantes e aspetos da arqueologia que levam à necessidade da contribuição de outras ciências. A Carta Arqueológica da Chamusca é exemplo disso, quando se inclui o Sistema de Informação Geográfica (SIG), a Geologia e a Geomorfologia, como elementos fundamentais do trabalho efetuado. Os projetos arqueológicos desenvolvidos devem, por razões de ética e do próprio avanço da investigação científica, envolver todos os investigadores que trabalham nas áreas relacionadas com esses projetos, pois é através da troca de experiências e de saberes que se avança no conhecimento arqueológico. Esta colaboração deverá basear-se em relações de cumplicidade,

que permitam ultrapassar os vários obstáculos colocados pelas problemáticas que afetam o património arqueológico. A Carta Arqueológica da Chamusca é um excelente exemplo de como a parceria entre o poder municipal, as instituições de investigação e, neste caso particular, os próprios arqueólogos permitiu um avanço considerável no conhecimento do património arqueológico do concelho da Chamusca.

Cumpramos finalmente agradecer o apoio que sempre foi dado aos trabalhos que se foram realizando, tanto por parte da Câmara Municipal da Chamusca, na pessoa do seu presidente, como também por parte das freguesias, através dos respetivos presidentes.

# 1 - INTRODUÇÃO

**Fernando Augusto Coimbra**  
Coordenador Científico da  
Carta Arqueológica do Concelho da Chamusca

No Concelho da Chamusca, ao longo do tempo foram realizadas algumas investigações arqueológicas pontuais, da responsabilidade de investigadores diversos. Todavia, anteriormente à elaboração da presente Carta Arqueológica este município nunca tinha sido alvo de um estudo integral, alargado a toda a sua área.

Na sequência de um protocolo assinado no final do ano de 2015, entre a Câmara Municipal da Chamusca (CMC) e o Centro Português de Geo-História e Pré-História (CPGP), este centro de investigação foi encarregue de fazer o levantamento histórico-arqueológico para a elaboração da Carta Arqueológica do Concelho da Chamusca, monografia que aqui se apresenta. Trata-se, obviamente, de uma investigação que não se encontra fechada, dado que em Arqueologia não

existem trabalhos definitivos, pois haverá sempre algo mais a acrescentar ao que ficou escrito, ou futuras descobertas enriquecerão o inventário do património aqui apresentado.

Pensamos ainda que as informações aqui reunidas poderão ser úteis para a elaboração de novos projetos de investigação, que tenham em consideração os vestígios arqueológicos existentes neste Concelho.

A elaboração desta Carta Arqueológica contou ainda com a colaboração do Laboratório de Arqueologia e Conservação do Património Subaquático, do Instituto Politécnico de Tomar (LACPS.IPT), que facultou apoio logístico e técnico.

Para a elaboração da carta Arqueológica do Concelho da Chamusca estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

## 1.1 - Objetivos e relevância do estudo

- Levantamento de todos os dados existentes sobre o Património Arqueológico e Histórico do Concelho da Chamusca.
- Relocalização dos sítios já conhecidos na base de dados do Portal do Arqueólogo.
- Prospeções intensivas e seletivas (meio terrestre) e seletivas em zonas de interface fluvial (meio subaquático).
- Inventariação e descrição de todas as estações arqueológicas do concelho.
- Análise da evolução do povoamento do Concelho da Chamusca.
- Estudo dos materiais recolhidos durante os trabalhos de campo.
- Estudo dos materiais existentes na Câmara Municipal da Chamusca, recolhidos em trabalhos de campo da responsabilidade de equipas anteriores.

Como objetivo geral, pretendeu-se alargar o conhecimento histórico-arqueológico do concelho, definir áreas de potencial arqueológico e apontar propostas tipológicas e cronológicas dos sítios identificados, auxiliando na sua interpretação. Deste modo, a Carta Arqueológica da Chamusca constitui, também, um instrumento de

análise "dos diversos processos antrópicos a que as diversas comunidades humanas desde a pré-história mais antiga sujeitaram a paisagem, transformando-a" (Fragoso, 2009).

Os estudos de arqueologia são, atualmente, um meio fundamental para o conhecimento da cultura e da história de uma dada região. Em boa hora a Câmara Municipal da Chamusca decidiu cooperar com o Centro Português de Geo-História e Pré-História na elaboração desta Carta Arqueológica, visando assim proteger e valorizar o património local e mobilizar as populações para esta questão. Esta colaboração entre autarquia, equipa de arqueólogos e população foi efetuada com base num relacionamento de respeito, compreensão e cumplicidade cada vez maiores, tentando ultrapassar os vários obstáculos colocados pelas problemáticas que afetam o património arqueológico. Nesse sentido, ao longo do tempo necessário para elaboração deste documento realizaram-se diversas sessões de educação patrimonial, destinadas ao público, de modo a esclarecer os meandros da investigação histórico-arqueológica em curso. Por exemplo, no dia 9 de janeiro de 2016 realizou-se uma sessão de

apresentação da metodologia de trabalho da Carta Arqueológica do Concelho da Chamusca e no dia 25 de Março de 2017 organizou-se uma mesa redonda intitulada "Arqueologia da Chamusca" contando ambas com significativa participação e interesse por parte da população.

Para além disso, foram ainda apresentadas as comunicações intituladas "A Carta Arqueológica da Chamusca: dados preliminares" (Coimbra, Lázaro e Anastácio, 2016) e "Património Histórico da Chamusca: do século XVI à atualidade" (Santos, 2016) nas III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, em Vila Velha de Ródão, e "Novos dados para a Carta Arqueológica da Chamusca" (Coimbra et al., no prelo), nas IV Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo, que tiveram lugar em Junho de 2017, no Edifício de S. Francisco, na Chamusca.

No que diz respeito à obra que agora se publica, ela é composta por nove capítulos, da

responsabilidade dos membros da equipa de investigação, alguns deles subdivididos em seções menores. O livro termina com um glossário que pretende descodificar para o público em geral alguns termos técnicos eventualmente menos conhecidos.

Não podemos deixar de agradecer o apoio prestado aos trabalhos de investigação por parte da Câmara Municipal da Chamusca, nomeadamente na disponibilização de um veículo de tração integral, e seu condutor, para prospeção em zonas de acesso mais difícil, assim como o empenho demonstrado pelos diversos colegas que colaboraram na elaboração desta obra.

Agradecemos ainda as informações pertinentes que alguns habitantes do concelho nos forneceram e que contribuíram para a compilação do trabalho que aqui se apresenta.





## 2 - METODOLOGIAS E ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

Fernando A. Coimbra  
Silvério Figueiredo  
Alexandra Figueiredo

### 2.1 - Trabalhos prévios de análise de fontes documentais e planeamento de actividades

Os trabalhos realizados no âmbito da presente Carta Arqueológica iniciaram-se tendo por base um conjunto de procedimentos metodológicos com vista a um apuramento não intrusivo dos vestígios do passado humano existentes no concelho. Assim, após a consulta de um conjunto de fontes, descritas em Projeto de Investigação Plurianual de Arqueologia (PIPA), remetido à Direção Geral do Património Cultural (DGPC), para o desenvolvimento das orientações ou linhas mestres para percepção da região, dos elementos e sítios reconhecidos e de possíveis viabilidades, foram operacionalizadas prospeções dirigidas no território, garantindo um trabalho de campo coeso e eficiente, nomeadamente nas prospeções de cariz seletivo.

Antes de se iniciar a prospeção no terreno, foram analisadas várias fontes de carácter espacial (cartografia militar, mapas digitais e *Google Earth*) com vista à compreensão da geomorfologia ou a identificar anomalias no terreno, que nos permitissem obter outros indícios de possíveis ocorrências arqueológicas.

Um dos pontos de relevância de um trabalho de pesquisa arqueológica passa pelo estudo toponímico de modo a verificar, dentro das áreas de prospeção definidas, as que poderiam ter maior potencial de registo de ocupação no passado. Esta análise garante uma perspetiva de estudo sobre a memória das populações, considerando que os nomes dos lugares se encontram normalmente



Fig. 1 – Trabalho de prospeção sistemática na Cascalheira do Marco Geodésico da Lagoa da Murta.

associados a características ou ocorrências de eventos relevantes. Desta forma uma compreensão de toponímia antrópica permite criar polígonos de incidência para a orientação dos trabalhos.

Não obstante as fontes escritas, dedicámo-nos ainda ao levantamento das fontes orais, empreendendo um conjunto de inquéritos e

entrevistas junto da população local para a perceção de informações relevantes ao processo de investigação e à deteção de vestígios.

A análise de todas estas *layers* permitiu criar um mapa de viabilidades e interesses, com o qual partimos para o reconhecimento de campo.

## 2.2 – Trabalhos de campo

O trabalho de campo começou, numa primeira fase, com visita aos locais já conhecidos, de modo a confirmar a sua existência atual e efetuar a sua georreferenciação com recurso a equipamento de posicionamento.

A prospeção terrestre foi efetuada de modo intensivo e seletivo (Fig. 1). Assim, foram prospektadas de modo intensivo as freguesias de Carregueira, União de Freguesias de Chamusca e Pinheiro Grande e a área de lezíria da Freguesia de Vale de Cavalos. Estes trabalhos tiveram a participação dos membros da equipa, apoiados por estudantes do programa da Ciência Viva.

A área correspondente à Freguesia de Ulme, à União de Freguesias de Parreira e Chouto e à parte mais interior da Freguesia de Vale de

Cavalos foi alvo de prospeções seletivas, privilegiando cumeadas e linhas de água, utilizando-se um veículo de tração integral (Fig. 2). Contudo, o trabalho foi limitado por se tratar de uma zona com diversas ganadarias de gado bravo, de acesso não autorizado, sendo os dados apresentados restringidos às áreas de terrenos não vedados.

Considerando que o concelho da Chamusca é atravessado pelo rio Tejo e este, desde sempre, foi um marco fundamental do seu desenvolvimento, também não quisemos deixar de desenvolver um conjunto de levantamentos do domínio da arqueologia subaquática. O Tejo, como se reconhece geomorfologicamente e se documenta em registos históricos (Costa, 1984; Cunha et al., 2005, 2008, 2016), sofreu diversas alterações no seu curso dentro da





Fig. 2 – O veículo de tração integral disponibilizado pela CM da Chamusca, para o reconhecimento de áreas com difícil acesso.

planície aluvial moderna, bem como apresentou uma forte sedimentação ao longo do tempo. Na Proto-História e no Período Clássico o rio era facilmente navegável, mesmo com embarcações de alto porte, tendo existido inúmeros portos ao longo das suas margens. Assim, no levantamento executado desenvolveu-se uma seriação das áreas a prospectar com base na toponímia presente na região, sua conexão com as margens atuais e antigas do Tejo e sua fisiografia, no sentido de registar antigas estruturas de portos, vestígios da dinâmica da mobilidade e exploração do Tejo. Optámos por desenvolver estes trabalhos em períodos de baixo caudal, podendo analisar-se o mais possível as zonas de margem, que vão estando submersas, na maior parte do ano. Na sua imediata marginalidade às zonas secas, analisaram-se também, com recurso à prospeção direta

visual, as zonas submersas, tendo tal situação, pela visibilidade das águas ter sido conseguida até sensivelmente dois a três metros da margem e até cinquenta centímetros de profundidade das áreas selecionadas.

É também relevante perceber que o atual caudal do rio sofreu profundas modificações ao longo do tempo, quer na sua dimensão, quer na sua localização. Considerando esta questão, demos importância relevante, não só às margens atuais, como às possíveis antigas margens, hoje assoreadas e expostas à superfície (Mapa 1).

Durante os trabalhos de campo foi ainda iniciado um estudo sobre as características geomorfológicas do concelho e a sua relação com as ocupações humanas e a arqueologia da paisagem, tema desenvolvido no capítulo 4.

## 2.3 - Trabalhos de laboratório e de gabinete

No âmbito dos trabalhos de laboratório e de gabinete, geralmente realizados nas instalações do CPGP em São Caetano (Golegã), foram lavados, marcados, desenhados e fotografados os materiais recolhidos à superfície, provenientes de vários sítios arqueológicos inéditos, descobertos durante

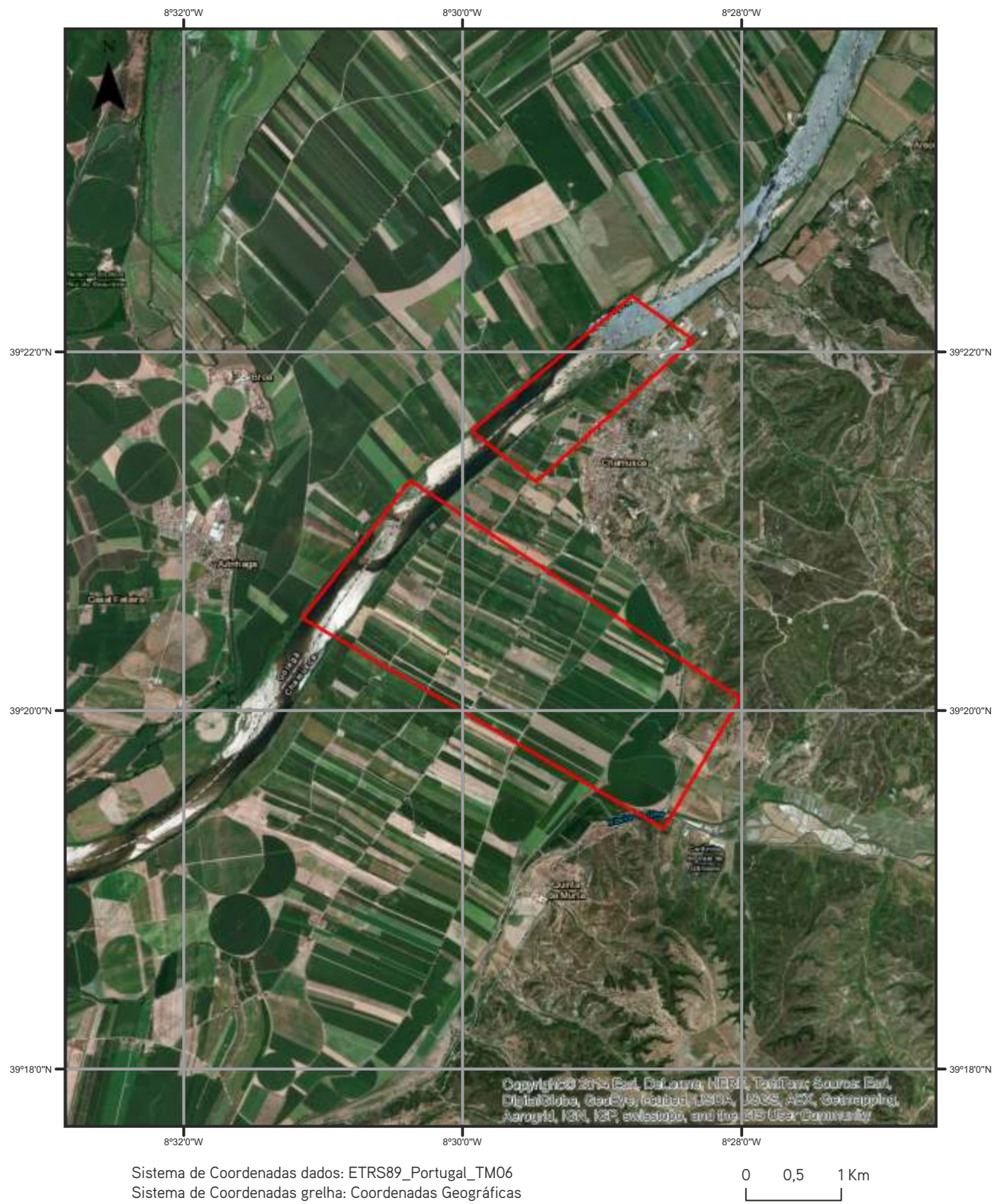
as saídas de campo em 2016 e em 2017. Simultaneamente procedeu-se ao estudo tecnomorfológico destes materiais.

Foi também iniciado o estudo do espólio arqueológico que se encontra à guarda da Câmara Municipal da Chamusca, proveniente de prospe-

ções realizadas por outras equipas anteriormente ao presente projeto. Todavia, o armazenamento destas peças numa arrecadação do Centro de Artesanato, onde frequentemente se arrumavam outro tipo de materiais, dificultou em grande medida o seu estudo sistemático, pois o edifício em si era inadequado para um trabalho de carácter arqueológico. Como agravante desta situação, por

diversas vezes não foi possível aceder a esse espólio, devido ao espaço estar a ser preparado para a organização de eventos diversos, de carácter teatral e musical. Assim, é fundamental que se criem condições para se aceder convenientemente a esses achados arqueológicos de modo a poderem ser estudados e divulgados.





Mapa 1 – Área prospectada no âmbito da arqueologia subaquática.





# 3 - ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Rita Ferreira Anastácio

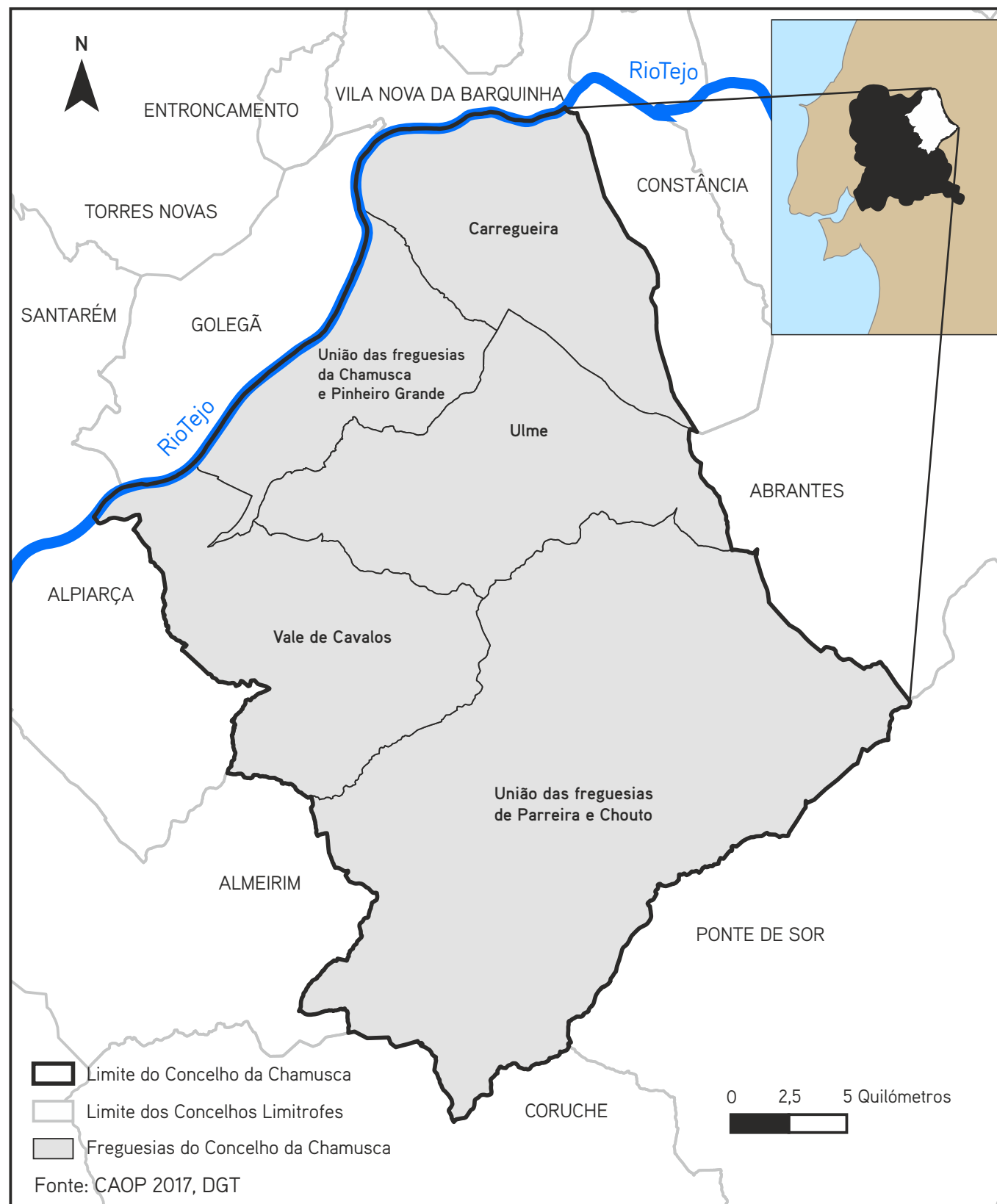
O concelho da Chamusca situa-se em Portugal Continental, no distrito de Santarém, na NUT II Alentejo, e NUT III Lezíria do Tejo, na margem sul do Rio Tejo, sendo uma zona de passagem entre o Norte e o Sul, o litoral e o interior. Tem como concelhos adjacentes, Vila Nova da Barquinha, Constância, Abrantes, Ponte de Sor, Coruche, Almeirim, Alpiarça e Golegã. É composto

pelas cinco freguesias: Carregueira, União de Freguesias da Chamusca e Pinheiro Grande, Ulme, Vale de Cavalos e União de Freguesias de Parreira e Chouto (Mapa 2).

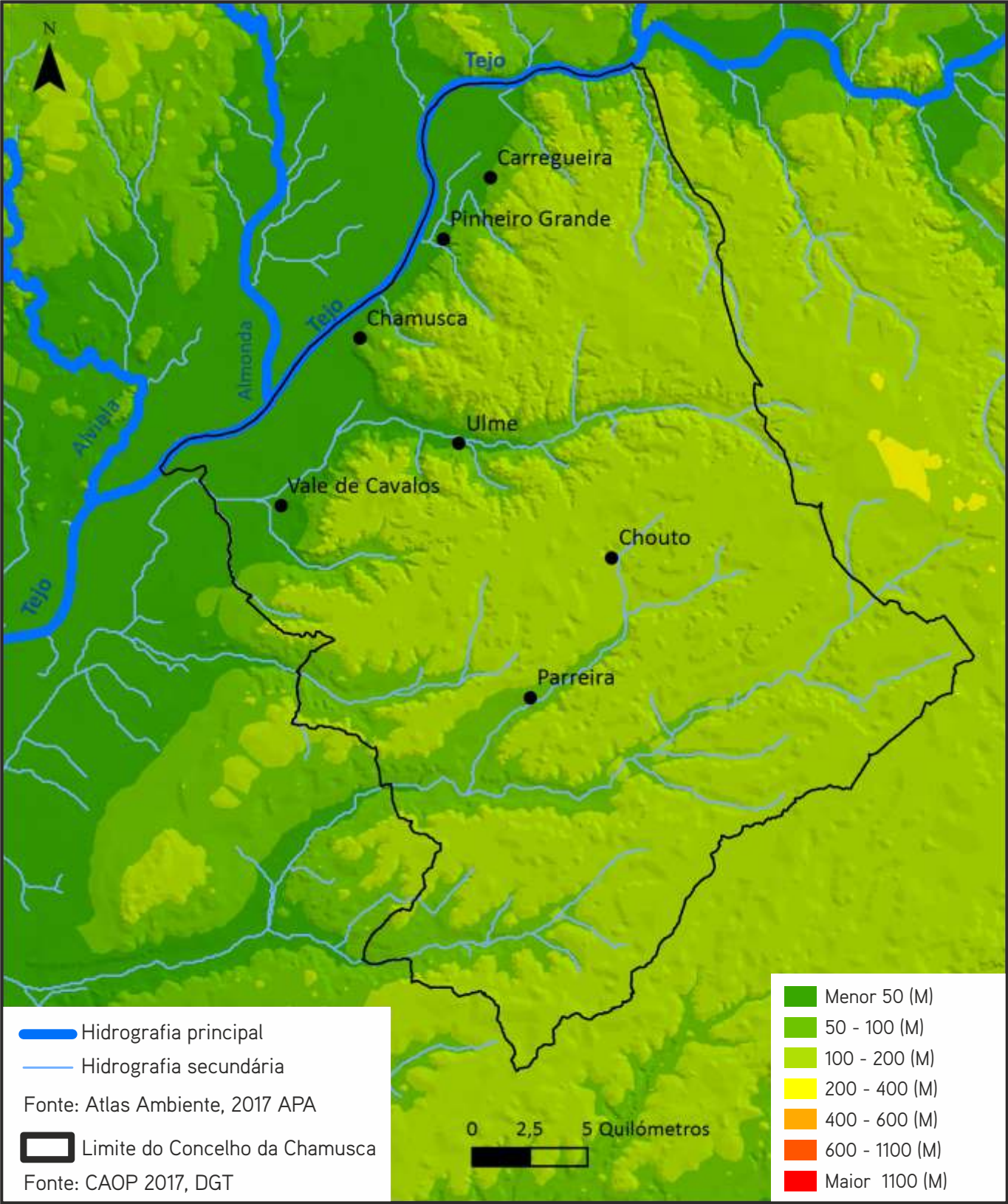
O concelho da Chamusca ocupa uma área de 74600,5 hectares, estando distribuída pelas Freguesias referidas, segundo a Tabela 1.

Freguesia	Área (Ha)
Carregueira	9864,50
Ulme	12179,78
União de Freguesias da Chamusca e Pinheiro Grande	6709,90
União de Freguesias de Parreira e Chouto	33841,25
Vale de Cavalos	12005,03

Tabela 1 – Área das freguesias do concelho da Chamusca (Fonte: CAOP, 2017)



Mapa 2 – Localização geográfica do Concelho da Chamusca.



Mapa 3 – Relevo e hidrografia do Concelho da Chamusca.

Segundo (AAVV, 1995) o concelho da Chamusca apresenta uma área de planície correspondente à lezíria, vale do Rio Tejo com altitudes

no máximo até 50 metros e uma área de planalto denominada charneca com altitudes máximas de 200 metros (Mapa 3).

## 4 - ENQUADRAMENTO GEOLÓGICO E GEOMORFOLÓGICO

António A. Martins  
Pedro Proença e Cunha

A área do concelho da Chamusca localiza-se na Bacia Cenozóica do Baixo Tejo, no troço inferior do Tejo que antecede o estuário, designado de troço IV, com orientação NNE-SSW e que vai do Arripiado a Vila Franca de Xira (Cunha *et al.*, 2005). Este troço é controlado pela zona de falha do Vale Inferior do Tejo e apresenta escadarias de terraços fluviais bem desenvolvidos e uma larga planície aluvial com cerca de 10 km de largura na parte jusante.

Em Portugal, o rio Tejo e seus tributários correm sobre granito, rochas metamórficas (principalmente filitos, metagrauvaques e quartzitos) e rochas sedimentares (areias, siltitos argilosos, margas e calcários) (Zbyszewski, 1958; Gonçalves, 1979), mas na área do concelho da Chamusca o rio corre unicamente em sedimentos brandos siliciclásticos, arenosos, ou argilosos da bacia sedimentar cenozóica.

O território da Chamusca é composto, essencialmente, por solos argilo-arenosos, encontrando-se a nascente aluviões do enchimento holocénico do Tejo. O terreno é, no geral, relativamente permeável, existindo importantes aquíferos. Terrenos com rochas metamórficas ou magmáticas são praticamente inexistentes, com a exceção de duas pequenas zonas de granito, uma em frente à ilhota do castelo de Almourol e outra próxima da vila de Ulme (Fig. 3).

O concelho pode ser dividido em três zonas com solos de características distintas:

- 1) a faixa compreendida entre a Estrada Nacional 118 e o rio Tejo, composta por solos carbonatados e inundáveis, classificados, quanto à capacidade de uso, nas classes A e B; é nesta parcela de território que se localizam as principais explorações agrícolas do



concelho, consistindo em culturas arvenses de regadio, pomares e vinha;

2) a norte da Ribeira de Ulme, com linhas de água pouco importantes, que definem pequenos interflúvios planálticos, compreendendo terrenos cuja capacidade de uso é baixa. São constituídos, essencialmente, por solos D e E e apresentam predominância de encostas expostas a Norte-Este e Sul-Oeste;

3) a sul da Ribeira de Ulme, zona que representa cerca de dois terços da área do concelho, onde as cumeadas estão mais erodidas, não se encontrando a situação de planalto tão bem definida, como a Norte. Aqui os terrenos de menor declive localizam-se ao longo das linhas de água, sendo as mais importantes a Ribeira de Ulme, Vale de Atela, Ribeira de Muge, Ribeira de Chouto e Ribeira da Calha Grou.



Fig. 3 – Bloco de granito de Ulme.

O relevo da área abrangida pelo concelho da Chamusca é formado por um vasto planalto, com altitude de cerca de 180 a 200 m a Este da Vila da Chamusca, mas que desce para sul e sudoeste, atingindo pouco mais de 130 m no limite do concelho da Chamusca com o concelho de Alpiarça. Este planalto corresponde à superfície culminante do enchimento sedimentar da Bacia Cenozóica do Baixo Tejo (Carvalho, 1968; Pais *et al.*, 2012). O vasto planalto é formado por uma unidade conglomerática e arenosa, "conglomerados de Serra de Almeirim" (Barbosa, 1995), equivalente no Ribatejo e na Beira Baixa à "Formação de Falagueira" (Cunha, 1992, 1996). Esta unidade marca o último episódio de enchimento sedimentar da bacia cenozóica e antecede o início do encaixe da rede de drenagem.

Durante a etapa de progressivo encaixe da rede hidrográfica (compreendendo, provavelmente, os últimos cerca de 1,8 Ma), o rio Tejo e os seus tributários desenvolveram uma sequência de seis níveis de terraços fluviais (T1 a T6), muitas vezes associados lateralmente a colúvies (Costa, 1984; Cunha *et al.*, 2005, 2008, 2012; 2016; Martins & Cunha, 2009; Martins *et al.*, 2009, 2010a, 2010b; Oosterbeek *et al.*, 2010). O último episódio do encaixe da rede hidrográfica é interrompido com o enchimento aluvial holocénico, em consequência

da rápida subida do nível do mar, que se seguiu ao período de máxima extensão glacial würmiana.

Na área da Chamusca (margem esquerda do Tejo), sector montante do troço IV, os terraços apresentam-se mais elevados, relativamente aos seus congéneres da margem direita. As alturas acima do leito do Tejo do terraço T1 variam entre +117 m a +104 m na margem esquerda e entre +85 m a +78 m na margem oposta. Naturalmente, estas diferenças são menores nos terraços mais recentes. O leito atual do rio encontra-se a 13 m de altitude. Indicam-se a seguir as alturas máximas acima do leito dos terraços (medidas tomadas em frente da Chamusca) e a sua provável idade obtida por datações nesta área e em outros troços do Tejo a montante e a jusante desta área:

– O terraço T1 encontra-se a + 115 m na margem esquerda e a + 85 m a oeste da Chamusca. Este terraço terá agradação sedimentar que abrangerá, provavelmente, ca. 1000 a 900 ka e tem uma espessura que atinge 13 m. É constituído por cascalheiras de blocos com matriz arenosa, de cor vermelha, apresentando textura de suporte clástico e clastos de quartzito (90-76%) e quartzo leitoso. Apresenta rubefação e é rico em fracção argilosa. Ainda não foram encontradas indústrias líticas no seio dos seus depósitos.



Fig. 4 – Terraços do Tejo (em último plano) na região de Vale de Cavalos.



– O terraço T2 situa-se a + 87m na margem esquerda e a +62 m na margem direita. Este terraço terá uma idade estimada em ca. 600 ka para os depósitos do seu topo, atinge 7 m de espessura e nele ainda não foram encontradas indústrias líticas. É constituído por cascalheiras de blocos com matriz arenosa, de cor castanho-vermelhada, com textura de suporte clástico e clastos de quartzito (80-69%) e quartzo leitoso. Apresenta um solo avermelhado enriquecido em fracção argilosa.

– O terraço T3 situa-se a +63 m na margem esquerda a +42 m na margem direita do rio Tejo. Tem uma espessura de ca. 10 m, com idade provável de ca. 460 a 360 ka. É constituído por cascalheiras de blocos com matriz arenosa, apresentando lenticulas de areias muito grosseiras, de cor castanho-vermelhada. A textura é de suporte clástico e tem clastos de quartzito (78-44%) e quartzo leitoso. Apresenta-se com rubefacção e enriquecido em fracção argilosa. Ainda não foram encontradas indústrias líticas no seio dos seus depósitos.

– O terraço T4 encontra-se a +40 m na margem esquerda e a +31 na margem direita. A idade do seu intervalo de agradação sedimentar é de ca. 335 a 155 ka (Cunha *et al.*, 2017a, 2017b). Tem

espessura de 23-30 m na região de Vale de Cavalos a Alpiarça. É constituído na base por cascalheiras de blocos e matriz arenosa, de cor castanho-vermelhada, com textura de suporte clástico e clastos de quartzito (75-68%) e quartzo leitoso. Superiormente ocorrem areias alternantes com siltes argilosos (verdes a cinzentos). Possui um solo avermelhado enriquecido em argila. Contém indústrias do Paleolítico Inferior (Acheulense) em níveis da base e intermédios e indústrias do Paleolítico Médio inicial em níveis do topo (Cunha *et al.*, 2016, 2017c).

– O terraço T5 está mal representado na margem esquerda do Tejo, mas considerando a posição dos terraços que o enquadram superior e inferiormente (T4 e T6), deverá situar-se a +17 m (altitude ca. 30 m) na margem esquerda e a +11 m na margem direita do Tejo. A sua espessura é de 9-10 m e o seu intervalo de agradação sedimentar terá uma idade de 135 a 73 ka. É constituído por uma unidade basal de cascalheira, sobreposta por uma unidade de areias grosseiras a finas e siltes argilosos com concreções carbonatadas pedogénicas, de cor esverdeada a cinzenta. O seu maior desenvolvimento espacial é entre Riachos, Golegã e Entroncamento (Carta Geológica de Abrantes) e para sudoeste nas áreas de Mato de Miranda,

Azinhaga (Carta Geológica de Torres Novas) (Zbyszewski, 1958; Gonçalves, 1979; Martins et al., 2009; Cunha *et al.*, 2016). Nos areeiros situados a oeste de Mato de Miranda, observam-se areias argilosas avermelhadas e acastanhadas com cascalheiras na base. Na margem direita do Tejo, este terraço está bem representado entre Vila Nova da Barquinha, Entroncamento e Golegã, onde atinge uma largura de cerca de 5-6 km (Zbyszewski, 1958; Gonçalves, 1979). Os depósitos deste terraço apresentam indústrias do Paleolítico Médio, com talhe Mustierense e Levallois.

– O terraço T6 situa-se a +12 m na margem esquerda e a + 4 m na margem direita. Tem uma espessura de ca. 18 m; os depósitos sedimentares do T6 foram datados de 62 a 32 ka. É constituído por areias grosseiras cascalhentas com cor amarelada, sem matriz argilosa. Localmente pode ter uma base cascalhenta e um topo com finas

intercalações de areias eólicas médias a finas e siltes. Os clastos são de quartzito e quartzo leitoso, com alguns de metagrauvaques. Os seus constituintes minerais apresentam uma pouco significativa meteorização química e a fração argilosa é escassa; estas características sugerem clima frio, enquanto as dos outros terraços indicam um predominante clima temperado mediterrânico. Este terraço contém indústrias do Paleolítico Médio final (Mustierense final).

Em síntese, nos terraços do Baixo Tejo ainda só foram encontrados materiais arqueológicos *in situ* nos depósitos sedimentares do T4, T5 e T6. A relação dos sítios com os terraços que possuam datações absolutas é importante para se conhecer a sua idade com rigor e o estudo sedimentológico é fundamental para a interpretação da coeva dinâmica sedimentar, paleogeografia e proveniência dos materiais líticos.

## 5 - CARACTERIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA

### 5.1 - A Pré-História Antiga

Silvério Figueiredo  
Mário Santos (†)  
Ana Graça

031

#### 5.1.1 - O Paleolítico

Foi durante o Paleolítico que o Homem evoluiu biologicamente e tecnologicamente. Assim, durante a maior parte deste período, as espécies humanas eram diferentes das atuais, sendo as sociedades paleolíticas constituídas por comunidades de caçadores-recolectores. Elas ocupavam o território de forma diferente conforme os recursos que usavam e a forma como os exploravam, demonstrando conhecer bem as condições naturais (Cardoso, 2007). Em termos

genéricos o Paleolítico pode-se dividir em Paleolítico Inferior, Paleolítico Médio e Paleolítico Superior.

##### Paleolítico Inferior Arcaico

É o mais antigo período da história da humanidade e caracteriza-se pelo aparecimento dos primeiros utensílios de pedra lascada, em África, que constituem a cultura que se denominou

Olduvaiense, caracterizada por uma indústria que visa processar rapidamente os animais mortos, de talhe oportunista, cujos utensílios eram constituídos essencialmente por *choppers* (seixos talhados) e por núcleos com um número reduzido de levantamentos.

No continente europeu, o Paleolítico Inferior Arcaico está representado pelas chamadas indústrias pré-acheulenses ou pebble culture. Em Portugal este tipo de indústria está representada no litoral, normalmente em praias elevadas, destacando-se o Magoito (Sintra) e Açafora, por serem os locais onde se recolheram o maior número de artefactos ou pseudo-artefactos (Figueiredo & Carvalho, 2007). No entanto, esta atribuição cronológica deve ser encarada com fortes reservas, pois as indústrias encontradas são constituídas por peças com um número reduzido de levantamentos e em antigos contextos de alta energia, como são os depósitos marinhos (Figueiredo & Carvalho, 2007).

### Paleolítico Inferior Pleno

Este período difere do anterior pelo carácter da mudança da *pebble culture* para uma indústria

mais elaborada, embora constituída também por elementos nucleiformes. As primeiras indústrias do Paleolítico Inferior Pleno (denominadas abbevillenses) apareceram entre os 700 Ka e os 500 Ka<sup>1</sup>, estando associadas ao acheulense antigo. Nestas indústrias, os artefactos mais comuns são os bifaces e os triedros de feição arcaica e bastante rudimentar. O acheulense médio ou pleno é caracterizado por uma indústria lítica entre o arcaico e o evoluído, principalmente ao nível dos bifaces. É a fase do Paleolítico Inferior que possui o maior número de estações arqueológicas conhecidas. Por fim, há cerca de 100 000 anos, entra-se no acheulense final ou superior, denominado micoquense. É por esta altura que os bifaces atingem toda a sua perfeição, ao serem considerados autênticas obras de arte. Durante este período apareceram e desapareceram várias espécies do nosso género.

O Paleolítico Inferior Português encontra-se localizado em terraços fluviais, nomeadamente nas principais redes hidrológicas do território nacional. O Tejo é, de todos, o que possui mais sítios, destacando-se as estações de Vila Ruiva e Monte Famaco (Vila Velha de Ródão), Vale do Forno (Alpiarça), Ribeira da Atalaia (Vila Nova da

<sup>1</sup> A abreviatura ka significa mil anos

Barquinha), algumas já datadas por métodos de datação absoluta (Figueiredo & Carvalho, 2007, Cunha *et al.*, 2017b, 2017c). No entanto, também nos terraços de outros rios também existem jazidas do Paleolítico Inferior, sendo disso exemplo, o Guadiana e seus afluentes, as imediações da lagoa de Óbidos e o rio Lis (Leiria). O micoquense encontra-se conhecido em Milharós, na zona de Alpiarça (Raposo, 1995, Cunha *et al.*, 2017 c).

### O Paleolítico Médio

O Paleolítico Médio é essencialmente representado por indústrias atribuídas ao mustierense, que se caracteriza pelo aumento dos utensílios sobre lascas e pelo maior recurso à técnica levallois. No início do Paleolítico Médio ainda subsistiram alguns bifaces, que desaparecem por completo no mustierense mais avançado. Assim, o que distingue o Paleolítico Médio Pleno do Inferior é a inexistência de bifaces. No Paleolítico Médio generaliza-se o uso das lascas como suportes de utensílios e o aparecimento de novas tecnologias líticas.

As indústrias do Paleolítico Médio apresentam algumas inovações, nomeadamente a utilização do osso e do chifre no fabrico de instrumentos. O registo arqueológico indica que o *Homo neandertalensis* (associado ao Paleolítico Médio)

caçava em grupo animais de grande porte e que foi a primeira espécie humana a enterrar os seus mortos, o que implica uma sociedade organizada e espiritualmente mais desenvolvida que as dos seus antepassados.

Uma importante parte das estações arqueológicas do Paleolítico Médio em Portugal encontra-se no vale do Tejo, entre as quais se destaca a Foz do Enxarique, em Vila Velha de Ródão, onde se encontrou um interessante conjunto faunístico, associado a indústria mustierense.

No Vale do Tejo há a destacar também as jazidas do Paleolítico Médio da região de Loures, onde predomina a utilização do sílex, ao contrário da maioria das estações do Tejo, onde a matéria-prima mais utilizada é o quartzito. De referir a bacia tributária do rio Trancão, já nas proximidades do estuário do Tejo, em Santo Antão do Tojal, onde se identificaram vários sítios com indústrias do Paleolítico, destacando-se a descoberta de restos de elefante antigo, no Esteio da Princesa (Sousa & Figueiredo, 2001; Figueiredo & Sousa, 2003; Figueiredo *et al.*, 2005a; Cunha *et al.*, 2017b, 2017c).

### O Paleolítico Superior

Na passagem do Paleolítico Médio para o Paleolítico Superior, verifica-se uma verdadeira

rutura a nível biológico e cultural, a espécie *Homo sapiens* substitui os Neandertais, que, por sua vez, se extinguem no final do Paleolítico Médio. As primeiras indústrias do Paleolítico Superior são denominadas aurignacenses. As outras indústrias conhecidas deste período são o gravettense, o solutrense e o magdalenense. Estes complexos industriais caracterizam-se essencialmente pelo método prismático utilizado para a obtenção de produtos alongados e pelo retoque abrupto (ângulos de retoque entre os 70º a 90º, em relação à plataforma de percussão), utilizado para a obtenção de pontas. De salientar que na fase final do Paleolítico Superior, o magdalenense, verifica-se uma profunda microlitização da indústria lítica. O aparecimento da Arte também é uma característica do Paleolítico Superior, sendo de referir o aparecimento de arte rupestre, ao ar livre e em gruta e de arte móvel, como as plaquetas de xisto do sítio do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa), ou em marfim, osso, haste ou argila.

Em Portugal existem várias estações arqueológicas do Paleolítico Superior com indústrias aurignacenses, gravetenses, solutrenses e magdalenenses. Grande parte destas estações foi encontrada na Estremadura. A destacar dos sítios

do Paleolítico Superior está o conjunto de gravuras rupestres do Vale do Côa, as pinturas e gravuras da Gruta do Escoural, em Montemor-o-Novo e a manifestação funerária do Vale do Lapedo, no distrito de Leiria.

As sociedades do Paleolítico Superior vivem em sistemas organizados, refletidos na organização da caça, no desenvolvimento de novas indústrias e, mais importante, no desenvolvimento da comunicação, como são exemplo alguns apitos em osso, rombos e mesmo flautas em marfim ou em osso (ulna) de grandes aves tais como abutres e cisnes.

Em termos geológicos, a história evolutiva do Homem, decorreu durante o atual período geológico: o Quaternário. Este período divide-se em Plistocénico (2,5 a 0,01 Ma<sup>2</sup>) e Holocénico (0,01 Ma à atualidade). O Plistocénico ocupa a mesma dimensão temporal do Paleolítico (2,5 a 0,01 Ma) e foi quando ocorreram importantes modificações geográficas e paisagísticas e alterações muito marcadas no clima.

Em termos climáticos, o Plistocénico caracterizou-se por períodos glaciários e intercalados por períodos interglaciares. Durante as glaciações, registou-se uma quebra acentuada geral da temperatura do planeta, a expansão das calotes

<sup>2</sup> A sigla Ma significa milhões de anos





Fig. 5 – Levantamento sistemático de materiais arqueológicos, com desenho e registo estratigráfico no terraço da Rua da Gamelinha.

geladas nos oceanos, nas regiões de maior latitude, o que levou a uma descida dos níveis dos mares, ao escavamento do leito dos rios, à desertificação ou rarefação da cobertura vegetal. Estas alterações transformaram a paisagem de diferentes regiões e conduziram a sucessivas migrações da fauna europeia, à fixação de faunas de climas frios (como o rinoceronte lanudo, o mamute e a rena, por exemplo) e ao abandono de importantes áreas geográficas por parte do Homem.

Algumas zonas da Europa temperada apresentavam um clima semelhante ao do extremo setentrional do continente, dominado pela tundra, onde se encontravam animais como a rena, o mamute e o rinoceronte lanudo. Por outro lado, a Europa Meridional também foi atingida por estas mudanças climáticas que levaram ao desenvolvimento de florestas temperadas e a sobrevivência de fauna com características temperadas.

Nos períodos interglaciares, a redução das calotes geladas nos oceanos levou a uma subida dos níveis dos mares e originou a formação de praias em alturas mais elevadas do que o nível do mar atual. Durante o Plistocénico verificou-se a alternância de períodos de escavamento e de agradação sedimentar fluvial, dando origem a escadarias de terraços fluviais. O aumento do caudal dos rios e das temperaturas permitiu o

desenvolvimento do coberto vegetal e a consequente fixação de terras e formação de solos. Assim, verificou-se a fixação de faunas de climas temperados (como o veado, o bisonte, o auroque e o javali) e a ocupação humana regular de regiões situadas em latitudes mais setentrionais.

Estas alterações ficaram registadas no registo sedimentar do rio Tejo: nos seus terraços observáveis ao longo do seu curso e que contêm artefactos humanos, nalguns casos constituindo importantes sítios arqueológicos do Paleolítico. Por esta razão, o Tejo tem um dos maiores conjuntos de sítios arqueológicos pertencentes ao Paleolítico Inferior e Médio em Portugal, tais como os sítios paleolíticos do Vale do Forno (Alpiarça) (Raposo, 1995; Cunha et al., 2017a), o sítio do Paleolítico Médio da Foz do Enxarrique, em Vila Velha de Ródão (Brugal e Raposo, 1999), onde se encontrou um importante conjunto de vestígios líticos e faunísticos, ou o sítio do Paleolítico da Gamelinha (Chamusca) (Fig.5, Fig.6), localizado num terraço Plistocénico de um afluente do Tejo (Coimbra *et al.*, 2017).

As indústrias líticas que abundam no vale do Tejo caracterizam-se por um predomínio do quartzito como matéria-prima, com exceção das da zona norte do estuário, onde predomina o sílex (Figueiredo *et al.*, 2005b). Esta abundância de



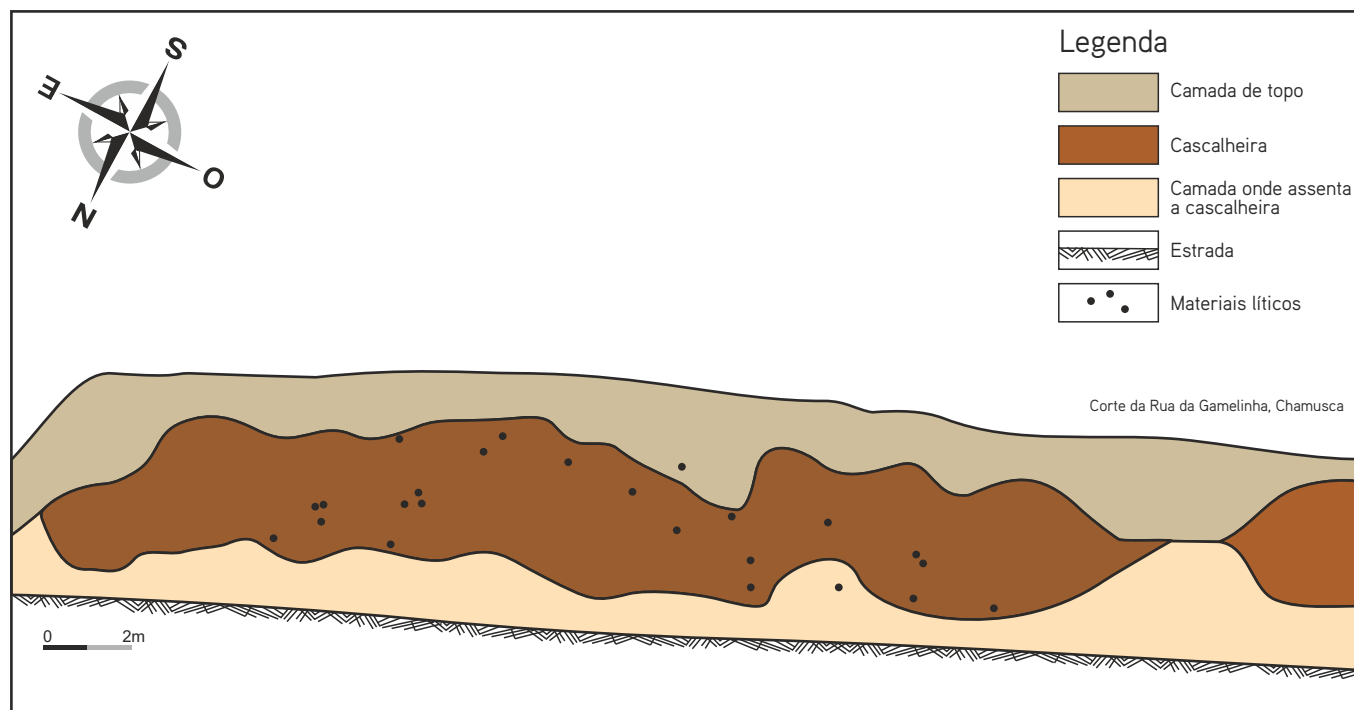


Fig. 6 – Desenho do corte estratigráfico da Rua da Gamelinha, com a indicação da localização dos artefactos (pontos a negro).

sítios paleolíticos torna assim, o vale do Tejo, onde se insere o município da Chamusca, como um importante polo para o estudo do Paleolítico em Portugal.

Os terraços plistocénicos do Tejo que ocorrem no concelho da Chamusca encerram um importante conjunto de artefactos líticos, principalmente de quartzito. Durante a elaboração da presente Carta Arqueológica foram identificados 30 sítios paleolíticos, quer inéditos, resultantes dos trabalhos de prospeção, quer resultantes de

anteriores trabalhos realizados no concelho (Cunha *et al.*, 2008, Cunha *et al.*, 2017c), existentes em depósito na CMC, ou em outras instituições, como o Museu Geológico e o Centro de Interpretação de Arqueologia do Alto Ribatejo, em Vila Nova da Barquinha. Dos sítios em depósito na CMC (14), no Museu Geológico (8) e os identificados durante os trabalhos de campo (16), foram estudados mais de 350 artefactos (essencialmente seixos talhados, lascas, núcleos e alguns utensílios).



Fig. 7 – Biface em quartzito encontrado na Rua da Gamelinha.

### 5.1.2 - O Epipaleolítico

A designação Epipaleolítico, utilizada por alguns teóricos distinguindo o Mesolítico Antigo, corresponde à fase inicial do Mesolítico, em que tanto as tecnologias utilizadas como os modos de vida eram fundamentalmente os mesmos do Paleolítico. Para estes autores, o verdadeiro Mesolítico corresponde à fase seguinte, quando se observam todas as características deste período.

É um momento de transição situado temporalmente depois da glaciação de *Würm* (a última glaciação). O nível do mar sobe bastante e de forma relativamente rápida, sendo o clima inicial nesta fase temperado e depois quente e seco. As comunidades estão totalmente afastadas de qualquer subsequente processo de neolitização. Essa distinção é fundamentada também a nível tecnológico, onde a indústria lítica apresenta um reduzido número de micrólitos, ao contrário do mesolítico. Os micrólitos são principalmente

lamelares, não geométricos existindo poucos exemplos de geométricos.

Existem também artefactos macrolíticos, sobre seixos rolados e de talhe unifacial, podendo alguns materiais recolhidos no concelho da Chamusca, por outras equipas, e atribuídos genericamente ao Paleolítico serem, na realidade, datados do Epipaleolítico ou mesmo do Neolítico.

São atribuídos ao Epipaleolítico, por exemplo, o sítio da Penha Verde, em Sintra, alguns concheiros no litoral, grutas e abrigos com acumulação de conchas e estações de ar livre afastadas do litoral (Cardoso, 2007). Nalguns sítios, as espécies representadas pelas conchas são variadas sendo algumas utilizadas como ornamentos.

Alguns autores consideram ainda como pertencendo ao Epipaleolítico algumas gravuras rupestres do complexo do Vale do Tejo (Gomes, 1987; 1989).

### 5.1.3 - O Mesolítico

O Mesolítico é um período caracterizado por uma fase de desenvolvimento tecno-económico das sociedades, realizando a transição entre o Paleolítico e o Neolítico. No território Português,

em termos cronológicos podemos situar o Mesolítico no período que vai entre 9000-6000 a.C., tratando-se de uma fase bastante complexa e apresentando uma enorme variabilidade.

A nível tecnológico caracteriza-se pela produção de micrólitos geométricos (elementos cortantes ou perfurantes), a invenção do arco e da flecha e a construção de pequenas embarcações.

A nível territorial caracteriza-se pela sazonalidade e pela frequência de ecossistemas diferentes ao longo do ano e, a nível económico, por um tipo de subsistência de amplo espectro.

A nível sociocultural caracteriza-se pela ausência de conflitos generalizados e por complexos comportamentos rituais e funerários.

As populações alimentavam-se de uma gama vasta de mamíferos e de bivalves estuarinos e de zonas litorais.

O início do Mesolítico coincide com um fenómeno climático, o terminar do último episódio glacial e o início do Holocénico. Considera-se que o Mesolítico termina quando aparecem as primeiras comunidades produtoras neolíticas ou em vias de neolitização.

Neste período, de grandes transformações, o clima tornou-se cada vez mais temperado, verificando-se quantidades cada vez maiores de água em estado líquido. Já na fase climática designada pelo período Atlântico (ca. de 7.500 BP, aproximadamente ca. 5500 a.C.), a influência das marés reduziu-se significativamente para montante e aumentou a sedimentação. Assim, certas zonas habitadas por estas comunidades deixaram de ter

acesso a águas estuarinas e à sua fauna típica. Além disto, deram-se modificações das coberturas vegetais e mesmo das populações animais. A evolução climática e paisagística teve um enorme impacto sobre os modos de vida e sobre a organização sociocultural das populações. Muitos dos sítios habitados poderão ainda não ser conhecidos por estarem cobertos devido à intensa subida do nível do mar e do assoreamento neste período.

No final do Mesolítico os concheiros são ocupados numa base permanente mas com grande mobilidade dos indivíduos, associada às atividades paralelas de caça. A indústria lítica é essencialmente microlítica geométrica, nalguns casos recorrendo a matéria-prima local mesmo quando era de qualidade inferior.

Em Portugal, as ocupações mais conhecidas além do litoral são as do vale do Sado e do Guadiana. Há contudo, no interior do país, a estação do Prazo (Vila Nova de Foz Côa) (Cardoso, 2007), com peças de micrólitos trapezoidais em rocha local.

Apesar de não terem sido identificadas, ainda, seguramente estações arqueológicas mesolíticas no concelho da Chamusca, com a eventual exceção do sítio da Lagoa da Murta, na Carregueira (Portal do Arqueólogo), as principais estão localizadas no Vale do Tejo, destacando-se os famosos concheiros ribatejanos de Muge.

## 5.2 - Pré-História Recente e Proto-História

Ao contrário da Pré-História Antiga e da Romanização, que contam com o maior número de sítios e vestígios arqueológicos no território da Chamusca, a Pré-história Recente e a Proto-História são, até ao momento, alguns dos períodos cronológicos menos conhecidos relativamente à arqueologia deste município. Devido a uma certa escassez de informações decidimos abordar, numa mesma secção, o tempo que vai desde o início do Neolítico até ao final da Idade do Ferro,

separando em dois capítulos diferentes o Neolítico e o Calcolítico (da responsabilidade de Alexandra Figueiredo) e a Idade do Bronze/Idade do Ferro (da responsabilidade de Fernando Coimbra). Todavia, congratulamo-nos com o facto de os trabalhos relativos à Carta Arqueológica do Concelho da Chamusca terem contribuído para a descoberta de diversa informação inédita relativamente aos períodos cronológicos tratados nos dois capítulos seguintes (5.2.1 e 5.2.2).

### 5.2.1 - Neolítico e Calcolítico

Alexandra Figueiredo

As primeiras sociedades produtoras de alimentos apareceram, no território hoje português, por volta de 5000 a.C. e vêm marcar uma nova forma de vida do Homem pré-histórico.

O Neolítico e posteriormente o Calcolítico, que se prolonga até sensivelmente 2000 a.C., trazem consigo um conjunto de inovações que se traduzem em novos comportamentos e que vão ser expressos quer a nível da vida quotidiana, quer no âmbito dos cultos e rituais.

Esta nova forma de estar vai sendo adaptada pelos grupos endógenos que habitam o médio Tejo português, desenvolvendo técnicas e comportamentos associados à exploração do ambiente, traduzindo-se implicitamente na agricultura, ainda que inicialmente incipiente, na domesticação dos animais e em novos objetos, como os recipientes cerâmicos e os artefactos polidos.

A ideia da potencialidade da natureza poder ser manipulada, resultando daí uma maior produ-

ção ou controlo sobre os alimentos, poderá ter chegado a esta região, por contatos de povos alógenos que usariam o rio, como via de acesso ao interior. Aqui, alguns destes grupos estrangeiros podem também ter-se instalado, criando redes de contatos com as comunidades localizadas mais a litoral e explorando os recursos que esta região oferecia.

As necessidades que estão conectadas à agricultura e à domesticação vão levar a assentamentos localizados em terrenos abertos e férteis, inicialmente sem qualquer construção estrutural de defesa. À medida que as comunidades vão associando estas práticas, em complemento com a caça, pesca e recolção, vão criando conceitos e preocupações de ligação à terra, fixando-se na região. Assim, as comunidades de caçadores colectores nómadas ou seminómadas vão dar lugar a comunidades cada vez mais produtivas e sedentárias, que implicitamente detêm comportamentos ligados ao quotidiano e à vida económica e social, reconhecendo um determinado território como seu, sobretudo a partir do momento em que nele desenvolvem ações que requerem tempo para obter resultados.

Fixando-se, dão também início a construções mais ou menos evidentes, com a intenção de se perpetuarem no tempo, que abraçam também

conceitos simbólicos e culturais, sejam votivas ou fúnebres, como é o caso dos monumentos megalíticos. Estas, ainda que não reconhecidas na Chamusca, são bem visíveis nos concelhos vizinhos. A diversidade de estruturas observadas, sejam de grande ou pequena dimensão, com estruturas evidentes ou dificilmente perceptíveis, associadas ou isoladas, podem ser explicadas pela diversidade cultural de povos que a esta região afluíria. Como exemplo, destacamos o caso dos monumentos da Jogada (Cruz, 1997; Cruz, *et al.* 1998; Cruz, *et al.* 2000; Cruz, 2003; 2004) e Vale de Chãos (Cruz, 1997; Cruz e Oosterbeek 1998), na componente dolménica funerária; o caso do Cromleque do Alqueidão (Figueiredo, 2006), e o menir de Vale do Chãos (*Idem*, *ibidem*), ambos em Abrantes, no registo da estruturação de elementos construtivos de cariz simbólico/votivo; as grandes mamoadas de Martinchel e Mendroa (*ibidem*, *ibidem*), bem evidentes, pelas suas dimensões; ou as pequenas cistas de Martinchel, a Água das Casas (neste caso pertencentes à Idade do Bronze), que se prolongam ao longo da atual via nacional, no topo do morro que corre por esta zona (*ibidem*, *ibidem*); ou os monumentos da Jogada V e de Colos (Gaspar e Batista, 2001), que se associam a afloramentos naturais.

Também na Chamusca estas construções megalíticas terão com certeza existido, sendo





Fig. 8 – Cerâmica manual do Cabeço da Murta.

necessário uma continuação dos trabalhos para a sua devida perceção e entendimento.

Esta questão de ligação e territorialidade vai-se intensificando nos períodos posteriores, como é o caso do Calcolítico, pela escolha de implantação dos habitats em zonas mais ou menos elevadas, para controlo de recursos, onde destacamos:

- **Cabeço da Pereira I**, localizado na Carregueira, no limite do concelho, entre a Chamusca e Santa Margarida da Coutada, em Constância (Batista, 2004), à cota de 145m e com uma dispersão de mais de 2500m<sup>2</sup>. Neste sítio foi possível encontrar um conjunto de objetos macro-líticos, alguns elementos em sílex, fragmentos cerâmicos de cerâmica manual lisa e fragmentos de machados polidos, de secção retangular. Próximo a este local, em continuação a esta ocupação, mas já no concelho de Constância, observa-se ainda o Cabeço da Pereira II e III, com a proposta de uma cronologia idêntica.

- **Cabeço da Murta**, presente em Ulme, a uma cota de 133m. Este local implanta-se no topo do cabeço, controlando, em toda a sua orientação, uma extraordinária visibilidade sobre a paisagem. Não se verificaram estruturas de defesa, pelo menos à superfície e o espólio revela a presença de materiais em quartzito, quartzo leitoso e sílex,

bem como diversos elementos cerâmicos, de produção oxidante e fabrico manual (Fig. 8). Associados registaram-se ainda fragmentos de instrumentos em anfibolito polidos.

Este tipo de implantação, ainda que aparentemente, sem estruturas de defesa verificáveis, permite um controlo visual da zona de planície por onde meandra o rio, bem como detém uma excelente visibilidade sobre o interior. Este posicionamento permitiria, a estas comunidades, um conhecimento prévio da chegada de outros grupos a esta região e um domínio sobre os recursos e vias de acesso, como era o caso do rio Tejo.

Em alguns casos, a distância, visibilidade e posicionamento permitia uma fácil interconexão entre habitats. Por exemplo, mesmo em frente ao Cabeço da Murta, em Ulme, regista-se o sítio Senhor do Bonfim (Fig. 9), que apresenta vestígios que o integra, pelo menos, desde a Proto-história e que, sendo contemporâneos, garantiria uma conexão social e relação específica na ocupação do território.

Se olharmos para o Mapa 6, que apresenta a dispersão de sítios, percebemos que os mesmos se concentram junto ao Tejo e afluentes, numa relação direta com os recursos que este ofereceria, nomeadamente na componente piscícola ou de



Fig. 9 – Visibilidade (com teleobjetiva) entre o cabeça da Murta e o Senhor do Bonfim.

via de contato com outras comunidades. Para o interior, sobretudo a sul, os sítios rareiam, sendo que assumimos que também possam existir e que esta perceção se deva aos poucos dados e trabalhos arqueológicos que ocorreram nesta zona, carecendo, por isso, de prospeções mais dirigidas<sup>3</sup>. Seja como for, para o momento, consideramos o Tejo como o grande mecanismo que permitiria o desenvolvimento e a criação de dinâmicas nesta região, devendo-se-lhe dar uma atenção especial, nomeadamente na morfologia e dimensão que descreveu ao longo do tempo, seja pelos vestígios que guarda e que poderão transcrever uma melhor imagem do seu uso, na área estudada na presente obra.

Típico, deste período, é ainda a nova tecnologia de construção da utensilagem lítica, que se vai processar, a par do talhe, na técnica de polimento para a construção de machados, enxós e outros artefactos ligados à construção de clareiras e cultivo dos campos. Estes artefactos, que claramente indiciam a entrada no Neolítico, têm aparecido na Chamusca, sendo exemplo de caso os recuperados como achados isolados, atualmente à guarda do Clube Agrícola, de proveniência desconhecida (Fig. 53), dos exemplares registados no sítio Cabeço da Pereira I, (Batista, 2004, p. 111-112) ou o pequeno fragmento que registámos aquando de prospeções no sítio de Cabeço da Murta (Fig. 10).



Fig. 10 – Fragmento de possível enxó, em anfibolito, recolhido no Cabeço da Murta, Ulme.

<sup>3</sup> Todavia, recordamos que alguns locais com eventual potencial arqueológico se situam em ganadarias de grado bravo, onde não tivemos acesso.



Estes materiais polidos são observados em associação com elementos macrolíticos, em quartzito. Esta característica é evidente nas estações da pré-história recente ao longo do médio Tejo português e afluentes, tendo sido definida por indústria "Languedocense" e descrita como "um tecno-complexo industrial de larga diacronia" (Cardoso, 2002: 132), reconhecendo-se, por exemplo, este tipo de situação, nas estações arqueológicas fúnebres, sejam de cariz megalítico (Oosterbeek, 1997; Cruz, 1997; Batista e Gaspar, 2004; Figueiredo, 2005; 2006; 2007; 2010; 2012); em cavidades (Oosterbeek, 1997); ou nas estações de habitat, como o sítio de Vale de Chãos, em Abrantes; o sítio da Amoreira, em Constância ou o Castelo da Loureira (Figueiredo, 2006; Figueiredo et al. 2014), localizado em Alvaiázere, prolongando-se, neste último caso, numa ocupação até à Idade do Ferro, demonstrando claramente a perpetuação no tempo do uso destes instrumentos.

Isto levou alguns investigadores (Cruz *et al.* 2000) a considerarem que não seria possível, nesta região, classificar os sítios, sobretudo os detetados em prospeção, por critérios tipológicos ou tecnológicos. Como referem "tais indústrias que ocorrem indubitavelmente em contexto

Holocénico, não são facilmente triáveis de entre as indústrias macrolíticas em geral (fora do contexto estratigráfico conservado), e dominam os conjuntos líticos de sítios do Neolítico antigo do Tejo e do Megalitismo inicial no Zêzere, perdendo esse "estatuto" no Calcolítico (no qual ainda persistem)" (Cruz *et al.* 2000: 11). Desta forma, esta questão adverte para que alguns dos sítios reconhecidos como possíveis locais de cronologia paleolítica (presentes no portal do arqueólogo), devido à descoberta, em prospeção, de um grande conjunto de macrolíticos (lascas ou seixos talhados) e inexistência de outros vestígios, poderem ser mais recentes e pertencerem à pré-história recente, pelo que uma determinação concreta da sua cronologia só será possível aquando de intervenções intrusivas nestas áreas e uma correta integração e análise do quadro estratigráfico.

O facto da presença destes materiais, em alguns contextos, se registarem numa quase totalidade ou grande percentagem de vestígios observáveis, permite, enquadrá-los numa interpretação possível de oficinas de talhe, de ocupação esporádica pelas comunidades, para a construção de instrumentos em quartzito. Este tipo de interpretação pode ser considerada para os seguintes sítios:

• **Famão** (Ulme), onde recuperámos, durante a prospeção, diversos seixos talhados e lascas em quartzito, sendo raros os materiais em sílex. Neste caso em concreto, obtivemos ainda pequenos fragmentos de cerâmica de fabrico manual, muito rolados, sem decoração ou forma identificável, que permitem, com alguma segurança, integrá-la na pré-história recente. Foi ainda recuperado um percutor em granito.

• **Fapulme** (Ulme), registado no âmbito de um EIA (Portal do Arqueólogo), com um espólio muito semelhante ao recuperado em Famão, inclusive nos elementos cerâmicos.

• **Vale de Moinho** (Carregueira), tendo sido, neste caso, desenvolvidas sondagens (Portal do Arqueólogo). Nos trabalhos efetuados não se observaram cerâmicas ou indícios estruturais, e os elementos quartzíticos somente se registaram a um nível muito superficial;

• **Lagoa da Murta 1 e 2** (Ulme), descoberto aquando de prospeções (Gomes, 2015), onde se verificaram alguns elementos em sílex, mas também numa percentagem muito menor aos elementos em quartzito.

Como é possível perceber, nos locais identificados, o sílex não é um material abundante, devido, provavelmente, ao distanciamento das

jazidas a esta zona, e à possível funcionalidade da mesma, considerando que o Homem pré-histórico se deslocava a estes sítios somente para o talhe e construção de objetos. Assim, estes depósitos serviriam como recurso para a exploração de seixos, resultando o talhe quartzítico, num aproveitamento oportuno do que esta matéria-prima oferecia para a manufatura de instrumentos e ferramentas líticas. Essa exploração, durante este período, ocorreria em tempos curtos, mas sucessivos, sendo a zona de habitat, tal como observamos no registo arqueológico da Chamusca, em zonas de maior elevação, como o Cabeço da Murta (Ulme).

Contudo, os dados obtidos com os trabalhos desenvolvidos para esta carta arqueológica, são ainda bastante preliminares, carecendo, este plano e as interpretações avançadas, de um aprofundamento e prospeções intensivas para confirmar ou avançar com outras hipóteses interpretativas e reconhecimento de novos sítios.

Entre outros vestígios que se registam na Chamusca e que caracterizam esta fase, destaca-se uma placa de xisto decorada, descoberta na zona de Vale de Cavalos (Correa, 1928). Este tipo de artefacto é interpretado como um objeto simbólico, de caráter cultural, normalmente associado a monumentos megalíticos, mas também visível, em menor frequência, em habitats





Fig. 11 – Placa de Xisto decorada, registada em Vale de Cavalos (adap. Correa, 1928).

Topónimo	Freguesia	Vestígios registados	Tipologia de ocupação	Observação
Famão	Ulme	Lascas e núcleos em quartzito; Percutores em granito; Fragmentos pequenos de vasos cerâmicos de fabrico manual.	Oficina de talhe	Inédito
Cabeço da Murta/Pereiro	Ulme	Fragmentos cerâmicos; Lascas e núcleos em quartzito e sílex; Fragmento de enxó polida, em anfibolito.	Habitat	Inédito
Mãe d'Água	Carregueira	Lascas em quartzito.	Indeterminado	Graça, 2009
Cabeça Pereiro I	Carregueira	Núcleos e lascas em quartzito; Lascas em sílex; Fragmentos cerâmicos de fabrico manual; Fragmentos de artefactos polidos em anfibolito.	Habitat	Batista, 2004
Fapulme	Ulme	Artefatos em quartzito e cerâmica de fabrico manual.	Oficina de talhe	Portal do Arqueólogo (Canha, 2004)
Vale Moinho	Carregueira	As sondagens realizadas em 2006 permitiram reconhecer utensilagem lítica somente nos níveis superficiais.	Oficina de talhe	Portal do Arqueólogo (Pereira e Pereiro, 2006)
Lagoa da Murta 1 e 2	Ulme	Essencialmente restos de talhe líticos em quartzito e alguns em sílex.	Oficina de talhe	Portal do Arqueólogo (Gomes, 2015)
Portela II	Carregueira	Utensilagem lítica em quartzito e uma lâmina em sílex.	Oficina de talhe	Batista, 2004
Indeterminado	Vale de Cavalos	Placa de xisto decorada, com duas perfurações na zona superior.	Indeterminado	Correa, 1928

Tabela 2 – Quadro com as informações referentes aos sítios arqueológicos considerados do Neolítico/Calcolítico.

do Calcolítico. Esta placa apresenta duas perfurações no topo e uma decoração por bandas zigue-zagueadas, intercaladas com bandas retas, preenchidas a traços paralelos diagonais. A placa em questão, atualmente à guarda do Museu Mendes Correa, no Porto, encontra-se fraturada num dos cantos da base e apresenta uma morfologia trapezoidal (Fig.11).

A localização concreta do achado não foi identificada na obra publicada por M. Correa e, em verdade, não registámos nenhum sítio em Vale de Cavalos da Pré-história Recente a que a pudéssemos associar diretamente. Todavia, em fase final de conclusão da presente monografia, tivemos conhecimento da descoberta de machados polidos num local de Vale de Cavalos (Charneca)<sup>4</sup>, de onde

<sup>4</sup> Informação pessoal de Sónia Simões, arqueóloga.

eventualmente poderá ser proveniente a referida placa de xisto.

Em conclusão, o registo arqueológico observado apresenta, até ao momento, pelo menos nove sítios que se poderão integrar na cronologia tratada neste capítulo, sendo que consideramos que pelo menos dois se tratam de *habitats* e cinco de oficinas de talhe (Tabela 2).

A ocupação neo-calcolítica observou-se essencialmente, com algumas exceções, nas

proximidades do Tejo, nas duas margens. A continuidade de ocupação, nas diferentes freguesias manteve-se para a Idade do Bronze, tornando-se cada vez mais evidente a metalurgia, que se inicia no Calcolítico, com a produção de cobre e se estende para a Idade do Bronze e posteriormente para a Idade do Ferro, bem como na componente da hierarquização social e na organização das sociedades mais complexas.

## 5.2.2 - Idade do Bronze e Idade do Ferro

Fernando Augusto Coimbra

A Idade do Bronze corresponde, na Europa, a um período caracterizado pela emergência e desenvolvimento de sociedades hierarquizadas. Este período "apresenta, em Portugal como em muitas partes da Península Ibérica, vários problemas de ordenamento interno e de cronologia relativa" (Delfino *et al.*, 2013: 181). Todavia, podemos considerar, de modo geral, uma periodização entre o início do II milénio a.C. até ao final do mesmo milénio (Idade do Bronze Pleno) e entre aproximadamente o séc. XI a.C. e o séc. VIII a.C. (Idade do Bronze Final), após a qual surgem as

primeiras evidências da utilização de um novo metal, o ferro.

Relativamente ao território do Concelho da Chamusca, a Idade do Bronze e a Idade do Ferro constituem dois dos períodos cronológicos até hoje menos conhecidos na região. Esta escassez de informação leva-nos a descrevê-los em um mesmo capítulo.

Entretanto, investigação desenvolvida em Abrantes, um dos municípios confinantes com o Concelho da Chamusca, demonstrou a existência de alguns povoados, datáveis da Idade do Bronze,

com a característica de não serem amuralhados mas destacando-se na paisagem e possuindo uma boa visibilidade do território envolvente, como acontece com os sítios abrantinos de Cabeça-Casa Branca, Monte Galego III e Portelas I (todos em Alvega), Colos II (São Facundo), Salvador (Pego) e Cabeça do Caneiro (São Miguel do Rio Torto), entre outros (Delfino et al. 2014). Este tipo de situação poderá eventualmente verificar-se também em terras chamusquenses, como por exemplo no caso dos sítios inéditos da Rua Nova da Nora/Lagarteira (Chamusca/ Pinheiro Grande) e do Cabeço da Murta (Ulme). Estes dois locais revelaram a existência de cerâmica manual (Fig. 8; Fig. 13) que, sem recurso a uma escavação, se torna mais difícil de datar mas que poderá ser incluída entre o Neolítico final e a Idade do Bronze<sup>5</sup>. Ambos se destacam na paisagem e têm uma excelente visibilidade do terreno envolvente, elemento fundamental para condições de defesa (Fig. 12).

Todavia, a ausência de muralhas em diversos povoados datados do Bronze Final do Ribatejo leva a crer num baixo nível de conflitualidade, como sugere Cardoso (2002). De acordo com o mesmo

autor, estes povoados seriam controlados por elites com prestígio acumulado, responsáveis pela coesão e estabilidade sociais das comunidades que chefiavam, tendo ainda o controle das produções agro-pastoris (Cardoso 2002).

Relativamente a estratégias de povoamento durante a Idade do Bronze no território hoje pertencente ao concelho da Chamusca, tal como se observou no município vizinho de Ponte de Sor, parece, em alguns casos, ser possível "estabelecer uma relação de continuidade com a permanência de alguns sítios de *habitat* de épocas anteriores, em paralelo com o aparecimento de novos povoados, abertos, que retomam modelos neolíticos" (Aavv, 1999: 37). Todavia, semelhantemente ao que se concluiu para aquele concelho alentejano, "só uma intervenção sistemática de investigação arqueológica, poderia esclarecer dúvidas e preencher vazios referentes ao conjunto de materiais" (Idem, ibidem).

Contudo, se em Ponte de Sor os autores da respetiva Carta Arqueológica não encontraram vestígios que possam ser atribuídos inequivocamente à Idade do Bronze (Idem, ibidem), em terras

<sup>5</sup> Esta ampla baliza cronológica deve-se ao facto de no Cabeço da Murta estes fragmentos cerâmicos surgirem, na sequência de buracos feitos por javalis, associados a lascas de quartzito e de sílex enquadráveis na Pré-história Recente. Uma escavação futura poderá definir melhor a cronologia.



Fig. 12 – Sítio arqueológico da Rua Nova da Nora, observado a partir de sul.



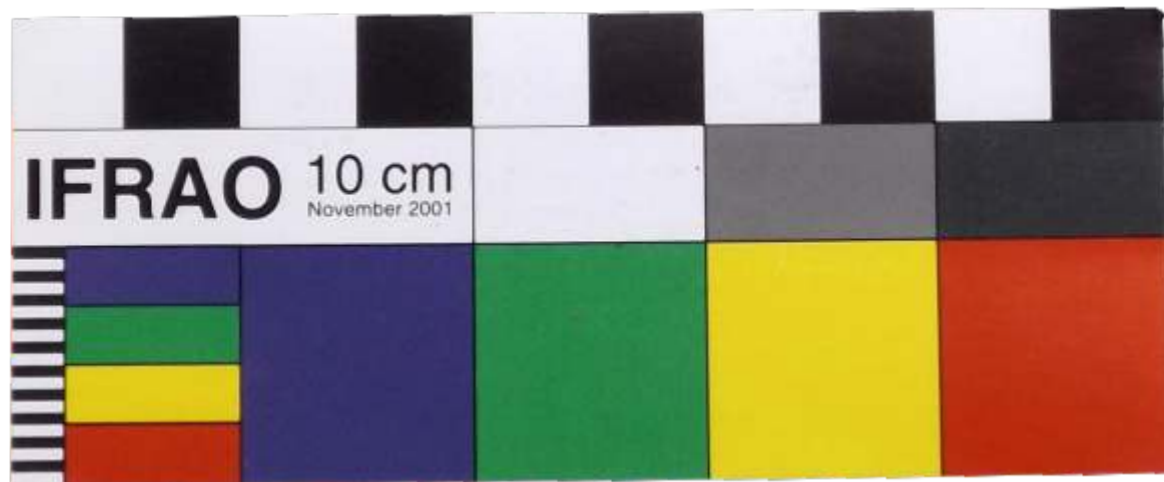


Fig. 13 – À esquerda, cerâmica manual; à direita cerâmica feita à roda, com decoração.  
Ambas provenientes da Rua Nova da Nora, atestando várias fases de ocupação.



da Chamusca existem alguns exemplos de espólio que pode ser, sem ambiguidade, atribuído àquela época. É o que se verifica no sítio de *habitat* do Alto do Carrinho (Carregueira), que foi descoberto em 1996 durante o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de instalação da rede de gás natural (Almeida e Maurício, 1996). Todavia, este local já tinha sido parcialmente destruído pela construção da EN118. Entretanto, sondagens realizadas pelos seus descobridores revelaram materiais arqueológicos atribuíveis à Idade do Bronze, como por exemplo fragmentos de cerâmica de fabrico manual com diversos tipos de decoração<sup>6</sup>, fragmentos de lâminas e lamelas em sílex e em quartzo hialino e um peso de rede com base num seixo do rio (Almeida e Maurício, 2004).

Este último artefacto evidencia a pesca com rede como uma das atividades económicas já praticadas pelas populações da Idade do Bronze que se estabeleceram no local<sup>7</sup>, que tiravam ainda sustento da agricultura, de acordo com "um

elemento de foice em quartzito recolhido aquando das prospecções de superfície" (Idem, Ibidem: 84).

Em terras da Chamusca existe ainda outro exemplo de um habitat da Idade do Bronze, como é o caso do Meirinho (Vale de Cavalos), onde se identificaram fragmentos cerâmicos com bases planas e carenas baixas, associados a talhe de quartzito e sílex (Portal do Arqueólogo), materiais atribuíveis àquele período cronológico.

O sítio denominado Casal da Feia (Pinheiro Grande), um cabeço junto à linha do Tejo que apresenta condições naturais de defesa, é indicado por Luís Tecedeiro como local onde se encontrou um "machado da idade do bronze (...) actualmente no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos" (Tecedeiro, 1998: 105-106). Esta referência bibliográfica chegou-nos apenas num momento de conclusão deste trabalho, motivo pelo qual não foi possível confirmar ou desmentir a informação<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> De acordo com Almeida e Maurício (2004: 82), esta decoração "é testemunhada por um fragmento de bordo decorado inciso por traços perpendiculares exteriores, um fragmento de bojo com linhas paralelas horizontais incisas e outro com estrias paralelas brunidas".

<sup>7</sup> Outro peso de rede semelhante foi descoberto no povoado do Calcolítico/ Bronze Inicial em Alminhas (Constância) (Pereira, 2005).

<sup>8</sup> Todavia, de acordo com informação pessoal do Dr. Jaime Marques a um dos membros da equipa (Raquel Lázaro), nos anos 70 descobriram-se no Casal da Feia vestígios de superfície atribuíveis ao período Romano, o que classifica o local como sítio arqueológico.

Devemos referir ainda o Casal de S. Sebastião, devido à sua proximidade com o Casal da Feia, onde para além de materiais atribuíveis ao Paleolítico se encontraram alguns fragmentos de cerâmica manual de pasta castanha, que podem ser de modo geral datados da Pré-História Recente, eventualmente da Idade do Bronze. Futuros trabalhos arqueológicos, nomeadamente escavações, poderão precisar melhor a cronologia destas cerâmicas encontradas à superfície.

A reduzida dimensão de afloramentos rochosos no Concelho da Chamusca contribui para o facto da quase inexistência de manifestações de arte rupestre, ao contrário de outros municípios ribatejanos, como por exemplo Mação, onde as evidências rupestres se multiplicam. Todavia, as prospeções efetuadas numa área granítica situada na Encosta do Castelo (Carregueira), levaram à descoberta de dois penedos com algumas gravuras inéditas, obtidas pela técnica da picotagem. Identificaram-se dois motivos em forma de "ferradura" (Fig.14) e outros dois possíveis casos semelhantes mas bastante mais desgastados. Existe ainda um sulco (canal) com 56 cm de comprimento, e mais dois pequenos motivos picotados que não constituem figura.

Estas gravuras constituem o primeiro caso de arte rupestre identificado até à data no Concelho da Chamusca. Não vamos aqui desenvolver a problemática da interpretação das "ferraduras", pois não se enquadra nos objetivos do presente trabalho e necessitaria de uma quantidade de texto e de imagens considerável que destoaria da estrutura de uma carta arqueológica<sup>9</sup>. Diremos apenas que não representam ferraduras de cavalos, que surgem por volta do séc. II a. C., pois a datação de muitos destes motivos remonta a períodos onde o ferro ainda não era conhecido e até mesmo em que o cavalo ainda não tinha sido domesticado. Trata-se de figuras simbólicas que, de uma forma muito esquematizada, poderão representar pernas humanas (Coimbra, 2005; 2008).

Relativamente às gravuras da Encosta do Castelo, o paralelo mais próximo, geograficamente, de "ferraduras" encontra-se num afloramento xistoso do Ribeiro das Ferraduras, em Vila Velha de Ródão, que conta com alguns exemplares deste tipo de figuras (Coimbra, 2013). De acordo com Henriques e Caninas (1982), uma lenda local associa estas gravuras de Vila Velha à passagem do burrinho de Nossa Senhora, crença que surge com alguma frequência a propósito de

<sup>5</sup> Todavia, em artigos anteriores (Coimbra, 2005; 2008) abordámos já o significado das figuras em forma de ferradura.



Fig. 14 – Uma das “ferraduras” da Encosta do Castelo.

motivos idênticos da região de Trás-os-Montes (Coimbra, 2005).

Refira-se, entretanto, que estas gravuras descobertas agora na Chamusca não fazem parte do denominado Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, tal como acontece também com algumas rochas gravadas que existem no Concelho de Abrantes, na Freguesia de Martinchel.

Os dois penedos da Encosta do Castelo encontram-se em posição dominante sobre o rio Tejo, em frente à ilhota onde desde o séc. XII se ergue o Castelo de Almourol, local com uma excelente visibilidade sobre o território envolvente e controle da navegação no rio, que, por esses motivos, terá sido certamente frequentado pelos homens e mulheres que viveram no final da Pré-História e na Proto-história, período ao qual poderão pertencer as gravuras<sup>10</sup> recentemente identificadas (Coimbra, 2008).

Junto destas duas rochas insculturadas existe uma pedreira, atualmente abandonada, para extração de granito, que eventualmente poderá ter destruído outros casos de gravuras rupestres naquele local.

A partir do início do séc. VIII a.C. começa a surgir no registo arqueológico da Península Ibérica um novo metal – o ferro – dando origem a um novo período cronológico e cultural denominado Idade do Ferro. Trata-se de uma época caracterizada por profundas alterações na sociedade, "com a emergência das primeiras chefaturas complexas (...), com a intensificação das diversas atividades económicas, nomeadamente o comércio, e com as influências trazidas pelos povos que afluíram ao território peninsular, no âmbito dessas mesmas trocas comerciais" (Aavv, 1999: 43).

O povoamento desta nova época estabelece-se, de modo geral, em locais de cumeada, com condições de defesa natural e próximo de cursos de água, alguns dos quais utilizados como vias de circulação.

Embora se continue a utilizar na bibliografia especializada a distinção entre I e II Idade do Ferro, concordamos com os responsáveis pela carta Arqueológica de Ponte de Sor que, tal proposta "não é completamente operacional, pois (...) as diferenças regionais acabam sempre por revelar situações dúbias e de difícil integração em qual-

<sup>10</sup> A datação dos motivos em forma de "ferradura", quando surgem sem associações que possam contribuir para o estabelecimento de uma cronologia mais segura, não é fácil, pois estendem-se desde o Paleolítico até à Idade do Ferro (Coimbra, 2008), existindo ainda alguns exemplos mais recentes. Todavia, a localização geográfica neste caso da Encosta do Castelo poderá apontar para uma cronologia da Idade do Bronze ou da Idade do Ferro.

quer uma delas" (Idem, Ibidem). Esta situação aplica-se em grande medida a territórios como os da Chamusca e de Ponte de Sor, onde os elementos disponíveis, até ao momento, sobre a Idade do Ferro são muito reduzidos.

Alguns autores chegaram mesmo a colocar a hipótese de um abandono da margem sul do Tejo, na área correspondente ao distrito de Santarém, durante a Idade do Ferro. De facto, há cerca de uma década, Paulo Félix (2006: 89) escrevia que, "a inexistência ou, pelo menos, a insuficiência de vestígios seguros de ocupações atribuíveis à Idade do Ferro *sensu stricto* na margem esquerda do Tejo, sugere-nos que esta área deixou de ser utilizada de modo intensivo nesta fase, talvez porque não se justificassem os custos de manutenção de núcleos de povoamento face, possivelmente, a uma menor disponibilidade de terras agrícolas de qualidade, ou porque esses terrenos poderiam ser perfeitamente trabalhados e controlados a partir das populações estabelecidas na margem direita ou, ainda, porque esses terrenos foram, pura e simplesmente, abandonados, concentrando-se todo o sistema produtivo na outra margem".

Todavia, alguns anos mais tarde descobrem-se vestígios inequívocos da Idade do Ferro no Alto do Castelo (Alpiarça) (Arruda *et al.* 2014), compro-

vando que a margem esquerda do Tejo continuava a ser ocupada durante este período cronológico. As cerâmicas encontradas neste sítio arqueológico apresentam características que as permitem associar à chegada e instalação de populações mediterrânicas no Vale do Tejo durante a segunda metade do séc. VIII a. C., onde existiria uma densa rede de estabelecimentos orientalizantes nas duas margens do Tejo (Idem *ibidem*).

Estes novos dados permitem pensar na probabilidade da existência de sítios arqueológicos com estas características no Concelho da Chamusca, junto àquele rio. Deste modo, olhando para o morro do Senhor do Bonfim, que ocupa uma excelente posição estratégica de visualização e domínio sobre o Tejo, com controlo sobre a navegação no rio e o território envolvente (Fig.15) não seria impossível encontrar aí vestígios arqueológicos da Idade do Ferro.

Para além disso, R. Vilaça e A. Arruda argumentam que "a orientalização do interior norte peninsular, que atingiu, ainda nas margens do Tejo, Castilha la Mancha (...) pode assim ser explicada por um percurso Oeste/Este, através do Tejo, em detrimento da explicação tradicional que lhe atribuía um sentido Sul/Norte" (Vilaça e Arruda, 2004: 11). Estes argumentos vêm assim reforçar a ideia da possibilidade da existência de um ou mais







sítios da Idade do Ferro na Chamusca, nas proximidades do Tejo.

Infelizmente, o monte do Senhor do Bonfim encontra-se já muito alterado devido à construção de uma ermida no séc. XVIII, de um cemitério no séc. XIX e de arruamentos e jardins no séc. XX. Todavia, a área situada a sudoeste e sudeste da elevação parece não estar remexida, sendo a vegetação de carácter natural, composta por alguns sobreiros, podendo ainda fornecer algumas informações com interesse, caso se efetuem sondagens futuras. De facto, a prospeção efetuada neste local deparou com buracos abertos por algum pesquisador de tesouros, visto que aí se encontravam restos de artefactos recentes em ferro, juntamente com diversos fragmentos cerâmicos, aparentemente de períodos cronológicos diferentes<sup>11</sup>, tendo-se recolhido alguns exemplos de bordos e asas, mas muito fragmentados. Só na sequência de uma sondagem arqueológica é que se poderá aferir mais concretamente a cronologia deste sítio, que terá tido muito provavelmente várias ocupações sucessivas.

Outro local que poderá ter vestígios da Idade do Ferro, ou anteriores, é a Ribeira das Fontainhas (Carregueira), onde prospeções de

1996, da responsabilidade de João Carlos Muralha Cardoso, identificaram cerâmicas "de cronologia proto-histórica" (Portal do Arqueólogo). O facto do sítio se localizar no topo de um cerro, com condições naturais de defesa e próximo de uma linha de água (Ribeira das Fontainhas) abona em favor daquela hipótese. Outro dado a ter em conta é a proximidade deste sítio com o Alto do Carrinho, com ocupações da Idade do Bronze e do Período Romano.

Para alguns investigadores os territórios imediatamente a sul do Tejo constituem ainda uma área de influência dos Lusitanos, enquanto, para outros, regiões como o município de Ponte de Sor e a parte sudeste do Concelho da Chamusca estariam sob domínio céltico (Aavv, 1999). Trata-se certamente de uma região de fronteira entre estas duas etnias de origem indo-europeia, cuja escassez de dados arqueológicos não permite elaborar conclusões mais aprofundadas. Tal como referimos relativamente à Idade do Bronze, apenas uma investigação sistemática futura poderá clarificar as características dos dois períodos cronológicos abordados neste capítulo.

<sup>11</sup> Jaime Marques (2002) refere a recolha, neste local, de fragmentos de *dolium*.

### 5.3 - Período Romano

Raquel Lázaro

O Período Romano no atual território da Chamusca chega até nós, na sua maioria, através de várias publicações de autores e estudiosos locais, sendo ainda possível encontrar algumas pequenas menções dispersas em múltiplas publicações de arqueologia de variados autores. As referências a achados associados a este período cronológico remontam aos inícios do século XX, e foram recentemente compilados num estudo de inventário implementado para todo o Concelho da Chamusca, entre o Período Romano e a Idade Moderna (séc. XVIII) onde foi elaborada uma reflexão sobre a ocupação deste território ao longo desse tempo (Lázaro, 2015).

Todos os vestígios atribuídos à época Romana no território que corresponde atualmente ao concelho da Chamusca são bastante expressivos, conseguindo desvendar um pouco de como era a ocupação da lezíria e da charneca durante aquela época (Lázaro, 2016).

No séc. I a.C. toda a região do Vale do Tejo passou por uma intensa romanização (Alarcão, 2002), sendo que o território da Chamusca não foi

exceção e os vestígios comprovam isso mesmo, concentrando-se ao longo do rio Tejo e ao longo das *vias*. Neste território é possível observar também uma certa irregularidade na dispersão dos sítios quando abordamos todas as zonas do Município. É possível constatar que toda a zona Sul do território, referente à união de freguesias de Parreira e Chouto, não apresenta nenhum dado para este período histórico. A inexistência de dados para esta área é devida a vários fatores, contudo não negamos a ausência total de sítios arqueológicos, apenas os estudos até agora efetuados não possibilitaram a identificação de vestígios (Lázaro, 2015; 2016).

A estratégia de povoamento adotada para este território é clara quando analisados os vários vestígios arqueológicos identificados, sendo um povoamento de carácter rural (Lázaro, 2015; 2016). Esta afirmação, ainda que inicial, baseia-se nas tipologias dos materiais arqueológicos que nos surgem, juntamente com a localização destes no terreno, que para além de se encontrarem sempre perto das *vias*, é possível observar que se localizam próximo das linhas de água, e próximo dos



Fig. 16 – Miliário de Constantino Magno, proveniente de Ulme.



Fig. 17 – Mosaico do Arrapiado. Fotografia de 1921. (Segundo Fonseca, 2001)



solos mais férteis. No território do Concelho da Chamusca é possível encontrar vários fatores naturais que favoreceram a permanência e ocupação durante a época Romana.

Tendo por base que as *vias* influenciaram diretamente todo o povoamento rural neste território, foi por essas mesmas *vias* que tanto em zonas na lezíria como em zonas na charneca se procedeu à Romanização. É possível encontrar já identificadas algumas *vias* que atravessavam o território do Concelho da Chamusca, como as que constam no itinerário de Antonino Pio, designadamente a *via XIV* e a *via XV* (Mantas, 2002; 2012). Existe ainda a menção a uns troços secundários, onde é possível encontrar achados e vestígios relevantes (Lázaro, 2015).

Associados a essas *viae publicae* foram identificados e referenciados alguns marcos miliários (Encarnação, 1984; 1995), mas não descartamos a possibilidade de terem existido outras *viae* e caminhos com um carácter secundário que satisfaziam as necessidades de carácter regional ou local à época (Lázaro, 2015; 2016).

Os sítios que associamos diretamente às *viae* destacam-se dos outros locais identificados através dos vestígios de superfície, devido na sua maioria à maior abundância de material e à diversidade do mesmo. Desses locais destacamos a

*villa* romana do Arripiado, o sítio da Galega Nova, o sítio da Lagoa Grande, o sítio das Trevas, o sítio do Alto das Obras e o sítio do Meirinho.

Destes sítios mencionados destacamos primeiramente a *villa* do Arripiado, por ser o único local dessa natureza, até à data, encontrado no concelho da Chamusca.

Esta *villa* localiza-se na aldeia do Arripiado, na freguesia da Carregueira, na zona mais a norte do concelho da Chamusca. Atribuímos a este sítio a tipologia de *villa*, por ter sido descoberto, nos anos 20, um mosaico de cronologia romana (Chaves, 1937; Saa, 1956). O mosaico teria 5 metros de comprimento e 3 metros de largura, dividido em três secções sendo policromático (Fig.17) (Lázaro, 2015; 2016). Associado a este achado encontram-se documentados, também, alicerces de estruturas pétreas e cerâmica de construção (Alarcão, 1988).

A atribuição a este local de *villa* prende-se com a natureza do achado principal, o mosaico, pois este vestígio é encarado como um "elemento urbano de paisagem rural incorporando elementos de luxo e ostentação" (Carneiro, 2005: 49). As informações mais concretas acerca de toda a estrutura em si não existem, não sendo possível atribuir um modelo concreto a esta *villa*, mas existe a hipótese que estivesse associada a um

porto, onde se efetuasse a travessia do Tejo naquela zona para a margem direita onde se situa atualmente Tancos (Lázaro, 2015; 2016). Contudo, não existem provas concretas sobre esta estrutura, todavia esse percurso persistiu ao longo dos tempos (Saa, 1964; Mantas, 2012).

Dos vários elementos que caracterizam o povoamento rural romano, para além da *villa*, destacamos outro fator, que possivelmente se encontra neste território, designadamente, o *casal*. As características rurais desta unidade de exploração agrícola de média dimensão encontram-se bastante visíveis nas tipologias de materiais arqueológicos, sendo normalmente possível identificar locais com estas características em terrenos férteis ou junto as linhas de passagem (Carneiro, 2005).

No território da Chamusca, existe um local já identificado e com os materiais estudados (Diogo, 1987) que encaixa na possibilidade de ser um *casal*, o sítio da Galega Nova, que se situa na Herdade da Galega Nova, na freguesia da Carregueira (Lázaro, 2015; 2016). Contudo, não existem estruturas que possam ajudar a compreender melhor este sítio.

Devido às características naturais do território aqui em estudo, é possível que tivessem existido vários outros locais com características de serem um *casal*, ou um *vicus* (casal agrícola de pequenas dimensões). Estes tipos de elementos seguem "um

padrão de implantação no território que acarreta claramente um carácter agropecuário, procurando não só abundância dos recursos hídricos mas também os solos férteis de todas aquelas zonas" (Lázaro, 2015: 40). Estes fatores, associados à rede viária que existiria na época Romana, demonstram que os diversos vales que fazem parte desta paisagem poderiam encontrar-se habitados. Um bom indicador desta teoria são os vários vestígios de superfície que tinham sido já mencionados na bibliografia (Fonseca, 2001; Marques, 2002; Matias, 2003) e que foram relocizados ao longo de muitos vales e zonas férteis do território.

Destes locais, destacamos três sítios que suscitam interesse, nomeadamente o sítio do Castelo de Ulme, na freguesia de Ulme, o sítio do Alto das Obras e o sítio do Meirinho, ambos na freguesia de Vale de Cavalos.

O sítio do Castelo de Ulme (ou alto de Santa Marta) é sem dúvida um sítio que requer um estudo futuro. Na bibliografia encontramos associados a este local vestígios de uma fortificação (Almeida, 1946), e vários vestígios cerâmicos e numismas atribuídos à época Romana (Marques, 2002). Tendo por base estas informações, é possível apontar e formular várias hipóteses para este local. Sabemos que o sítio esteve sempre ocupado, e que atualmente aí se encontra um reservatório



de água (Lázaro, 2015; 2016). Sobre a fortificação em si, atualmente, não é possível observar nenhum vestígio, sendo apenas visíveis alguns materiais cerâmicos num corte estratigráfico que aí existe.

O Alto das Obras é outro sítio em que se destaca o período Romano na Chamusca, localizando-se num pequeno cabeço junto à EN 118, onde é possível encontrar vários fragmentos cerâmicos atribuídos à época romana. Todavia também se encontra documentado na bibliografia a descoberta de parte de uma estrutura, que foi identificada como sendo uma conduta romana, devido aos materiais usados e à sua forma (Fonseca, 2001).

Perto daqui, numa outra plataforma virada a nordeste, no cimo de um pequeno vale, encontra-se o sítio do Meirinho, que foi descoberto casualmente e se encontra referenciado no Portal do Arqueólogo. Neste local, foi possível observar a existência de vários fragmentos cerâmicos na superfície, estando assinalada, na bibliografia, a descoberta de uma sepultura atribuída à época Romana, devido ao espólio que continha no seu interior (Idem, ibidem).

Estes três locais mencionados destacam-se entre os vários sítios arqueológicos relocizados e localizados através dos vestígios de superfície, não só pela quantidade de vestígios cerâmicos que é possível encontrar, mas pela tipologia

dos mesmos e da implementação do sítio na paisagem geral.

Continuando com as *viae* como o grande impulsionador da Romanização de todo este território, foi possível recolher nas fontes bibliográficas que ao longo da EN 118 foram descobertas e identificadas ao longo do séc. XX várias sepulturas de tipologia romana (Fonseca, 2001). Nos principais locais onde estas foram identificadas foram também encontrados outros tipos de materiais de cronologia romana, mas estes vestígios foram na sua maioria destruídos por trabalhos agrícolas, como é o caso dos sítios do Casal do Outeiro, Quinta das Trevas e Meirinho (Lázaro, 2015; 2016). A existência deste tipo de vestígios vem comprovar e demonstrar uma existência marcada de ocupação romana na paisagem. A localização destes espaços junto à *viae* é um modelo de ocupação do espaço em época Romana que pode ser observado noutras áreas do território português, quando falamos de espaços funerários romanos (Carneiro, 2005).

Ainda foi possível recolher na bibliografia informações de vários achados arqueológicos que foram encontrados neste território, nomeadamente numismas de época romana. Destacamos a existência de duas descobertas desta natureza,

dois *tesouros*, ambos na freguesia de Ulme (Fonseca, 2001; Lázaro, 2015; 2016).

Destacamos que um desses tesouros, o tesouro do Pinhão, era composto por um grande número de numismas, incluindo denários do séc. II a.C. (Ribeiro, 2017).

Existem, também, publicadas algumas epígrafes romanas, particularmente, três inscrições de natureza funerária: a placa funerária do Casalinho (Silva, 1989), a inscrição funerária de Ulme (Encarnação, 1984) e a Lápide da Arrezima (Idem, ibidem). Há também uma inscrição de carácter honorífico, a ara da Junqueira (Encarnação, 1984). Estas inscrições vêm assim juntar-se aos marcos miliários que foram encontrados neste território.

Mencionamos ainda, a existência de um achado de carácter bélico, perto de um local de fronteira entre a Freguesia de Ulme (Chamusca) e a Freguesia de Bemposta (Abrantes) (Lázaro, 2016). Esta descoberta é constituída por nove *glandes plumbeae* (glandes de chumbo) que se encontram depositadas no Museu Nacional de Arqueologia (Guerra, 1987). Mais recentemente estes dados foram interpretados como se fizessem parte de um sítio arqueológico romano do Casal do Tamazim, na freguesia da Bemposta (Pimenta, 2013), colocando a hipótese que podemos estar perante um único sítio arqueológico, que atualmente se encontra dividido pelos limites administrativos.

O território aqui estudado localizava-se dentro dos limites da *civitas* de *Scallabis* (Alarcão, 2002), e é neste território que se encontra o limite da *civitas*, na zona mais a norte do Concelho da Chamusca, assinalado pela Ribeira da Foz e o seu vale. Era então neste local que se daria início ao limite de *Aritium Vetus*, isto admitindo que *Aritium Vetus* era de fato capital de *civitas* (Alarcão, 2002; 2004). Há que destacar que esse mesmo limite é onde atualmente se localiza a fronteira administrativa entre a Chamusca e Constância (Lázaro, 2015; 2016).

Sendo este território extremamente fértil e rico em recursos hídricos e naturais, terá sido possivelmente bem aproveitado em época Romana confirmando a teoria de uma ocupação rural, que foi intensificada durante o período Romano Imperial, o que se verifica através da grande parte dos vestígios até agora analisados, balizando-se entre o séc. I e o séc. V d.C. (Lázaro, 2015; 2016).

Contudo, as hipóteses aqui explanadas necessitam de mais estudos e investigação para que sejam consolidadas, e se poder perceber e conhecer melhor a função dos sítios, a sua cronologia e suas economias. Estes dados permitir-nos-ão elaborar uma leitura mais completa do povoamento deste território mostrando a sua formação, organização e implementação.



Fig. 18 – Fragmento de peso de tear (Porto do Carvão).



Fig. 19 – Fragmento de dollium (?) Vale da Chã Grande.

### 5.3.1 - Época tardo-romana

Começamos agora a traçar os primeiros elementos do povoamento e organização rural tardo-romana no Município da Chamusca, sendo por isso ainda muito difícil de compreender o que aconteceu neste território durante e depois da queda do Império Romano. Contudo, assumimos que nos séculos subsequentes se devem ter dado as transformações do povoamento e dos modelos socioculturais acompanhando o processo progressivo que se

encontra documentado para toda a Lusitânia (De Man, 2012).

Para melhor compreensão deste período de transição neste território é essencial elaborar estudos mais pormenorizados e detalhados nos sítios já identificados de época Romana, atribuindo um limite cronológico mais estreito que nos consiga demonstrar se houve continuação de ocupação do espaço e as funções desse durante essa época (Lázaro, 2015).

## 5.4 - Idade Média e Idade Moderna

Raquel Lázaro

### 5.4.1 - Alta Idade Média

Este período, a par do Tardo-Romano, é ainda praticamente desconhecido no território aqui abordado, mas não podemos olhar para as mudanças sociopolíticas e administrativas que ocorre-

ram durante estes séculos como um fator que teria levado a um eventual abandono integral do território (Lázaro, 2015).

### 5.4.2 - Época Medieval Muçulmana

Em relação à época de ocupação muçulmana neste território, a ausência de vestígios no terreno e, de certo modo até nas fontes, torna este espaço de tempo desconhecido na História da Chamusca. Ainda, assim, foi possível recolher algumas informações na bibliografia e na toponímia local que indiciam uma possível presença islâmica nesta região (Lázaro, 2015). Foi possível encontrar menções a achados arqueológicos referentes a este período, nomeadamente dois locais que foram identificados nos anos 70 do séc. XX na freguesia de Ulme, o sítio da Quinta da Mesquita e o Casal do Enxofre (Marques, 2002).

A própria toponímia destes sítios, e de outros, que é possível encontrar no território da Chamusca, apontam para uma antiguidade do tempo dos *mouros* ou etimologicamente têm uma

origem árabe ou berbere, como é o caso do lugar do Vale da Atalaia, no Pinheiro Grande (Lázaro, 2015).

Todo o território aqui estudado encontra-se dentro da área de influência de Santarém, ou *Santarín* (Fernandes, 2002). A área que compunha *Santarín* era encarada como uma das regiões mais férteis do *Garb al-Andalus*, que a tornava num núcleo urbano importante, que organizava em seu redor uma rede de habitats de carácter rural (Fernandes, 2002).

Através disto podemos pressupor que o território da Chamusca aglomerava em si estes mesmos *habitats* de vocação especialmente agrícola, mas a falta de informação acerca deles prende-se com as dificuldades da sua identificação no terreno (Lázaro, 2016).

### 5.4.3 - Baixa Idade Média

A História neste território começa a ganhar forma e contornos após a conquista da linha do Tejo em 1147, com a tomada de Lisboa e Santarém (Beirante, 1980; Marques, 1996). A partir do séc. XII, os vários lugares que fazem parte do vasto território do concelho da Chamusca começam a

ter visibilidade documental, sendo então registados nas doações, vendas e contratos de arrendamentos, realizados, numa primeira fase pelas Ordens Militares e, depois, já na viragem da Época Medieval para a Época Moderna, pelos privados (Lázaro, 2015).

Neste aspeto, há que salientar a importância da existência desta documentação que nos demonstra achados e sítios arqueológicos que nos possibilitam ter uma visão do povoamento neste território durante esta época e a sua evolução. Com isto podemos olhar para o território de um ponto de vista arqueológico com o apoio das fontes escritas. Assim, através destas, foi possível perceber que com a conquista de Santarém, a Ordem do Templo estabelece-se nessa cidade (1147-1159), onde elabora campanhas para a consolidação do território em redor, incluído as terras de Ulme. Para esta região temos um apontamento que nos permite perceber, mais ou menos, o que se aí se passou durante esta época: *"Abrantes e Alpiarça recuperadas em 1150 e doadas ao Templo para edificarem castelo, repovoarem e defenderem o respetivo território. Ulme foi doado igualmente àqueles cavaleiros com encargos semelhantes"* (Furtado, 1996: 43-44).

Tento em conta o excerto anterior, não podemos deixar de mencionar o sítio do *Castelo de Ulme*. Ainda que não seja possível aferir a data da sua construção, não deixamos de pressupor que poderá ter tido um papel relevante na defesa daquela região neste tempo mais conturbado (Lázaro, 2015). Sabemos, também, que com todo o

processo de reconquista medieval em território português, foram aparecendo vários castelos e fortificações um pouco por todo o país (Tente, 2007), não descartando a hipótese que este sítio seja de facto um local deste tipo, ou que foi reaproveitada uma estrutura anterior e adaptada às necessidades existentes durante o séc. XII.

Ainda na zona de Ulme, é possível perceber através da documentação que no séc. XIII existe naquele lugar uma *quinta*, e que existiam moinhos ao longo da Ribeira de Ulme, pois na documentação do tempo de D. Fernando I é referido que em 1378 "as rendas e moinhos de Ulme foram emprazadas a uma Maria Pires" (Marques, 2002: 123). Esta informação demonstra a existência não só de uma economia rural e agrícola, mas também a pertença destes engenhos que marcam a paisagem da ribeira até aos dias de hoje (Lázaro, 2015). Não é possível afirmar que os engenhos que hoje encontramos foram reerguidos nos mesmos locais dos originais do séc. XIII, ou que reaproveitaram alguma parte dos mais antigos, mas sabemos que eles perduram até a Idade Moderna, assumindo um papel muito importante e de destaque na economia local. É um estudo que futuramente merecerá a atenção dos investigadores.





Fig. 20 – Estelas funerárias encontradas em Ulme. Em primeiro plano, estela com pentalfa.



Fig. 21 – Marco da Comenda, nº 95, inserido numa casa da povoação do Arripiado.

Em Ulme podemos ainda encontrar uma interessante coleção de estelas funerárias medievais (Marques, 1989a), algumas com o pentalfa ou o hexalfa<sup>12</sup>, descobertas durante os anos 50 do séc. XX, aquando da substituição da antiga igreja de Santa Maria de Ulme, demonstrando a possibilidade de um primitivo lugar de culto naquele local, anterior à Idade Moderna (Fig.20) (Lázaro, 2015).

Quando é extinta a Ordem do Templo e é criada a Ordem Militar de Cristo em 1319 (Oliveira, 2005), podemos, possivelmente, atribuir os Marcos da Comenda do Pinheiro Grande à Baixa Idade Média (Lázaro, 2015). Estes marcos teriam a função de delimitar o território da comenda, como acontecia com a Comenda da Cardiga, que fazia fronteira com a Comenda do Pinheiro (Baptista, 2007). No entanto, atualmente é possível encontrar os marcos, mas não perceber os limites dessa mesma comenda (Fig.21). A zona atual do Pinheiro Grande é a área documentada mais antiga, aparecendo as primeiras

menções ao lugar de Pinheiro Grande, inicialmente com o topónimo de *Pinheira*, doada à Ordem do Templo em 1186, por D. Sancho I (Fonseca, 2001).

Os restantes lugares que fazem parte do atual território do Concelho da Chamusca começam também a ter menção, sendo designados como lugares, ou aldeias (Lázaro, 2015) conseguindo-se perceber que nesta fase da História, tratou-se de um espaço mais ocupado aproveitando as boas condições para a exploração agrícola e agropecuária. Durante toda a Idade Média há que realçar o papel económico e administrativo marcante de Santarém, que influenciou diretamente esta zona (Beirante, 1980).

Com o fim da Idade Média, o território começa a sofrer alterações a todos os níveis sociais, económicos e administrativos, começando assim um período de grande desenvolvimento, não só neste território mas por todo o país com o começo da Idade Moderna (Sousa, 2002).

#### 5.4.4 - Idade Moderna

Com a viragem do séc. XIV para o XV inicia-se a Idade Moderna, e dá-se início a um crescimento notório do povoamento por todo o território

que compõe atualmente o Município da Chamusca e que se prolonga assim até ao séc. XVIII.

<sup>12</sup> Estrelas de cinco e seis pontas, respectivamente, com valor simbólico.

Este desenvolvimento está bem expresso nas fontes escritas mas, também, é visível através de várias estruturas edificadas e que são possíveis de encontrar disseminadas pelo concelho. Destas edificações destacamos a presença de três grandes grupos: edifícios urbanos e rurais, edifícios religiosos e engenhos rurais (Lázaro, 2015).

Os lugares que conhecemos hoje como freguesias e aldeias no Município da Chamusca, desenvolvem-se e ganham destaque na época Moderna. Cada sítio detém a sua história, a sua identidade, o seu passado. Existem várias monografias que abordam individualmente a história de época Moderna dos lugares que fazem parte do território em estudo (Fonseca, 2001; 2002; Marques, 2002; Matias, 2003; Lázaro, 2009), descrevendo a evolução e o crescimento de cada lugar.

Devido à existência de vários vestígios de época Moderna, que ainda hoje é possível observar devido ao património edificado que mantêm a sua função original (nomeadamente os edifícios religiosos), também é possível identificar outros edifícios que já não mantem a sua função original mas cujas linhas arquitetónicas e traços mais marcantes se mantiveram por exemplo em certas fachadas de edifícios urbanos ou dos engenhos rurais (Lázaro, 2015).

Há que mencionar que quando falamos de edifícios urbanos apenas nos debruçamos nos

edifícios que encontramos nas vilas da Chamusca e Ulme à época por serem, de certo modo, o *centro* deste território e no qual o investimento arquitetónico e o desenvolvimento foi maior do que nos outros locais, nomeadamente sobre protetorado dos Silvas, com a elevação destes lugares a vilas em 1561 (Fonseca, 2002; Marques, 2002; Lázaro, 2015).

Os edifícios que encontramos relativamente à época Moderna demonstram bem a existência de uma arquitetura rural e popular, como observamos nos edifícios religiosos (Fig.22), que seguem padrões de construção arquitetónicos comuns um pouco por todo o território português (Reis e Chicó, 1983), sendo depois a influência de estilos contemporâneos à sua construção que demonstram o investimento e a riqueza destes locais (Lázaro, 2015). A presença de edifícios religiosos neste território divididos em igrejas, capelas e ermidas (de carácter público ou privado) demonstram a hegemonia da fé cristã, da religiosidade e crença das populações deste mesmo território rural, e consequente parte da sua cultura e identidade enquanto sociedade. (Lázaro, 2015).

Por estarmos perante um território agrícola e rural, focando em si uma vasta rede hidrográfica composta por várias ribeiras, introduzimos aqui também o que designamos de engenhos rurais, mais propriamente dito, os engenhos hidráulicos como o





Fig.22 – Igreja Matriz da Chamusca. Portal Manuelino.



moinho de rodízio (Lázaro, 2015). A existência destes engenhos neste espaço concelhio remonta, segundo a documentação histórica, a finais do séc. XIV ou inícios do séc. XV (Marques, 2002; Lázaro, 2009), sendo que a persistência deste tipo de engenhos em toda aquela zona faz-nos supor que algumas das estruturas que ainda hoje perduram, reaproveitadas, abandonadas ou mesmo em ruínas, poderão remontar aos locais primitivos mencionados na documentação da Idade Moderna (Lázaro, 2015). Esta teoria não passa de uma linha de pensamento que demonstra uma hipótese para um tipo de património que necessita de um estudo mais aprofundado, sendo que poderá ser a arqueologia a ajudar a compreender o funcionamento dos engenhos hidráulicos e tentar aferir mais dados sobre a cronologia de fundação e de utilização (Lázaro, 2015).

Durante toda a Idade Moderna, este território prospera e desenvolve-se em torno de cultu-

ras agrícolas e da exploração agropecuária. Estas atividades vão marcar igualmente a organização do território, com o povoamento a intensificar-se em redor das vilas da Chamusca e Ulme. Esse mesmo povoamento estende-se pela Charneca e por todo o campo, designadamente, casais, quintas e explorações agrícolas de pequena e média dimensão. Os lugares e aldeias que hoje fazem parte do território em estudo começam a crescer, tendo a produção e exploração agrícola e dos recursos naturais como fator impulsionador para o crescimento da população e economia. O maior crescimento e investimento em vários níveis são notados, principalmente a partir do séc. XVII e durante o séc. XVIII, e que se encontram bem visíveis e patentes nas construções religiosas e nos edifícios de maior investimento arquitetónico de carácter particular (Lázaro, 2015).

## 5.5 - O Tejo e os vestígios subaquáticos registados

Alexandra Figueiredo  
Cláudio Monteiro

Os trabalhos de prospeção que incidiram nas margens do Tejo registaram o levantamento de um conjunto artefactual que se integra numa

longa cronologia, fruto das diferentes dinâmicas que se registaram ao longo do tempo. Os próprios vestígios apresentam-se, de modo geral,

Fig. 23 (ao lado) – A área do Porto das Mulheres.





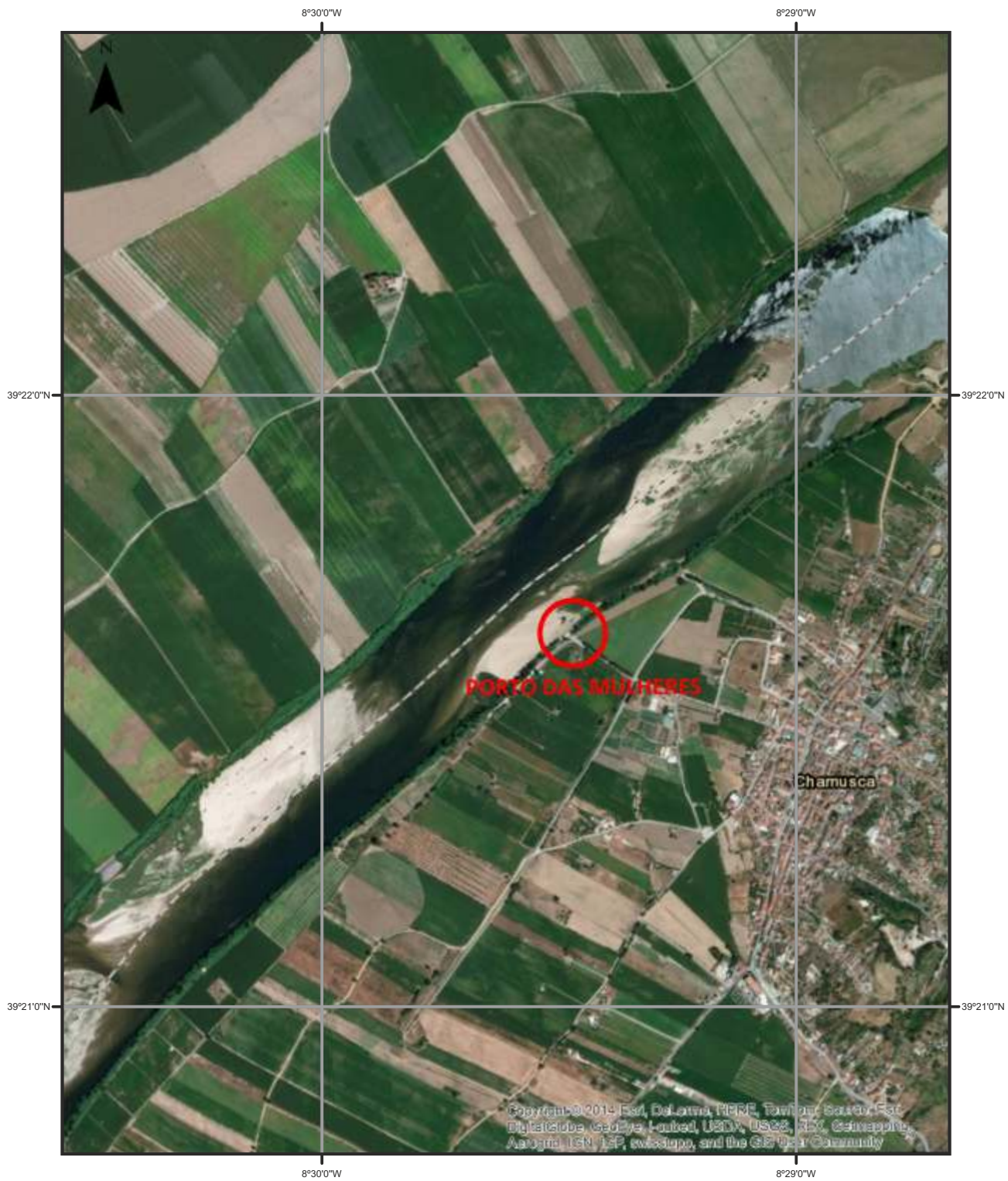
muito rolados, tornando difícil o rastreio cronológico dos materiais exumados. Estes registaram-se de uma forma equitativa nas áreas prospectadas, não tendo sido observadas áreas de maior concentração.

De acordo com a prospeção efetuada pela equipa, análise paisagística e das alterações do rio, registou-se com uma viabilidade interessante a possível presença de vestígios junto a duas áreas, que para além de estarem relativamente protegidas das correntes fluviais, possuíam topónimos indiciadores de atividades de relação com a mobilidade permitida pelo rio Tejo, nomeadamente o Porto das Mulheres (Fig.23) e o Porto do Carvão. Os trabalhos de prospeção realizados no sítio do topónimo "Porto das Mulheres" permitiram observar a inexistência de estruturas à superfície. No entanto, revolvido nas areias de assoreamento observa-se uma panóplia de artefactos que enquadramos numa cronologia vasta, completamente revolvidos e sem qualquer conexão ou dispersão precisa. Estes materiais, essencialmente em cerâmica, possuem características de cronologias relativamente recentes, à

exceção de um ou outro caso que poderemos recuar à Época Clássica, como por exemplo um fragmento de bojo com decoração incisa e um bordo, ambos com fratura relativamente recente. Estes vestígios encontram-se, mais ou menos dispersos por toda a área visível, sendo testemunhos do uso natural desta via para transporte de materiais, pelo menos desde o período romano.

A prospeção realizada junto ao topónimo Porto do Carvão estendeu-se até cerca de 300 metros para sudeste, fazendo ligação com um antigo afluente. Esta área possui um contraste de altitude que vai desde os 15 metros, da zona atualmente assoreada até aos 50 e 90 metros de altitude, em menos de 200 metros de distância, tendo servido em tempos como uma possível excelente zona de refúgio das correntes que advêm da nascente do Tejo e podendo fazer uma ligação com o interior da Chamusca através da ribeira que lhe dá acesso, atualmente também completamente assoreada (Mapa 1 e 5).

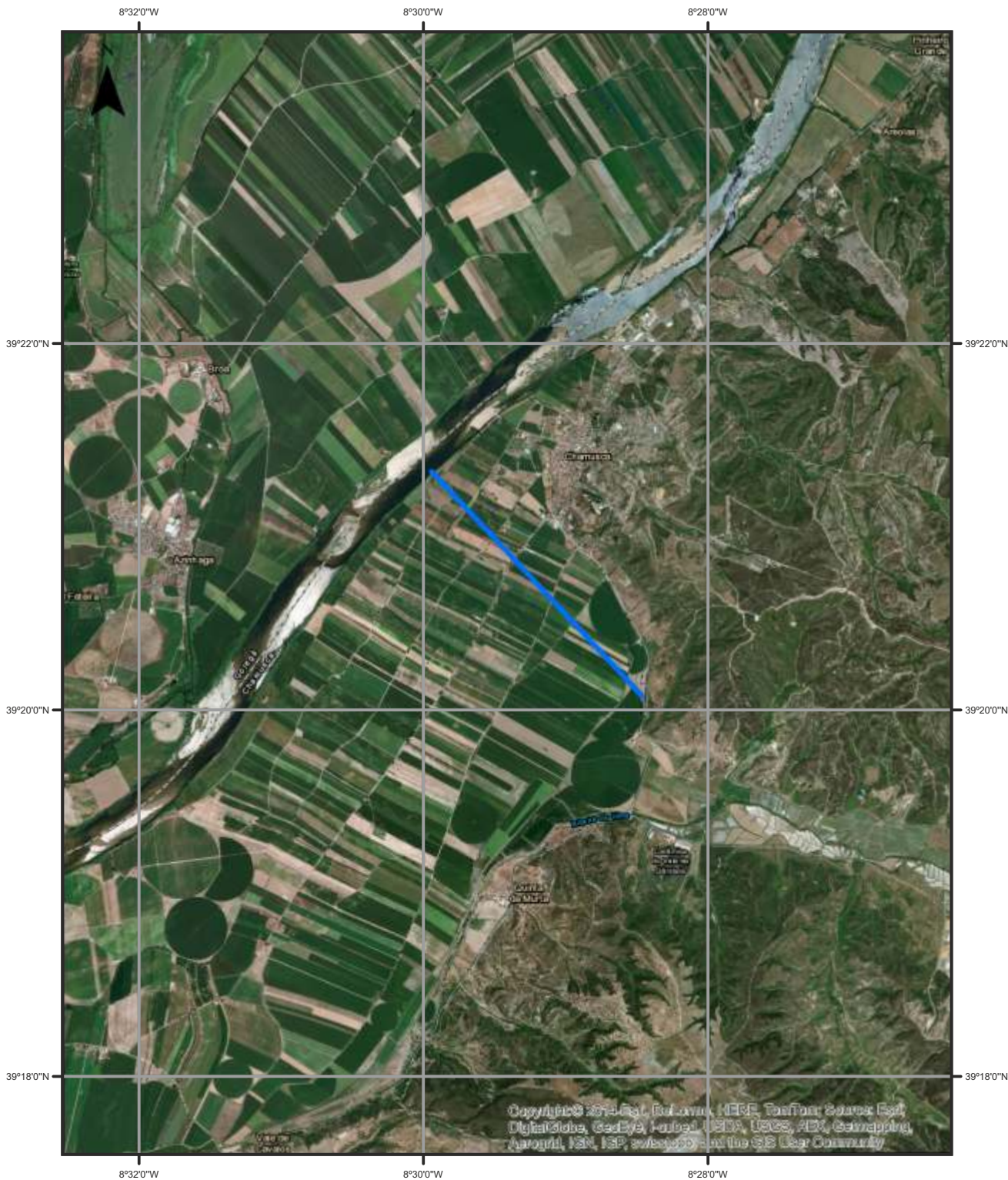
Na área do topónimo Porto do Carvão, também não identificámos estruturas que lhe pudessem estar associadas.



Sistema de Coordenadas grelha: Coordenadas Geográficas

Mapa 4 – Localização de Porto das Mulheres (topónimo).





Sistema de Coordenadas dados: ETRS89\_Portugal\_TM06  
Sistema de Coordenadas grelha: Coordenadas Geográficas

0      0,5      1 Km

Mapa 5 – Área assoreada entre o Tejo e a zona de relevo.



## 6 - CARTOGRAFIA

Rita Ferreira Anastácio

A cartografia que compõe a Carta Arqueológica do Concelho da Chamusca foi elaborada com recurso a um Sistema de Informação Geográfica, que permitiu representar a informação geográfica dos Sítios Arqueológicos e do Património Edificado.

Relativamente aos Sítios Arqueológicos foi criada uma Base de Dados em formato Excel com todos os sítios inventariados até à data, pela compilação dos dados existentes na Bases de Dados do Endovélico, aos quais se adicionaram os novos sítios identificados através de levantamento de campo. Para a georreferenciação dos novos sítios recorreu-se a um equipamento de posicionamento espacial (GPS) para o levantamento das suas coordenadas geográficas, Latitude e Longitude. Para cada sítio foi atribuído um código único composto pelas iniciais da freguesia a que pertencem,

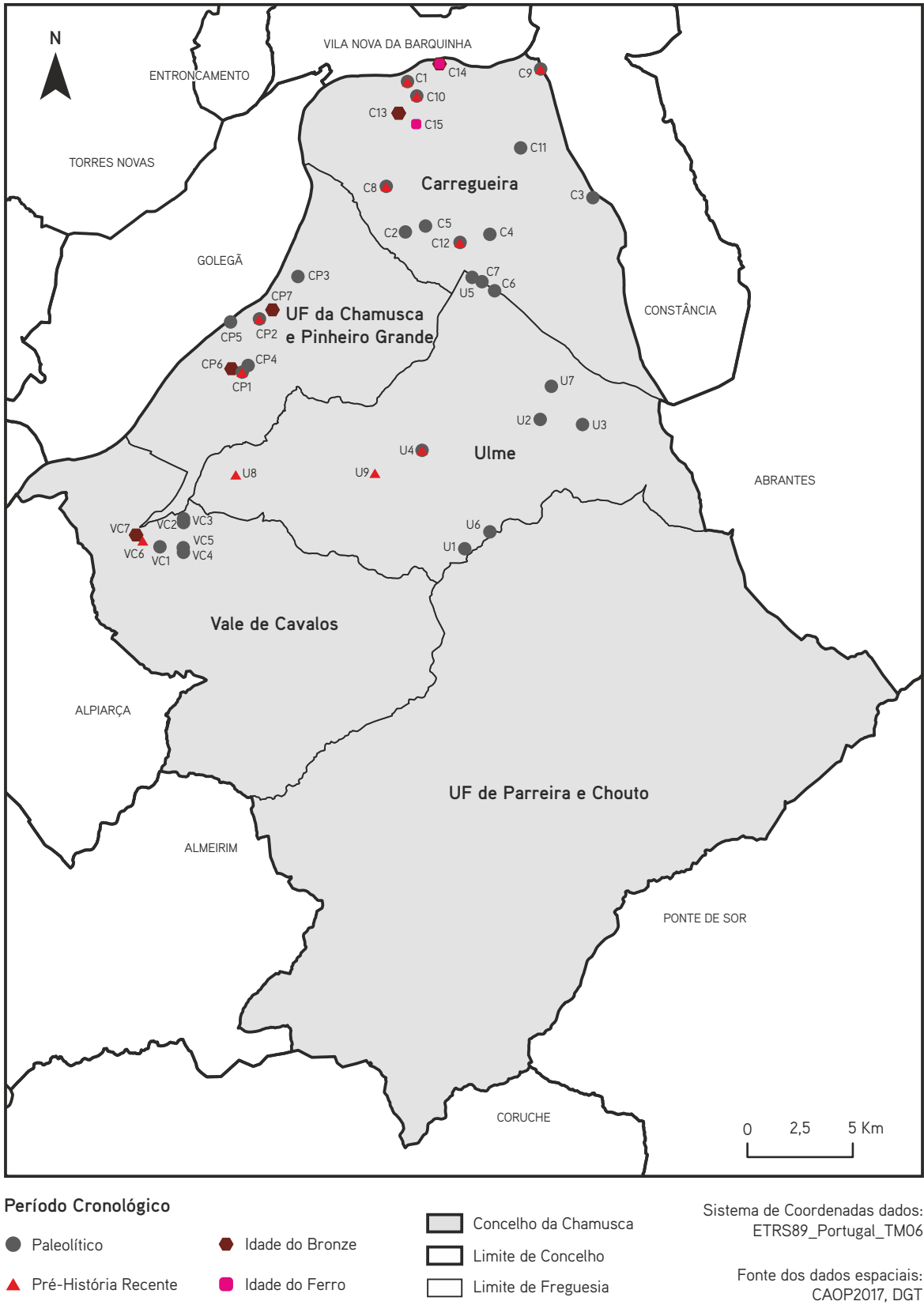
seguido de um número de ordem. Cada sítio foi também classificado segundo a sua cronologia. Para a representação geográfica dos sítios arqueológicos foi gerado um tema de pontos a partir das coordenadas geográficas, previamente convertidas para graus decimais e posteriormente para o Sistema de Coordenadas PT-TM06/ETRS89 - *European Terrestrial Reference System* 1989, definida pela Direção-Geral do Território como o sistema oficial em vigor. Para a composição cartográfica dos sítios arqueológicos recorreu-se aos atributos de classificação da cronologia para elaborar um mapa com os seguintes períodos: Paleolítico, Pré-História Recente, Idade do Bronze e Idade do Ferro. Em outro mapa inseriram-se os sítios correspondentes ao Período Romano, Idade Média, Idade Moderna e Indeterminado, associando-

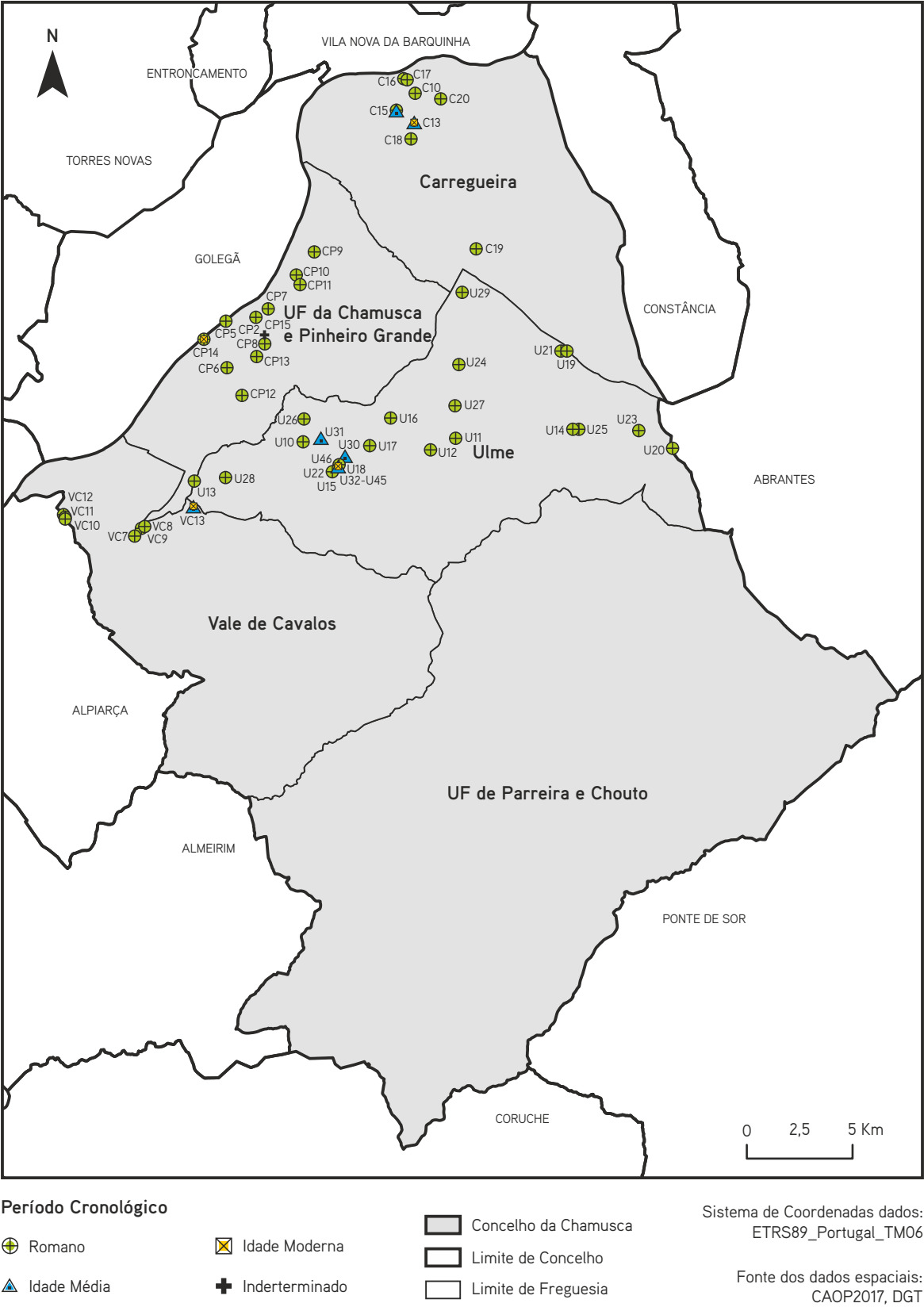
do-se uma simbologia e cor diferente para cada período. Como complemento cartográfico foi utilizada Carta Administrativa Oficial de Portugal Continental de 2017, que define os limites administrativos dos municípios ao nível da freguesia e do concelho.

Relativamente ao Património Edificado foi igualmente criada uma Base de Dados em formato Excel, com a compilação dos dados existentes em diversos sistemas de informação. Foi-lhes atribuído um código único composto pelas iniciais da freguesia a que pertencem seguido de um número de ordem e classificados segundo a sua cronologia-cultural e a sua tipologia. Para a sua representação geográfica foi também gerado um tema de pontos a partir das coordenadas geográficas, previamente convertidas para graus decimais e posteriormente para o Sistema de Coordenadas PT-TM06/ETRS89 - *European Terrestrial Reference System* 1989. Para a composição cartográfica do património histórico recorreu-se aos atributos de classificação da cronologia-cultural para elaborar um mapa com os seguintes períodos: Medieval Muçulmano, Medieval, Moderno e Indeterminado, associando uma simbologia e cor diferente para

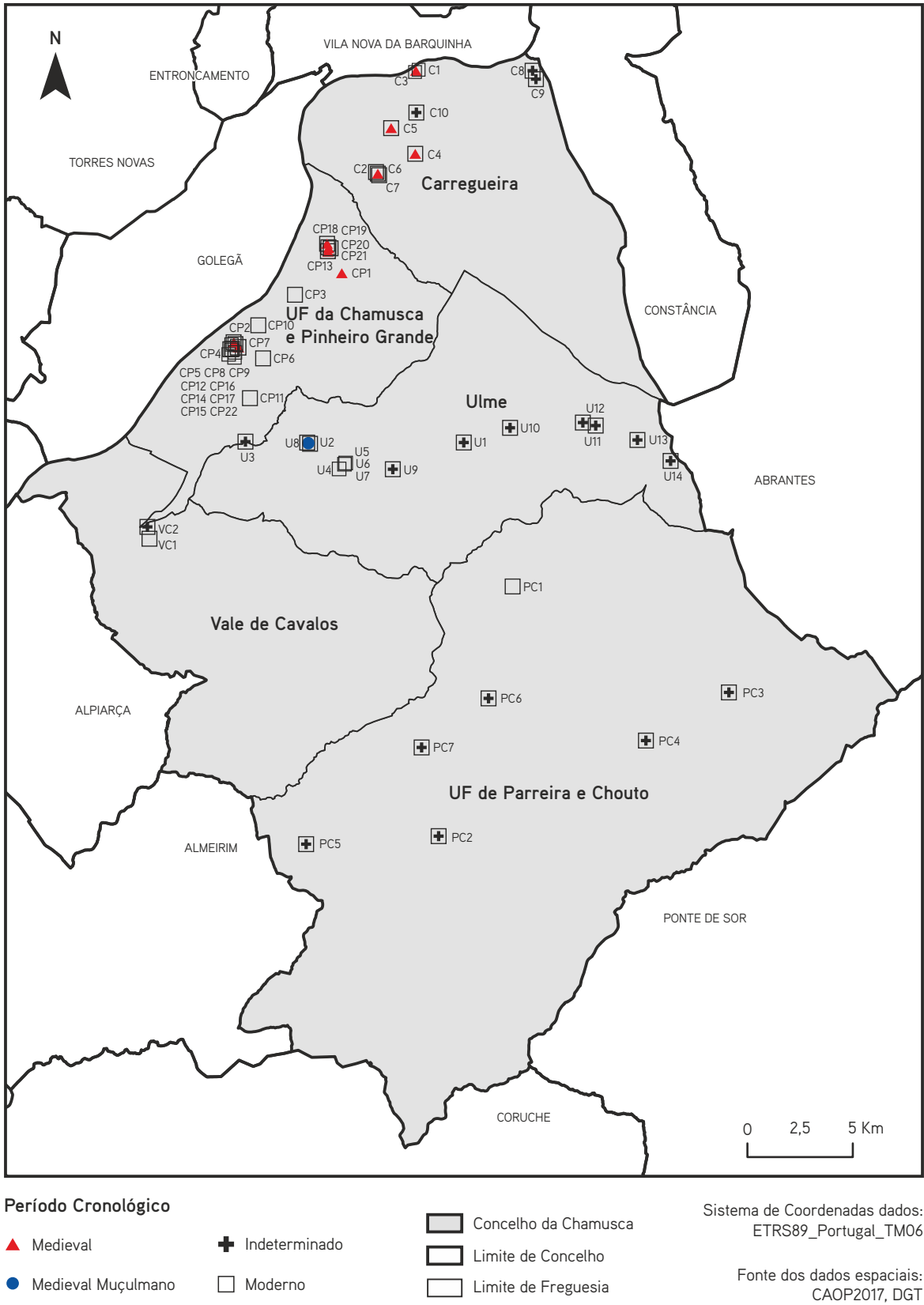
cada período. Em outro mapa efetuou-se uma diferenciação tipológica, distinguindo edifícios religiosos, edifícios solarengos, moinhos, celeiros, marcos e fontes, associando uma simbologia idêntica mas com cor diferente. Como complemento cartográfico foi utilizada Carta Administrativa Oficial de Portugal Continental de 2017, que define os limites administrativos dos municípios, ao nível da freguesia e do concelho. A informação vetorial produzida e organizada em bases de dados geográficos permite produzir cartografia a dois níveis de detalhe: municipal e freguesia e pode ser posteriormente articulada numa Infraestrutura de Dados Espaciais Municipal, que permite a sua permanente atualização com novos Sítios Arqueológicos que venham a ser descobertos no futuro, criando assim a possibilidade de produzir nova cartografia temática atualizada.

Apresentam-se seguidamente os mapas produzidos no âmbito da Carta Arqueológica da Chamusca, que devem ser analisados de forma articulada com o capítulo 7 (Descrição dos sítios arqueológicos identificados) e com o capítulo 8 (Património Edificado).



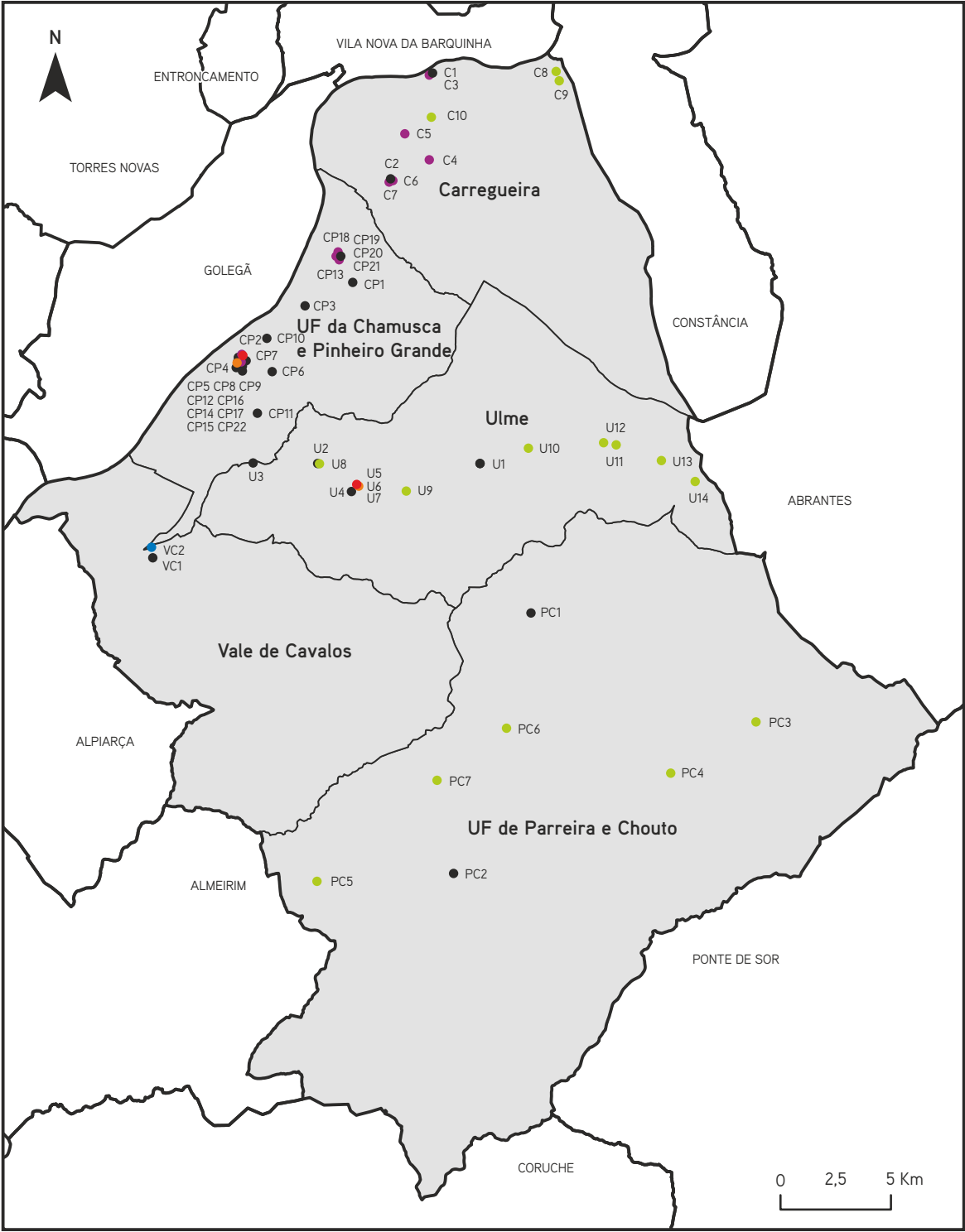


Mapa 7 – Distribuição de sítios arqueológicos entre o Período Romano e a Idade Moderna.



Mapa 8 – Cronologia do Património edificado do Concelho da Chamusca.





Tipologia

- Edifícios Religiosos
- Edifícios Solarengos
- Moinhos
- Celeiros
- Marcos
- Fontes

- Concelho da Chamusca
- Limite de Concelho
- Limite de Freguesia

Sistema de Coordenadas dados:  
ETRS89\_Portugal\_TM06

Fonte dos dados espaciais:  
CAOP2017, DGT

Mapa 9 – Tipologia do património edificado do Concelho da Chamusca

## 7 - DESCRIÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IDENTIFICADOS

Fernando A. Coimbra  
Silvério Figueiredo  
Alexandra Figueiredo  
Raquel Lázaro  
Mário Santos (†)

Apresentam-se neste capítulo os sítios arqueológicos identificados nos trabalhos relativos à Carta Arqueológica do Concelho da Chamusca, com informação proveniente de bibliografia, da análise de espólio arqueológico existente em instituições diversas<sup>13</sup> e de trabalhos de prospeção, distribuídos pelas várias freguesias do Concelho. Estes contextos arqueológicos são apresentados freguesia a freguesia, por ordem cronológica, iniciando-se na freguesia com a sede de Concelho. Assim, cada sítio/monumento é numerado sequencialmente, com a sigla da freguesia, indicando-se a altitude a que se encontra, os acessos, a classificação cronológica-cultural, a descrição, o espólio (quando existente) e a bibliografia. Não indicamos propositadamente as coordenadas geográficas, de

modo a proteger de eventual vandalismo estes vestígios do passado, alguns já bastante fragilizados. Contudo, essa informação é cedida por outra via à Câmara Municipal para ser tomada em conta relativamente ao PDM.

Grande parte dos vestígios arqueológicos tratados neste documento foi obtida através de recolhas de superfície. Assim, as datações atribuídas neste capítulo devem ser consideradas como relativas, só sendo possível chegar a conclusões absolutas através de escavações arqueológicas. Para além disso deve-se ter presente que nesta região do Vale do Tejo as indústrias macrolíticas em quartzito podem datar do Paleolítico, do Mesolítico ou estenderem-se até ao Neolítico.

<sup>13</sup> Câmara Municipal da Chamusca, Museu Geológico e Museu Nacional de Arqueologia.

Em algumas freguesias existem vestígios arqueológicos com proveniência exata desconhecida, encontrando-se à guarda de diversas instituições. Esses casos são apresentados sem numeração, no final da descrição das respetivas freguesias.

No território correspondente à União de freguesias de Parreira e Chouto, até ao momento, não se encontraram vestígios anteriores à Idade Moderna, dado que os sítios com eventual potencial arqueológico de cronologia mais antiga se situam no interior de propriedades vedadas e com gado bravo.

## UNIÃO DE FREGUESIAS DA CHAMUSCA E PINHEIRO GRANDE

### CP 1. CABEÇA ALTA

**Altitude:** 83m

**Acessos:** Pela estrada N118, direção Chamusca-Alpiarça, corta-se na rotunda dos Trabalhadores Agrícolas para a esquerda, subindo em direção ao depósito de água. O sítio arqueológico situa-se acima desta infraestrutura.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico (?) Neolítico (?).

**Tipo de sítio/descrição:** Pequeno cabeço com alguma floresta onde foram encontrados alguns artefactos líticos, entre os quais seixos talhados, lascas e um núcleo de lamelas. A construção de um depósito de água no local deve ter eventualmente destruído alguns vestígios arqueológicos.

**Espólio:** Lascas, seixos talhados e um núcleo de lamelas.

**Bibliografia:** Inédito.

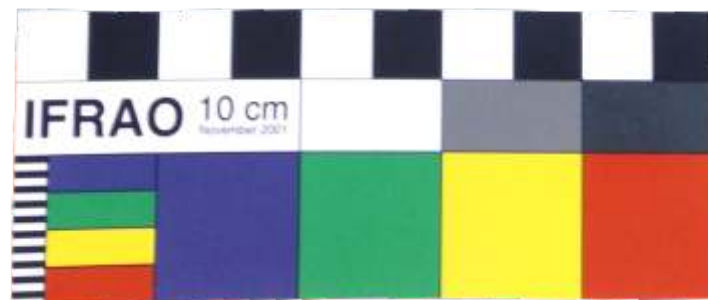


Fig. 24 – Utensílio lítico encontrado na Cabeça Alta.

## CP 2. CASAL DE S. SEBASTIÃO

**Altitude:** 35m

**Acessos:** Pela estrada N 118, corta-se para a estrada secundária que leva às traseiras do Cemitério Municipal. O sítio fica em frente à parte posterior do cemitério, do outro lado da estrada.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico (?), Pré-história Recente, Romano (?)

**Descrição:** Localizado por trás do Cemitério Municipal da Chamusca é um pequeno terraço,

com uso florestal e de pastoreio, onde foram identificados vários materiais líticos, com grande presença de materiais em quartzito e alguns materiais em sílex e alguns fragmentos de cerâmica manual de pasta castanha clara.

**Espólio:** Alguns seixos talhados, lascas em sílex (Fig. 25) e cerâmica manual de pasta castanha clara.

**Bibliografia:** Inédito (relativamente à Pré-História); LÁZARO, 2016 (relativamente ao Período Romano).

## CP 3. QUINTA DA ARREZIMA

**Altitude:** 34 m

**Acessos:** lado sul da estrada N118, a 250m WNW da Ponte da Chamusca

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Estação arqueológica do Paleolítico, com materiais em depósito no Museu Geológico.

**Espólio:** cinco peças líticas em quartzito.

**Bibliografia:** Inédito.



#### 4. RUA DA GAMELINHA

**Altitude:** 75 m.

**Acessos:** Pela Rua Maria Marques de Carvalho segue-se sempre em frente, até chegar à Rua da Gamelinha, cujo corte se localiza no lado direito que quem sobe.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Num corte estratigráfico, exposto pelas obras de abertura da rua da Gamelinha, próximo da Ribeira com o mesmo nome, foram

encontrados, numa cascalheira com uma extensão de 36 m, vários materiais líticos, dos quais destaca um biface. Os materiais encontram-se em estratigrafia, embora não esteja definido um nível arqueológico, pois os materiais aparecem dispersos na cascalheira (Fig. 26).

**Espólio:** Materiais líticos (quartzito) de tipologia diversa.

**Bibliografia:** Inédito.

#### CP 5. PORTO DO CARVÃO

**Altitude:** 11 m

**Acessos:** Saindo do centro da Chamusca, pela Rua Direita de S. Pedro até à zona industrial, vira-se na primeira à esquerda, após o supermercado Lidl, andando-se depois cerca de 300 m por uma estrada de terra batida até ao rio Tejo.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico (?) Período Romano; Indeterminado.

**Descrição:** Mancha de dispersão de materiais arqueológicos diversos, com diferentes datações. A prospeção realizada junto ao topónimo Porto de Carvão estendeu-se até cerca de 300 metros para sudeste, fazendo ligação com um antigo afluente.

Esta área possui um contraste de altitude que vai desde os 15 metros, da zona atualmente assoreada até aos 50 ou 90 m de altitude, num espaço inferior a 200 m de distância relativamente às



Fig. 25 – Lasca de sílex do Casal de São Sebastião.



Fig. 26 – Sítio arqueológico da Rua da Gamelinha.

colinas que lhe ficam próximas, tendo servido em tempos como uma possível excelente área de refúgio das correntes que advêm da nascente do Tejo e podendo fazer uma ligação com o interior da Chamusca através da ribeira que lhe dá acesso, atualmente também completamente assoreada.

Não se registaram estruturas relacionadas com algum eventual porto fluvial.

**Espólio:** Ao longo desta área registaram-se alguns elementos de seixos talhados em quartzito e núcleos, extremamente rolados, bem como dois pesos de rede em cerâmica, um dos quais de cozedura oxidante/redutora, de possível cronologia romana. Ainda de destacar um fragmento de uma asa de ânfora romana e diversos fragmentos de cerâmica de longa diacronia.

**Bibliografia:** Inédito.

#### CP 6. RUA NOVA DA NORA/LAGARTEIRA

**Altitude:** 58 m

**Acessos:** Subir até ao final da Rua Nova da Nora, continuar pelo caminho de terra batida, após o final do asfalto e virar à direita.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade do Bronze (?), Romano.

**Descrição:** Trata-se de um cabeço com localização estratégica, dominando a lezíria. Um corte efetuado para abertura de um caminho revelou algumas cerâmicas *in situ*, de fabrico manual, num

estrato mais baixo, e outras, feitas com roda, situadas em estrato superior, verificando-se assim, diversos períodos de ocupação. Os vestígios de superfície (cerâmicas) dispersam-se por uma área de 180 x 70 m.

**Espólio:** Cerâmica de fabrico manual, com pasta de cor alaranjada e muitos grãos de quartzo. Outras cerâmicas, feitas à roda, de pasta de cor castanha e ainda outras de pasta alaranjada.

**Bibliografia:** Inédito.



Fig. 27 – Asa de ânfora e peso de rede. Porto do Carvão.

## CP 7. CASAL DA FEIA

**Altitude:** 50 m

**Acessos:** EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), limite entre a Chamusca e o Pinheiro Grande. Caminho de terra batida a partir da EN 118, à direita. Propriedade privada, com vedação.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade do Bronze (?), Período Romano (?)

**Descrição:** A informação bibliográfica indica a existência de um "machado da idade do bronze (sic) (...) actualmente no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos" (Tecedeiro, 1998: 105-106). Tivemos conhecimento desta notícia já num período de conclusão desta obra, motivo pelo qual desconhecemos se esta peça existe ou não.

A partir de informação pessoal do Dr. Jaime Marques, que durante os anos 70 procedeu à identificação de possíveis locais arqueológicos, através da prospeção em diversas áreas do concelho da Chamusca, foi possível apontar o Casal da Feia como um possível local de período Romano, através de vestígios de superfície. Até ao momento não nos foi possível confirmar esta informação, visto que o acesso ao local encontra-se vedado, por se encontrar em propriedade privada. Contudo, mencionamos este sítio em virtude da sua posição estratégica, num cabeço próximo do Tejo, com eventual ocupação proto-histórica.

**Espólio:** Machado de bronze (?).

**Bibliografia:** TECEDeiro, 1998; LÁZARO, 2015.



## CP 8. SENHOR DO BONFIM

**Altitude:** 134m

**Acessos:** Rua do Bonfim, Chamusca, nos terrenos em volta da Capela do Senhor do Bonfim.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade do Ferro (?), Período Romano.

**Descrição:** Destacando-se na paisagem, o cabeço do Bonfim localiza-se na fronteira da Vila da Chamusca com a Charneca. Este local é o ponto mais alto dentro da vila e tem uma posição estratégica privilegiada, pois controla toda a lezíria e acessos possíveis, e possui também condições de defesa natural (Fig.28). Já anteriormente, este local era apontado como um sítio de possível

interesse arqueológico devido a terem sido identificados fragmentos de *dolium* (Marques, 2002). Atualmente nas encostas sul e leste do cabeço foi possível identificar vários artefactos cerâmicos de vários períodos cronológicos através de buracos recentes feitos por mão humana.

**Espólio:** Vários fragmentos cerâmicos, nomeadamente cerâmica fina, de construção, asas, bordos, e cerâmica de pigmentação escura. Fragmentos de *dolium*, depositados na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de acordo com informação pessoal de Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## CP 9. CASAL DO OUTEIRO

**Altitude:** 25m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, Pinheiro Grande, Casal do Outeiro. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** As informações relativas a este local dão-nos a indicação de terem sido descobertas



Fig. 28 – O cabeça do Senhor do Bonfim, com a capela no seu topo.

## CP 10. LÁPIDE DA ARREZIMA

**Altitude:** 59m

**Acessos/Localização:** O paradeiro desta inscrição é, atualmente, uma incógnita, tendo Jaime Marques (1987) referido que apenas é sabido que em data posterior a 1870 foi oferecida a um Juiz de Direito da Comarca da Golegã.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Lápide funerária com a seguinte inscrição:

D (is) · M (anibus) · S (acrum) / ARICINAE [?] / HYPOLITVS / ANNO (rum)

III (trium) / H (ic) · S (ita) · E (st) · / S (it) · T (ibi) · T (erra) · L (evis)

*Consagrado aos Deuses Manes. Hipólito a Aricima, de três anos. Aqui jaz. Que a Terra te Seja Leve.*

A inscrição acima descrita encontra-se referida num manuscrito, não publicado, de Manuel José Carvão Cid Guimarães, intitulado *O Concelho da Chamusca no tempo dos Romanos. A Rota do Ferro*

*e a Cultura da Vinha*, datado de 1969, que segundo Jaime Marques "não publica fotografia ou desenho, apenas refere ter sido encontrada em 1870 na Quinta da Arrezima, Freguesia do Pinheiro Grande" (Marques, 1987: 5).

José d'Encarnação (1984) indica que estamos perante um termo que não é encontrado em epígrafes no território português e na Península Ibérica, por isso o autor sugere *a hipótese "ARICINAE, com N e nexo, para fazer um pouco de sentido; de facto, se o primeiro antropónimo fosse um cognome feminino no nominativo, não tinha sentido Hypolitus, masculino e no nominativo também"* (Encarnação, 1984: 700).

O cognome que encontramos nesta epígrafe, segundo Encarnação, seria que *"Hypolitus estaria por Hippolytus, cognome de origem grega, de que no Conventus Pacensis registámos o feminino com a grafia Epolita"* (ENCARNAÇÃO, 1984: 701).

**Bibliografia:** ENCARNAÇÃO, 1984; ALARCÃO, 1987; MARQUES, 1987; LÁZARO, 2015.

## CP 11. VALE DA ARREZIMA

**Altitude:** 100m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes até ao Pinheiro Grande, Quinta da Arrezima. Caminho de terra batida a partir da EN 118. Difícil acesso. O sítio localiza-se em propriedade privada encontrando-se vedado.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano (?)

**Descrição:** A partir de informação pessoal do Dr. Jaime Marques, indica-se o Vale da Arrezima como um possível local de período Romano, através de vestígios que identificou à superfície. Atualmente não nos foi possível confirmar esta informação, visto que o acesso ao local se encontra vedado por se encontrar em propriedade privada.

**Espólio:** Localização desconhecida.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

## CP 12. QUINTA DAS TREVAS

**Altitude:** 23m

**Acessos:** EN 118 (Chamusca-Abrantes), ao Km 96 do lado direito da estrada, caminho de terra batida para o interior do terreno. O sítio localiza-se em propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Este local encontra-se no fundo de vários cabeços, fazendo assim a transição para a zona de Campo que é cortado pela Estrada Nacional. Encontra-se documentado que (...) *"a cerca de duzentos metros da estrada, apareceram sepulturas de tijolos de barro atribuídos aos romanos, contíguas a uma pequena capela cujos restos existiam nos finais do primeiro quartel do séc. XX. O Dr. José Pedroso, dono da propriedade, possuía um frasco quadrangular*

*que tinha sido encontrado dentro dessas sepulturas. O seu filho, Eng.<sup>o</sup> Norberto Pedroso confirmou, haverá mais oito décadas, que ainda existiam algumas dessas sepulturas e em que locais. Em 1931, quando se dava início à abertura de alicerces para um palheiro, apareceram diversos pedaços de objetos de cerâmica entre os quais a asa de uma ânfora. Entretanto, na família Mascarenhas Pedroso havia notícia de diversas ânforas" (Fonseca, 2001: 20-22).*

Com a deslocação ao local não foi possível proceder à relocalização de qualquer tipo de achados, devido à alta e densa vegetação e à existência de grandes quantidades de entulho dos edifícios demolidos.

**Espólio:** Desconhece-se a localização do espólio referido acima.

**Bibliografia:** FONSECA, 2001; LÁZARO, 2016.

### CP 13. ARRAIOLOS DE BAIXO

**Altitude:** 64 m

**Acessos:** Rua da Cabeça Alta, Chamusca, depois seguindo pelo caminho de terra batida em direção à Ribeira de Arraiolos. Difícil acesso.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Encosta do lado esquerdo da Ribeira de Arraiolos, junto à ponte, que se encontra

atualmente repleta de uma plantação de eucalíptos. É possível encontrar uma zona de sobreiros onde a terra foi revolvida mecanicamente e onde são visíveis fragmentos de cerâmica de construção, mas muito fragmentados.

**Espólio:** Fragmentos de cerâmica romana de construção.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.



## CP 14. PORTO DAS MULHERES

**Altitude:** 15 m.

**Acessos:** Do interior da Chamusca, seguir pela Rua Dr. Armando Cumbre até ao Rio Tejo. O topónimo e os vestígios foram registados na margem do rio, na zona de areal observada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano até à Idade Contemporânea.

**Descrição:** Mancha de dispersão de vestígios arqueológicos. Apesar de alguns deles terem sido provavelmente transportados pelo Tejo, devido a se encontrarem bastante rolados, um fragmento cerâmico com decoração incisa apresenta fratura recente (Fig.29).

Os trabalhos de prospeção não permitiram observar a existência de estruturas à superfície, quer se relacionam com algum porto, quer a outro tipo de vestígios. No entanto, nas areias de assoreamento que integram a zona interna do Tejo central

português observa-se uma panóplia de artefactos que enquadrámos numa cronologia vasta, completamente revolidos e sem qualquer conexão ou dispersão precisa. Situação idêntica é registada no Porto de Carvão, mais a leste.

**Espólio:** Três pesos de rede, de diferentes dimensões, fragmentos cerâmicos diversos, de onde se destacam um fragmento com decoração incisa e dois bordos decorados.

De modo geral, trata-se de materiais com cronologias relativamente recentes, à exceção de alguns fragmentos que poderemos recuar à Época Clássica. Estes vestígios encontram-se, mais ou menos dispersos por toda a área visível, sendo testemunhos do uso natural desta via para transporte de materiais, pelo menos desde o período romano.

**Bibliografia:** Inédito.



Fig.29 – Fundo de vaso cerâmico, fragmentos decorados com incisões e peso de rede.

## CP 15. COVA DA MOURA

**Altitude:** 40m

**Acessos:** Rua da Cabeça Alta, Chamusca, depois seguindo pelo caminho de terra batida, chegando à denominada "Ponte Romana" na encosta do lado esquerdo. Difícil acesso.

**Classificação cronológica-cultural:** Indeterminado.

**Descrição:** Este lugar é apontado como uma possível mina utilizada para a extração de ferro desde a época romana, mas não existem vestígios concretos que o comprovem. Não é possível atribuir uma cronologia concreta ao local. Este lugar encontra-se envolto de lendas ligadas a mouras encantadas. De acordo com testemunhos

populares, aquela entrada ligava a Ribeira de Arraiolos à Quinta das Trevas.

Atualmente, constatamos que o sítio se encontra com muita vegetação, mas que existem esculpidas na rocha umas escadas que dão acesso a uma abertura para dentro do afloramento geológico. Essa mesma abertura foi fechada pela autarquia com um portão de ferro, que hoje se encontra completamente oxidado (Fig.30).

Sabemos também que parte da cavidade natural ou artificial abateu com a plantação de eucaliptos existente no topo da encosta no final do séc. XX.

**Espólio:** Fragmentos de minério de ferro.

**Bibliografia:** FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.



Fig. 30 – Entrada da Cova da Moura.

## Vestígios arqueológicos da Chamusca e Pinheiro Grande sem proveniência exata

### CONJUNTO DE MACHADOS POLIDOS

**Classificação cronológica-cultural:** Neolítico.

**Localização/ Depósito:** Clube Agrícola da Chamusca.

**Descrição:** Conjunto de quatro machados polidos (Fig.62).

**Bibliografia:** Inédito<sup>14</sup>.

### LADRILHO DE CERÂMICA

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Localização/ Depósito:** Centro de Artesanato, Chamusca

**Descrição:** Ladrilho completo de cerâmica.

**Bibliografia:** Inédito.

<sup>14</sup> Foi-nos cedido pelo Sr. João José Bento, antigo vereador da Câmara Municipal da Chamusca, um desenho destes machados, proveniente de uma publicação incompleta, sem referência a autor ou editor. Como não foi possível identificar a referida publicação, consideramos estes machados como inéditos.



## FREGUESIA DA CARREGUEIRA

### C 1. ARRIPIADO

**Altitude:** 70m (?)

recolhas antigas. Estão inventariadas cinco peças.

**Acessos:** Estrada N118 (?).

**Espólio:** Uma lasca, uma raspadeira e um seixo talhado do Paleolítico; um machado de anfibolito do Neolítico; uma espátula de ferro, da Idade do Ferro.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico, Neolítico, Idade do Ferro.

**Descrição:** Sítio arqueológico com materiais em depósito no Museu Geológico, tratando-se de

**Bibliografia:** inédito.

### C2. CABEÇO DOS CABEÇALHOS

**Altitude:** 170m

**Descrição:** A bibliografia consultada não descreve o sítio. Existem alguns seixos talhados e lascas na Câmara Municipal da Chamusca.

**Acessos:** Estrada Carregueira – Semideiro, junto ao Casal do Relvão segue-se por carreteiro (Graça, 2002).

**Espólio:** Alguns seixos talhados e lascas existentes na Câmara Municipal da Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico (?).

**Bibliografia:** GRAÇA, 2002.

### C3. CABEÇO DA PEREIRA

**Altitude:** 112m

**Acessos:** Partindo da Carregueira pela Estrada Municipal em direção ao Semideiro, andar 2,2km e virar à esquerda, em direção a Cabeço da Pereira. Acesso difícil.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Sem informação existente na bibliografia consultada.

**Espólio:** Núcleo e lasca mustierense, seixos talhados unifaciais, raspador lateral, lascas semi-corticais simples, todos em quartzito; Fragmento de sílex; Fragmentos de cerâmica; machado de pedra polida picotado de secção rectangular (Portal do Arqueólogo).

**Bibliografia/Fonte de informação:** BATISTA, 2004; PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

### C4. CARREGUEIRA

**Altitude:** 186 m

**Acessos:** Estrada Municipal a partir do centro da Carregueira.

**Classificação cronológica-cultural:** Indeterminado (Paleolítico Inferior à Pré-História Recente).

**Descrição:** São identificados inúmeros artefactos líticos de quartzito e quartzo, de enquadramento duvidoso devido a tipologias que apresentam larga

proveniência de tempo - do Paleolítico Inferior à Pré-história Recente. Estes artefactos estão dispersos numa área muito vasta, apresentando-se contudo as áreas de maior concentração junto da estrada municipal (Portal do Arqueólogo).

**Espólio:** Artefactos líticos de quartzito e quartzo.

**Bibliografia/Fonte de informação:** PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

## C5 CASAL DO RELVÃO

**Altitude:** 175m

2011, encontrando-se o sítio atualmente destruído (Portal do Arqueólogo).

**Acessos:** A partir da Carregueira, em direção ao Ecoparque.

**Espólio:** Materiais líticos.

**Classificação cronológica-cultural:** Indeterminado (Pré-História Antiga).

**Bibliografia/Fonte de informação:** PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

**Descrição:** Mancha de ocupação com alguns artefactos líticos, identificada em prospeções de

## C6. CASCALHEIRA DO MARCO GEODÉSICO DA LAGOA DA MURTA

**Altitude:** 168m

junto ao Marco Geodésico da Lagoa da Murta, sendo os materiais aí existentes resultado da exploração da matéria-prima durante o Plistocénico, numa altura em que a cascalheira já estava exposta.

**Acessos:** EN118 até ao Ecoparque da Carregueira, segue-se depois pela estrada municipal, em direção ao Semideiro. O sítio localiza-se após a grande cascalheira próxima do marco geodésico.

**Espólio:** Grande quantidade de seixos talhados e lascas (Fig.31).

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Trata-se das camadas superiores das cotas mais baixas de uma cascalheira Pliocénica

**Bibliografia:** Inédito.



Fig.31 – Utensílios líticos diversos da Cascalheira do Marco Geodésico da Lagoa da Murta.

## C7. ECOPARQUE 1

**Altitude:** 163m

**Acessos:** Pela Estrada N 118 até à Carregueira, seguindo depois para estrada de acesso à Resitejo, no Ecoparque.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Localizado em zona florestal a cerca de 200 m da Resitejo, tratando-se de um sítio onde se encontraram apenas alguns artefactos líticos.

**Espólio:** Materiais líticos.

**Bibliografia:** Inédito.

## C 8. MÃE D'ÁGUA

**Altitude:** 75m

**Acessos:** Junto ao vale da ribeira do Vale da Carregueirinha.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico (?); Neolítico (?).

**Descrição:** Área de cerca de 150 m<sup>2</sup>, situada numa colina da margem direita da ribeira do Vale da Carregueirinha, onde se recolheram em prospe-

ções da responsabilidade de outra equipa, alguns materiais líticos tais como seixos afeiçãoados, lascas e núcleos em quartzito e lascas em sílex. Encontraram-se ainda diversos fragmentos cerâmicos, entre os quais um bordo decorado (Graça, 2009).

**Espólio:** Seixos afeiçãoados, lascas e núcleos em quartzito e lascas em sílex. Fragmentos cerâmicos.

**Bibliografia:** GRAÇA, 2009.



## C 9. PORTELA II

**Altitude:** 75m

**Acessos:** saindo do Arripiado pela EN 118 em direção a Stª Margarida da Coutada, virar à direita, após a Ribeira da Foz, seguir por estradão de terra batida. Acesso difícil.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico/ Neocalcolítico.

**Descrição:** Os vestígios localizam-se num planalto sobranceiro à Ribeira da Foz, ocupando uma

área com cerca de 200m<sup>2</sup>, sendo interpretados como um possível acampamento ou oficina de talhe (Portal do Arqueólogo).

**Espólio:** Seixos talhados, uni e bifaciais em quartzito e fragmento de lâmina em sílex.

**Bibliografia/Fontes de informação:** BATISTA, 2004; PORTAL DO ARQUEÓLOGO, 2017.

## C 10. VALE DA CHÃ GRANDE

**Altitude:** 80m

**Acessos:** Estrada Nacional 118 no sentido Chamusca-Arripiado, após o Km 110 e Ribeira das Fontainhas. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico / Neolítico / Romano.

**Descrição:** Sem informação existente na bibliografia consultada. Não conseguimos aceder ao local devido a se encontrar vedado.

**Espólio:** Materiais líticos e cerâmicas de tipologia diversa (Fig.32).

**Bibliografia:** GRAÇA, 2002; COIMBRA, et. al. 2016.

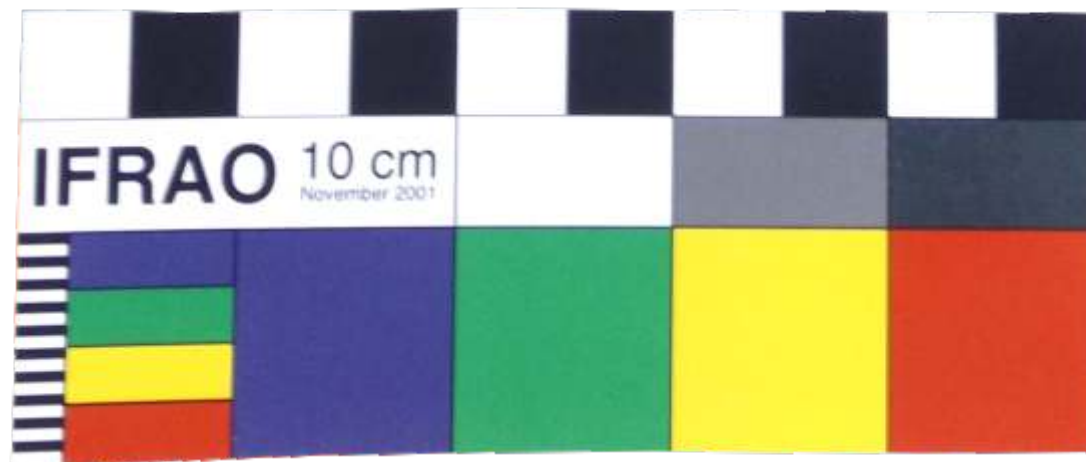


Fig.32 – Fragmento cerâmico, com decoração, do Vale da Chã Grande.

## C 11. VALE DA LAJE

**Altitude:** 131m

**Acessos:** Saindo do Arripiado pela EN 118 em direção a St<sup>a</sup> Margarida da Coutada, antes da Ribeira da Foz cortar à direita e andar cerca de 4km. O sítio fica do lado esquerdo.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico Inferior (?)

**Descrição:** Esta estação localiza-se numa zona mais elevada entre as Ribeiras das Lamas e da Foz, e corresponde a achados avulsos de lascas em quartzito. A zona foi sujeita a lavras profundas com o intuito de se proceder à plantação de eucalipto.

**Espólio:** Achados avulsos de lascas em quartzito.

**Bibliografia/Fonte de informação:** PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

## C 12. VALE DE MOINHO

**Altitude:** 181m

**Acessos:** Da Carregueira até ao EcoParque do Relvão. O sítio situa-se entre as empresas SISAV e a Ecodeal.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico e Indeterminado (Pré-história Recente?).

**Descrição:** Plataforma detrítica, com cascalheira de quartzito, em geral muito rolado, seccionada por duas drenagens orientadas de Sul para Norte. Ocorrem dispersos em toda a área de incidência do projecto materiais em pedra lascada (instrumentos, produtos e restos de talhe) de cronologia pré-histórica, tanto paleolítica como pós-paleolítica (tipologia languedocense), associados à

matéria-prima (principalmente quartzito) disponível no local para produção de ferramentas. O sítio foi identificado por duas equipas diferentes, que prospectaram áreas confinantes. Deste modo pode-se tratar do mesmo sítio a qual foram dadas designações diferentes.

**Espólio:** materiais líticos de tipologia e cronologia diversa.

**Bibliografia/Fontes de informação:** PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

### C 13. ALTO DO CARRINHO

**Altitude:** 34 m

**Acessos:** Estrada N118, sentido Carregueira – Arripiado, vira-se à esquerda por caminho de terra batida, antes da Ribeira das Ferrarias.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade do Bronze, Período Romano, Alta Idade Média.

**Descrição:** Sítio com ocupações sucessivas, descoberto em prospeções realizadas no âmbito do protocolo entre o IPPAR e a Transgás (1996). Realizaram-se sondagens que revelaram "cerca de 100 fragmentos cerâmicos, algum material lítico e escassos fragmentos de metal" (Portal do Arqueólogo). "O acompanhamento arqueológico

dos trabalhos de instalação da rede de gás natural levou à localização de uma estação cronologicamente associada à Idade do Bronze. Os objetivos da realização de uma sondagem neste sítio permitiram definir os limites da estação e constatar que parte importante do povoado já se encontra irremediavelmente destruída" (Portal do Arqueólogo).

**Espólio:** Fragmentos cerâmicos, algum material lítico e escassos fragmentos de metal.

**Bibliografia/Fontes de informação:** ALMEIDA e MAURÍCIO, 2004; LÁZARO, 2015; PORTAL DO ARQUEÓLOGO.







## C 14. ENCOSTA DO CASTELO

**Altitude:** 62 m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca – Abrantes, virar à esquerda para o miradouro do Almourol.<sup>15</sup>

**Classificação cronológica-cultural:** Idade do Bronze (?) Idade do Ferro (?)

**Descrição:** O sítio consiste em dois penedos graníticos com algumas gravuras rupestres, executadas por picotagem, constituídas por motivos em ferradura, sulcos e algumas figuras indeterminadas. Trata-se das primeiras manifestações de arte rupestre identificadas no Concelho da Chamusca.

**Bibliografia:** Inédito.

## C 15. RIBEIRA DAS FONTAINHAS

**Altitude:** 67m

**Acessos:** Atualmente sem acesso por estrada ou caminho. O sítio localiza-se em propriedade privada encontrando-se vedado. Difícil acesso pela existência de gado e vegetação.

**Classificação cronológica-cultural:** Proto-História, Idade Média, Idade Moderna.

**Descrição:** Sítio localizado no topo de um cerro. De acordo com a informação registada no Portal do Arqueólogo (2017), prospeções de 1996 e sequente acompanhamento arqueológico da implantação da linha do gasoduto identificaram "achados cerâmicos à superfície (...) de cronologia proto-histórica" (idem, 2017).

Neste local foram também recolhidas, por habitantes locais, moedas diversas que se enquadram

<sup>15</sup> Dado que este sítio é de conservação problemática, não fornecemos indicações mais precisas.

num período cronológico entre os reinados de D. Afonso IV e D. Sebastião.

Não foi possível chegar ao local indicado, devido à densa vegetação e por não existirem, atualmente, acessos para o local que se encontra em propriedade privada e vedado.

**Espólio:** fragmentos cerâmicos e moedas.  
Localização desconhecida.

**Bibliografia/Fonte de informação:** LÁZARO, 2015, PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

## C 16. MOSAICO DO ARRIPIADO

**Altitude:** 43m

**Acessos:** EN118, direção Chamusca-Abrantes, cortar à esquerda para o Arripiado, Quinta do Arripiado de Baixo.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano (séc. III/séc. IV).

**Descrição:** O mosaico foi descoberto em 1921 durante obras de regularização de alguns terrenos com vista à implantação de uma eira na Quinta do Arripiado de Baixo.

O achado foi documentado através de uma fotografia e da seguinte descrição: "O mosaico ocupava uma superfície que teria cinco metros

de comprimento por três de largo, terminando retangularmente num dos extremos e salientando-se em curva no outro. Dividia-se, ao longo do comprimento, em três secções, sendo as dos lados completamente iguais entre si e divergindo a do meio. As secções dos lados eram divididas em quadrados, cada um com sua composição em separado. A secção do meio e a curva da terminação também cada uma se distinguia pela sua composição peculiar. O conjunto, em todas as suas divisões, era construído por uns pequenos paralelepípedos, (...), policrómicos, formando entrelaçamentos, delineados estes e executados com inextinguível correção de desenho, e o maior gosto artístico" (Fonseca, 2001: 21).

Através da fotografia a preto e branco, tirada na época da sua descoberta, e reproduzida por Fonseca (2001) é possível verificar que o mosaico era constituído por entrançados, dos quais se destaca um Nó de Salomão (Coimbra et al. 2016).

Atualmente parte do mosaico encontra-se na Coleção de Mosaicos do Museu Nacional de Arqueologia, nomeadamente três tesselas (Abraços, 1999: 358), tendo sido o restante tapado com a construção da eira.

Durante uma deslocação ao sítio, foi possível observar que no local onde foram encontrados os vestígios, persiste, ainda, a eira que foi implantada em 1921, sem sofrer grandes altera-

ções e que ao seu redor se localiza um pequeno picadeiro.

A importância deste mosaico no âmbito da Romanização da Chamusca, único no município até à data, levou-nos a descrevê-lo separadamente do sítio arqueológico seguinte (Arripiado II), onde estaria integrado.

**Espólio:** Três tesselas, depositadas no Museu Nacional de Arqueologia.

**Bibliografia:** ABRAÇOS, 1999; FONSECA, 2001; CARRINHO, 2003; MATIAS, 2003; LÁZARO, 2015; COIMBRA et al. 2016.

## C 17. ARRIPIADO II

**Altitude:** 43m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, povoação do Arripiado.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** O sítio tem vindo a ser apontado como uma possível *villa* romana, ideia suportada pela

descoberta do mosaico referido anteriormente. Mário Saa (1964) menciona o local também como testa da barca em época romana, devido ao porto natural do Arripiado, sendo, assim, efetuada naquele lugar a travessia do Tejo entre Tancos-Arripiado. Este sítio é apontado como uma passagem com o cruzamento de duas vias romanas que se efetuavam naquele ponto, VIA XV - *Lisboa (OLISIPO)* - *Alvega (ARITIO VETUS)* - *Mérida (EMERITA)* e a via secundária que ligava *Tomar*

(*SELLIUM*) - Évora (*EBORA*). Esta via secundária efetuará a travessia do Tejo naquele local. São apontados outros vestígios, tais como, alicerces e cerâmica de construção (Alarcão, 1988: 114).

As evidências descritas e os achados arqueológicos neste local, juntamente com a implantação geográfica da atual aldeia, que surge na encosta virada para o Tejo, juntamente com os terrenos férteis envolventes, permitem especular que se pode tratar de uma possível *villa*. Autores locais

(Matias, 2003) apontam a existência de uma *villa* romana naquele sítio, devido à envolvimento do território local e à relação com outras estações arqueológicas romanas em redor, nomeadamente *Tubucci (Tramagal)*, a Herdade do Carvalhal em Santa Margarida (Constância) e a estação romana da Galega Nova.

**Bibliografia:** SAA, 1964; ALARCÃO, 1987; MATIAS, 2003; LÁZARO, 2015

## C 18 CASAL DA CORTICEIRA

**Altitude:** 48m

**Acessos:** EN 118 direção: (Chamusca-Abrantes), ao Km 110, virar à direita em direção ao Cemitério do Arripiado seguindo pela estrada de terra batida.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano (?)

**Descrição:** Este local é apontado na bibliografia como estando associado à fundição de escória e diretamente ligado com a Ribeira das Ferrarias, que passa no fundo do vale, onde se encontravam

os vestígios de escória. Segundo as fontes, o local é descrito como: "(...) o casal da Curticeira, que lhe fica anexo [Ribeira das Ferrarias], existiam umas ruínas, provavelmente romanas, a que chamam a "Casa do Ferreiro" (...) (Fonseca, 2001: 20).

Não nos foi possível confirmar esta informação devido ao sítio se localizar em propriedade privada e vedado. É fundamental registar que não tivemos autorização do proprietário do terreno para entrar no local, segundo o qual as ruínas que lá existiam foram demolidas, não restando nada delas.

**Bibliografia:** FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.



Fig. 34 – Dormente de mó, possivelmente proveniente da Galega Nova.



## C 19 GALEGA NOVA

**Altitude:** 180m

**Acessos:** Na Carregueira subir em direção ao EcoParque do Relvão e continuar em direção à Herdade da Galega Nova. O sítio localiza-se no interior da herdade, sendo propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Este local encontra-se numa plataforma que se encontra cruzada com uma pequena linha de água. O sítio foi identificado através de materiais recolhidos à superfície em 1983, que em 1987 deram origem a um estudo levado a cabo por A.M. Dias Diogo. Essa investigação apresentou os seguintes materiais: cerâmica comum; um peso de tear; *terra sigillata* hispânica; fragmentos de vidro; um elemento dormente de uma mó em granito, côncavo, de furo central; um bronze de Constantino da 2ª década do séc. IV. Anverso: CONSTANTINVS P F AVC. Busto à direita, laureado e couraçado. Reverso: SOLI INVI-C-TO COMITI. Sol de pé à

esquerda, com a mão direita estendida e o globo na esquerda; e ainda um disco de lucerna com uma cena erótica, datável de Augusto aos Flávios. Este mesmo autor aponta que estes vestígios correspondam a uma ocupação romana, provavelmente do tipo *villa*, tratando-se de uma mera hipótese, tendo o autor situado os achados cronologicamente entre meados do séc. I e o séc. IV (Diogo, 1987). Com a deslocação ao local foi possível relocalizar o sítio, com a identificação de vestígios de superfície, nomeadamente materiais de construção (*tegulae e imbrices*) e cerâmica comum já bastante rolada (Lázaro, 2015).

**Espólio:** Relativamente ao espólio indicado acima desconhecemos o seu paradeiro. Em edifício pertencente à Câmara M. da Chamusca encontra-se um dormente de mó em granito (Fig.33), que poderá corresponder ao elemento atrás referido.

**Bibliografia/Fonte de informação:** DIOGO, 1987; PEREIRA et.al., 2007; LÁZARO, 2015; PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

## C 20. PINHAL DOS TRÊS MARCOS

**Altitude:** 145m

**Acessos:** EN 118 direção Chamusca-Abrantes, ao chegar ao Km 112, virar para EM 1373, caminho de terra batida, difícil acesso.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano (?).

**Descrição:** O local aqui apontado foi identificado por mero acaso, pois não se encontra mencionado na bibliografia. Este sítio encontra-se adjacente ao Vale da Chã Grande, situado numa plataforma plana com uma dispersão de vestígios

num raio de 50m, tendo visibilidade para todo aquele vale. Os vestígios aqui identificados apontam para a presença de materiais de construção romana (*tegulae e imbrices*) já bastante rolados, e cerâmica comum de possível atribuição à época romana, mas já bastante desgastada. A identificação destes vestígios foi possível devido ao local se encontrar repleto de buracos realizados por ação animal, nomeadamente javalis.

**Espólio:** fragmentos de *tegula*, *imbrex* e de cerâmica comum.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

## FREGUESIA DE VALE DE CAVALOS

### VC. 1 CASAL DO CARVALHAL

**Altitude:** 40 m

**Acessos:** Estrada N 118. Em Vale de Cavalos, toma-se a rua junto do cruzamento das bombas de gasolina, em direção ao centro da povoação.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Apesar de não existirem referências exatas acerca deste sítio juntamente com alguns materiais do Museu Geológico foi identificado o topónimo "Casal do Carvalho", em Vale de Cavalos. Neste local, num terraço do rio Tejo com uma cascalheira, situado numa elevação a sul da

povoação, foram encontrados à superfície e, residualmente na cascalheira, alguns artefactos de quartzito (Fig.35). Não existe um nível arqueológico definido, pois os materiais encontrados na cascalheira são escassos e distribuídos aleatoriamente.

**Espólio:** No Museu Geológico estão, em depósito, oito materiais líticos de quartzito, que pensamos ser deste sítio. Durante os trabalhos de campo foram encontradas várias lascas e seixos talhados de quartzito, quer no caminho de acesso ao casal, quer na referida cascalheira, que lhe fica próxima.

**Bibliografia:** Inédito.



Fig. 35 – Cascalheira do Casal do Carvalho.

## VC2. VALE DO SEIXO 1

**Altitude:** 76m.

**Acessos:** EN 118, KM 90, cortar em direção ao Casal do Seixo por terra batida, no meio do eucaliptal à esquerda. Continuar até ao Vale do Seixo. Difícil acesso.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Mancha de dispersão de materiais líticos.

**Espólio:** Alguns seixos talhados.

**Bibliografia:** Inédito.

## VC 3. VALE DO SEIXO 2

**Altitude:** 141m

**Acessos:** EN 118, KM 90, cortar em direção ao Casal do Seixo por terra batida, no meio do eucaliptal à esquerda. Continuar até ao Vale do Seixo. Difícil acesso.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Mancha de dispersão de materiais líticos.

**Espólio:** Alguns seixos talhados.

**Bibliografia:** Inédito.



#### VC 4. VALE DO SEIXO 3

**Altitude:** 85 m

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Acessos:** EN 118, KM 90, cortar em direção ao Casal do Seixo por terra batida, no meio do eucaliptal à esquerda. Continuar até ao Vale do Seixo. Difícil acesso.

**Descrição:** Mancha de dispersão de materiais líticos.

**Espólio:** Alguns seixos talhados.

**Bibliografia:** Inédito.

#### VC 5. VILA DO REI

**Altitude:** 94 m

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Acessos:** À saída de Vale de Cavalos, em direção a NE, virar à esquerda por estradão de terra batida, e, na segunda bifurcação virar à direita, ficando o sítio a cerca de 500m dessa bifurcação, próximo de uns terrenos cultivados.

**Descrição:** Zona florestal onde foram recolhidos alguns artefactos líticos.

**Espólio:** Lascas e seixos talhados em quartzito.

**Bibliografia:** Inédito.

## VC 6. CHARNECA

**Altitude:** 34m

**Acessos:** Em Vale de Cavalos, fica junto à Rua da Várzea, localizando-se a oeste.

**Classificação cronológica-cultural:** Pré-História Recente.

**Descrição:** área de terrenos agricultados onde apareceram utensílios macrolíticos e machados polidos.

**Espólio:** Alguns macrolíticos em quartzite e machados polidos, que se encontram em local incerto, segundo informação pessoal de Sónia Simões.

**Bibliografia:** Inédito.

## VC 7. MEIRINHO

**Altitude:** 27m

**Acessos:** EN 118, direção Alpiarça-Chamusca, ao Km 87 virar à esquerda, seguindo pela antiga EN 118. Acesso feito por um portão que dá acesso à Quinta. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade do Bronze, Período Romano.

**Descrição:** Trata-se de uma extensa mancha de materiais de superfície numa plataforma de um terraço do Tejo. É possível encontrar vestígios de duas épocas diferentes: 1. Fragmentos cerâmicos de "bases planas e carenas baixas, associados a talhe tipicamente Languedocense" (Portal do Arqueólogo), materiais atribuíveis à Idade do Bronze; 2. cerâmica romana de construção e comum, identificada pelo arqueólogo António

Faustino de Carvalho, durante uma visita particular ao interior da quinta, no ano 2000. (Lázaro, 2015). Este local encontra-se ainda referenciado na bibliografia pelo aparecimento, em 1925, de uma sepultura atribuída ao Período Romano, devido ao espólio que continha no seu interior (Fonseca, 2001). Na deslocação ao local em 2015, observou-se que no topo da plataforma é possível encontrar cerâmi-

ca de construção romana, nomeadamente *tegulae* e *imbrices*, relativamente bem conservadas e com alguma dimensão. Foi possível, também, identificar alguma cerâmica comum apesar de esta se apresentar fragmentada, mas em boas condições.

**Bibliografia/Fonte de informação:** FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015; PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

## VC 8. ALTO DAS OBRAS I

**Altitude:** 20m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Alpiarça, na entrada da povoação de Vale de Cavalos, na Rua Direita, terreno entre o N.º 59 e o N.º 37, que se estende até à Ribeira de Ulme.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Este local, situado nos terrenos agricultados mecanicamente em redor do Cabeço do Alto das Obras, que dão até à Vala do Paul e à Ribeira de Ulme, tem vindo ao longo do tempo a ser associado a vários achados arqueológicos. Nos anos 80 ainda se lhe atribuía a denominação

"povoação lusitano-romana de Trava", devido à variedade de achados encontrados, tais como cerâmicas diversas, uma cabeça de mulher em pedra, um anel de bronze, uma estatueta de guerreiro e um fragmento de capitel (Fonseca, 2001). Contudo não se conhece o paradeiro destes achados. Mais tarde, através da execução de furos de captação de água, descobriu-se parte de uma estrutura, que foi identificada como uma conduta atribuída à época Romana, devido aos materiais usados e à sua forma. Atualmente, no local, é possível identificar vários vestígios cerâmicos à superfície.

**Bibliografia:** C.C.R.S., 1988; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

## VC 9. ALTO DAS OBRAS II

**Altitude:** 18m

**Acessos:** Vale de Cavalos, Travessa da Nossa Senhora dos Remédios, no fim desta travessa seguir em frente por terra batida, encosta do Alto das Obras no lado direito.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** A 200m de distância do sítio do Alto das Obras 1, na encosta do cabeço do Alto das Obras,

inserido no corte do mesmo cabeço, é possível observar vários materiais cerâmicos depositados no corte por camadas de ocupação. A localização deste local encontra-se claramente ligada com o Alto das Obras 1, comprovando a ocupação do local.

**Espólio:** Fragmentos de cerâmica comum.

**Bibliografia:** C.C.R.S., 1988; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

## VC 10. MARCO MILIÁRIO AO IMPERADOR TÁCITO (1)

**Altitude:** 11m

**Acessos:** Zona de fronteira entre o Concelho de Alpiarça e o Concelho da Chamusca dividida pela Ribeira de Ulme ou Ribeira de Alpiarça. Sem acesso por estrada, propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Marco miliário com a seguinte inscrição:  
IMP (eratori) / CAESARI / M (arco) / CLAUDIO  
/ TACITO / PIO · F (elici) · IN / VICTO / AVG · PONTIF  
(ici) / M (aximo) · TRIB (unicia) / POTESTA / TIS · II  
(secunde) CO [N] S (uli) / P (atri) · P (atriae).

*Ao Imperador César Marco Cláudio Tácito Pio Félix Invicto Augusto, pontífice máximo, no seu 2.º Poder tribunício, cônsul, Pai da Pátria.*

Este marco miliário foi encontrado em zona de fronteira do concelho de Alpiarça com o concelho da Chamusca, na Ribeira do Ulme (ou Ribeira de Alpiarça), o que leva a que este monumento seja atribuído quer a um concelho quer ao outro. Surge já referenciado no séc. XVI por André de Resende (1593).

José d'Encarnação (IRPC 665) e Jaime Marques (1987) afirmam tratar-se de um marco miliário pertencente à via *Olisipo – Emerita*, que passava por *Scallabis*, que se encontra referenciada no *Itinerarium Antonini Augusti*, e que cruzava em algumas zonas o atual Concelho da Chamusca.

Refere-se ao Imperador Tácito, que nos finais de 275 d.C., mais propriamente a 10 de dezembro, assumiu o 2.º poder tribunício e só em janeiro de 276 d.C. é que é nomeado cônsul pela 2.ª vez. Assim, Encarnação (1984: 725) afirma que "a rigor, a epígrafe deveria mencionar COS ? DES ? II".

Sobre este miliário apenas temos a leitura que nos é dada através dos vários autores. Não se conhece o seu paradeiro e não foi possível encontrar qualquer imagem ou fotografia do mesmo.

**Bibliografia:** RESENDE, 1593; ENCARNÇÃO, 1984; MARQUES, 1987; LÁZARO, 2015.

## VC 11. MARCO MILIÁRIO AO IMPERADOR TÁCITO (2)

**Altitude:** 11m

**Acessos:** Zona de fronteira entre o Concelho de Alpiarça e o Concelho da Chamusca dividido pela Ribeira de Ulme. Sem acesso por estrada, propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Marco miliário com a seguinte inscrição: IMP(eratori) / CAESARI / CLAVDI/O TACITO / PIO

· F(elici) · IN / VICTO / AVQ(usto) / PONT(ifici) · M(aximo) / TRIB(unicia) · PO / TESTATIS[sic] · II(secunda) / CO(n)S(uli) · PRO / [CO(n)S(uli)] / [...]

*Ao Imperador César Cláudio Tácito Pio Félix Invicto Augusto, pontífice máximo, no 2.º Poder tribunício, cônsul, procônsul...*

Este marco miliário foi encontrado juntamente com o anterior e mencionado pelos mesmos autores nas mesmas obras. Não existe grande variação entre este monumento e o anterior, sendo que apenas "diverge na omissão do *praenomen* M(arco) e, no final, em vez de P · P vem PRO



(consuli), que é, de facto, mais corrente". (Encarnação, 1984: 666).

Sobre este miliário apenas temos a leitura que nos é dada através dos vários autores. Não se conhece o seu paradeiro e não foi possível encontrar

qualquer imagem ou fotografia do mesmo.

**Bibliografia:** ENCARNÇÃO, 1984; MARQUES, 1987; LÁZARO, 2015.

## VC 12. MARCO MILIÁRIO AO IMPERADOR TÁCITO (3)

**Altitude:** 11m

**Acessos:** Zona de fronteira entre o Concelho de Alpiarça e o Concelho da Chamusca dividido pela Ribeira de Ulme ou Ribeira de Alpiarça. Sem acesso por estrada, propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano

**Descrição:** Fragmento de marco miliário com a seguinte inscrição:

[... INJ/VICTO / AVG (usto) / P (ontifici) · M (aximo) / TRIB (unicina) / PO [T (estate)...]

*... Invicto, Augusto, pontífice máximo, no... Poder tribunício...*

Este fragmento de uma parte final de um marco miliário foi encontrado no mesmo local dos exemplos anteriores. José d'Encarnação (1984: 667) sugere a "atribuição da mesma proveniência e do mesmo imperador (Tácito, 276)". Este miliário encontra-se nas mesmas circunstâncias que os dois marcos atrás apresentados.

**Bibliografia:** ENCARNÇÃO, 1984; MARQUES, 1987; LÁZARO, 2015.

### VC 13. CABEÇO DO CASAL DO VALE DO SEIXO

**Altitude:** 60m

**Acessos:** EN 118, Km 90, cortar em direção ao Casal do Seixo por terra batida, no meio do eucaliptal à esquerda. Dificil acesso.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média (?)/ Idade Moderna (?).

**Descrição:** Um pequeno cabeço entre o Vale do Seixo e a Murta, no Vale do Seixo, junto à Estrada Nacional. O topo deste local estende-se por planalto com uma boa implantação estratégica e

geográfica, visualizando-se de um lado parte do Vale da Murta a norte, a sul o Vale do Seixo e a oeste a Ribeira de Ulme. Os vestígios aqui identificados encontram-se dispersos num raio de 75/80 m, sendo visíveis devido a todo o topo do cabeço se encontrar revolido mecanicamente para plantação de oliveiras.

**Espólio:** Vários fragmentos cerâmicos muito fragmentados de cerâmica comum, cerâmica fina e vidrada.

**Bibliografia:** Inédito.

### Vestígios arqueológicos de Vale de Cavalos sem proveniência exata

#### UTENSÍLIOS LÍTICOS

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Seixos talhados e outros materiais líticos (Fig.36).

**Localização/ Depósito:** Museu Geológico do LNEG

**Bibliografia:** Inédito (?)



Fig. 36 – Seixo talhado de Vale de Cavalos, sem proveniência exata.

## PLACA DE XISTO

**Classificação cronológica-cultural:** Neolítico/Calcolítico.

**Descrição:** Placa de xisto com incisões (Fig.11), recolhida em Vale de Cavalos, referida por Mendes Correa (1928).

**Localização/Depósito:** Museu do Instituto de Antropologia do Porto (?). Luís Tecedeiro (1998: 104) refere como proveniente de Vale de Cavalos

um "amuleto de ardósia (actualmente no Instituto de Antropologia do Porto)". Poderá eventualmente tratar-se da peça referida por Mendes Correa, que de facto levou para aquele Instituto algum material arqueológico que recolheu em Vale de Cavalos e em Alpiarça, durante as estadias em casa do seu tio José Relvas (a Casa dos Patudos).

**Bibliografia:** CORREA, 1928; VILAÇA et al., 1999; COIMBRA, 2017.

## FREGUESIA DE ULME

### U 1. ANAFE DO MEIO

**Altitude:** 169m

**Acessos:** Estrada N243 de Ulme para Chouto, cortar à esquerda para estradão de terra batida, depois do lugar de Anafe de Baixo. O sítio fica a cerca de 0,5 km do lado direito do estradão.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Zona florestal onde foram recolhidos alguns materiais líticos.

**Espólio:** Alguns materiais líticos.

**Bibliografia:** Inédito.

## U 2. CASAL DO GAVIÃO

**Altitude:** 109 m

**Acessos:** Estrada Nacional 118 até à povoação da Chamusca, seguindo posteriormente na direção do Semideiro.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Mancha de dispersão de material lítico, localizada num terraço.

**Espólio:** Lascas e raspador em quartzito.

**Fonte de informação:** PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

## U 3. CASCALHEIRA DE BAIXO

**Altitude:** 105 m

**Acessos:** Pela estrada secundária Ulme-Semideiro, até à zona florestal, no local denominado Cascalheira de Baixo.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Descrição:** Mancha de dispersão de material lítico.

**Bibliografia:** Inédito.

## U 4. FAMÃO I

**Altitude:** 88 m

**Acessos:** Pela estrada N 243, em direção a Balsas, cortar à esquerda por estrada de terra batida, antes do Casal de Famão.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico, Pré-História Recente.

**Descrição:** Este local surge no Portal do Arqueólogo referenciado como um povoado de



cronologia neolítica, mas sem nenhuma referência a trabalhos e/ou a bibliografia, sendo aquela a única informação. Para além da existência de dois machados paleolíticos (?), atendendo à localização, dispersão dos materiais e vestígios observados, consideramos que o sítio poderá ser uma oficina de talhe de quartzito da pré-história recente.

**Espólio:** Dois machados paleolíticos (?). A prospeção identificou ainda utensilagem lítica diversa, entre a qual um percutor em granito e

diversos elementos em quartzito. A utensilagem em sílex rareia. Recolheu-se ainda um conjunto de pequenos fragmentos de cerâmica manual, bastante rolados e com uma consistência friável.

**Bibliografia/Fonte de informação:** Inédito (relativamente ao Paleolítico); PORTAL DO ARQUEÓLOGO (relativamente à Pré-História Recente).

## U 5. LAGOA DA MURTA I e II

**Altitude:** 82 m

**Acessos:** A partir da EN118, na Carregueira, seguir as placas sinalizadoras do Eco-Parque do Relvão. Sensivelmente a meio do Eco-Parque virar em bifurcação da estrada, à direita.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico Superior e Mesolítico.

**Descrição:** Concentração de restos de talhe (directo e indirecto e algumas fracturas télicas). Foram identificados dois possíveis instrumentos

talhados sobre quartzito (várias lascas), subprodutos de talhe em sílex, um percutor/bigorna. Sítio localizado em esporão proeminente na paisagem e por uma área de cerca de 350 metros. No decurso dos trabalhos de prospeção, sondagem e arqueológico realizados no âmbito da construção do CIVTHRI foram recolhidos um total de 52 peças líticas (maioritariamente em quartzito) e 6 fragmentos cerâmicos, porém, não foram identificados níveis arqueológicos preservados. Coloca-se a hipótese de este ser um local de seleção e recolha de material lítico em quartzito pelo homem desde a pré-história antiga (Portal do Arqueólogo).

**Espólio:** Sobretudo lascas e núcleos em quartzito, um núcleo em sílex, um seixo unifacial em quartzito, seis fragmentos de cerâmica manual.

**Fonte de informação:** PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

## U 6. SANTA MARIA

**Altitude:** 105m

**Acessos:** Saindo de Ulme pela EN 243 em direção ao Chouto, virar à esquerda para estradão de terra batida, andar 1,5km e depois virar à direita. O sítio fica a cerca de 1km, do lado esquerdo.

**Descrição:** Pequeno cabeço com alguma florestação onde foram encontradas alguns materiais líticos.

**Espólio:** Dois machados pré-históricos e alguns seixos talhados.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico.

**Bibliografia:** Inédito.

## U 7. VALE DA MOITA/POCARIÇA

**Altitude:** 167 m

**Acessos:** Estrada Nacional 118 até à povoação da Chamusca, seguindo posteriormente na direção do Semideiro.

**Descrição:** Mancha de dispersão de material lítico, localizada num terraço fluvial.

**Espólio:** Núcleos, lascas e possível biface em quartzito.

**Classificação cronológica-cultural:** Paleolítico

**Fonte de informação:** PORTAL DO ARQUEÓLOGO.



Fig. 37 – Lasca em quartzito e fragmento de um possível machado ou enxó. Cabeço da Murta.

## U 8. CABEÇO DA MURTA

**Altitude:** 133m

**Acessos:** EN 118, entre o KM 93 e 94, cortar para uma saída de terra junto a edifício abandonado; subir todo o vale até chegar ao topo do cabeço. Acesso muito difícil.

**Classificação cronológica-cultural:** Pré-História Recente.

**Descrição:** Trata-se de um possível habitat, localizado no topo de uma plataforma de um cabeço com alguns sobreiros plantados, com uma vista panorâmica sobre a Lezíria e zona envolvente, estando geograficamente numa posição estratégica. Esta plataforma encontra-se do lado direito do Vale da Murta, sendo possível observar uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos e artefactos líticos à superfície. Os materiais aqui

identificados foram possíveis localizar devido ao terreno se encontrar revolvido por ação animal (javalis), numa área de dispersão de 120 x 200m.

**Espólio:** Registaram-se vários fragmentos de cerâmica manual de pasta de fabrico oxidante, de formas abertas, com muitos grãos de quartzo e

sem decoração e uma utensilagem variada em quartzito e sílex, desde lascas, raspadores e núcleos. As prospeções permitiram ainda recolher fragmentos de artefactos em anfibolito polidos.

**Bibliografia:** Inédito.

## U 9. FAPULME

**Altitude:** 49 m

**Acessos:** A partir de Ulme até à fábrica "Fapulme". O sítio localiza-se nos terraços que se encontram à direita da entrada principal da fábrica.

**Classificação cronológica-cultural:** Pré-história Recente (?)

**Descrição:** O sítio localiza-se junto da fábrica de reciclagem de papel "Fapulme", tendo os materiais

arqueológicos sido encontrados em terrenos junto à fábrica, num terraço ligeiramente elevado relativamente ao vale da ribeira de Ulme (Portal do Arqueólogo).

**Espólio:** Lascas e núcleos em quartzito, um fragmento de cerâmica manual pré-histórica.

**Fonte de informação:** PORTAL DO ARQUEÓLOGO.

## U 10. ARA DA JUNQUEIRA

**Altitude:** 50m

**Acessos/Localização:** EN 243 (Chamusca-Ulme), ao km 47 virar para o Casal do Pinhão, subindo até às habitações. Propriedade privada. Foi possível proceder à visualização da ara, na qual se constatou que a erosão por agentes climáticos está a degradar muito o monumento, que se encontra junto a uma das habitações, junto ao canil dos cães.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** ara de carácter honorífico com o seguinte texto:

BONO / REI [P [ublica]e ?] / [NATO?] / [...]

*Nascido para o bem da República.*

Esta inscrição é mencionada por José d' Encarnação como uma ara de carácter honorífico, "completando, assim, uma fórmula de homenagem corrente no Baixo-império" (Encarnação, 1984: 700). A descrição elaborada é a seguinte: "Danifi-

cada, do lado direito, no capitel e na aresta do fuste. Tinha moldura: no capitel, parece um toro; na base, um bocel reverso seguido de ranhura. A superfície epigrafada está muito erodida e cheia de líquenes. O canto superior esquerdo é o mais bem conservado. (...) Caracteres irregulares, de diferentes duetos, sendo irregulares também os espaços interliterais. B assimétrico, N largo, R feito a partir do P com perna rectilínea. Supomos que NIACO poderá estar por NATO" (Encarnação, 1984: 700).

A descrição elaborada por Jaime Marques coincide com a de Encarnação na sua maior parte, acrescentando que "apresenta uma cavidade em cima com as medidas de 24,5 x 15,5 cm, esta possivelmente para uma eventual reutilização (...), no lado oposto ao Campo Epigráfico encontramos uma cavidade retangular, possivelmente para colocar uma chapa de ferro" (Marques, 1987: 3-4).

**Bibliografia:** ENCARNÇÃO, 1984; MARQUES, 1987; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.



## U 11. BALSAS

**Altitude:** 97m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), lugar Balsas.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** O sítio localiza-se do lado direito da Ribeira de Ulme numa pequena encosta de terrenos revolvidos mecanicamente, por cima do pequeno casal junto à estrada, que se encontra rodeado por campos de arroz, montados de sobreiros e pinhais.

Os vestígios identificados neste local encontram-se dispersos num raio de 50/70 m. Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos circundantes a este casal, foi possível verificar a existência, nos anos 70, de cerâmica comum, sigillata, fragmentos de ânforas, *tegulae* e *imbrex* (Marques, 2002: 28).

Foram também aqui recolhidas moedas de época Romana em bronze, mais propriamente do séc. III/IV (Marques, 2002: 33).

**Espólio:** Localização desconhecida.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015

## U 12. CASAL DE PAIRES (PAYRES)

**Altitude:** 87m

**Acessos:** EM 574 (Ulme-Semideiro), cortando no Casal de Paires por uma estrada de terra batida em direção à represa de água de Paires. Propriedade Privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Lugar que se localiza nas plataformas por cima do Casal de Paires, sendo estas planas e viradas de O-E e cortadas pela estrada de terra

batida que faz ligação com a represa de água localizada na zona mais norte do casal. Neste local só é possível observar a existência de sobreiros. Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos onde se encontram plantados atualmente os eucaliptos, foi possível verificar a existência, nos anos 70, de cerâmica comum, *sigillata*, fragmentos de ânforas, *tegulae* e *imbrex*. Também foram identificados fragmentos de lucernas, juntamente com os outros fragmentos cerâmicos e moedas do séc.III/IV (Marques, 2002: 28-33).

Com a deslocação ao local, na plataforma mais a Sul, foi possível verificar a existência de fragmentos muito rolados de cerâmica de construção de época Romana, nomeadamente *tegulae* e imbrices. Devido à fragmentação destes, pode-se observar que o terreno é remexido e foi revolvido profundamente por equipamentos agrícolas.

**Espólio:** Localização desconhecida.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

### U 13. CASAL DO FREIXO

**Altitude:** 14m

**Acessos:** EN 118 (Alpiarça-Chamusca), um pouco depois do km 91, do lado esquerdo junto a umas habitações hoje utilizadas para o gado ovino.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Temos a indicação de que no ano de 1894, quando se procedeu ao revolvimento das terras para a plantação de uma vinha, foi encontrado no Casal do Freixo, pertencente à Quinta da Murta,

um vaso cerâmico com um conjunto avultado de moedas de época Romana (Fonseca, 2001: 16-18).

As moedas foram descritas pelo dono da Quinta da Murta, Dr. José Félix Pereira, que procedeu à transcrição dos nomes dos imperadores de época romana que apareciam na maioria das moedas. Assim, foi possível saber que as moedas datavam dos séculos III e IV d. C.

Atualmente não se sabe do paradeiro deste conjunto monetário, mas é considerado o achado mais importante, deste tipo, na Chamusca.

**Bibliografia:** FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

## U 14. CASALINHO

**Altitude:** 100m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), lugar Casalinho.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Lugar que se situa do lado esquerdo da Ribeira de Ulme numa pequena encosta, com um pequeno aglomerado urbano, rodeado por pequenas explorações agrícolas bem como por plantações de eucaliptos e sobreiros. Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos circun-

dantes à povoação, foi possível verificar a existência, nos anos 70 de cerâmica comum, *sigillata*, fragmentos de ânforas, *tegulae* e *imbrex* (Marques, 2002: 28).

Com a deslocação ao local, não foi possível identificar o local concreto dos vestígios por o terreno se encontrar muito alterado devido às várias explorações agrícolas bem como a plantação de eucaliptos.

**Espólio:** Localização desconhecida.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015

## U 15. CASTELO DE ULME

**Altitude:** 73m

**Acessos:** Santa Marta, Ulme (atual local onde se encontra o depósito da água).

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** De acordo com João de Almeida (1946: 275), "no cimo do outeiro, 71 m., que se levanta na orla sul da povoação, dominando a travessia da ribeira de Alpiarça, no sítio onde está a capela de S.ta Marta, existiam ainda em princípios do século passado os vestígios de uma antiga fortaleza". A partir desta informação foi possível estabelecer



Fig. 38 – Castelo de Ulme: Fragmentos cerâmicos *in situ*.

uma ligação entre esta estrutura, que atualmente já não existe, com os vestígios que foram encontrados quando se procederam aos trabalhos de construção de um depósito de água naquele mesmo local.

Aquele autor atribuiu cronologia de época romana à estrutura que visualizou. Quando se iniciaram os trabalhos para a construção do depósito de água, foi possível proceder à identificação de materiais de cronologia romana, como cerâmica de construção (*tegulae e imbrex*), cerâmica comum, terra *sigillata*, fragmentos de lucernas, e fragmentos de *dolium* e moedas do séc. III/IV (Marques, 2002: 28-33).

Na deslocação ao local percebeu-se que a implantação do sítio tem uma visão estratégica, não só

sobre a Ribeira de Ulme mas, também, sobre a atual EN 243, sendo possível observar em todo o seu redor sem ser visto.

Um corte estratigráfico resultante das obras permite visualizar vários fragmentos cerâmicos (Fig. 38).

Salienta-se, ainda, que segundo relatos da população local, aquele lugar era conhecido, também, como o *Castelo de Areia*, um topónimo muito interessante, por ser o único sítio denominado *Castelo* naquela zona.

**Espólio:** Localização desconhecida.

**Bibliografia:** ALMEIDA, 1946; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## U 16. FAMÃO II

**Altitude:** 161m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), cortando no Casal de Famão por uma estrada de terra batida em direção à represa de água de Famão, entre os dois vales. Difícil Acesso. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** A partir de informação pessoal do Dr. Jaime Marques, que durante os anos 70 procedeu à identificação de vários possíveis locais arqueológicos no Concelho da Chamusca, foi possível

indicar o local de Famão, junto à represa de mesmo nome, como um provável sítio de período Romano através de vestígios de superfície.

Este mesmo local localiza-se no topo de um cabeço entre o Vale de Famãozinho e o Vale de Cerejo.

Atualmente, não nos foi possível confirmar esta informação, dado que na deslocação efetuada se

verificou a existência de vegetação muito densa e o revolvimento de terras para a plantação/corte de eucaliptos, não permitindo identificar os vestígios mencionados.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

## U 17. FIGUEIRAS

**Altitude:** 163m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), cortando no Casal das Mesquitas por uma estrada de terra batida em direção ao marco geodésico das Figueiras. Difícil Acesso. Propriedade Privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Lugar que se localiza numa extensão que constitui o Vale de Oleiros até chegar a Figueiras, onde se encontram várias plantações de eucaliptos com vários socalcos no vale abaixo, executados mecanicamente.

Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos onde se encontram plantados atualmente os eucaliptos, foi possível verificar a existência, nos anos 70, de moedas do séc. III/IV, cerâmica comum, *sigillata*, fragmentos de ânforas, *tegulae* e *imbrex* (Marques, 2002: 28-33).

Com a deslocação ao local não foi possível identificar o lugar concreto dos vestígios. O terreno encontrava-se muito alterado devido às várias explorações que se encontram a decorrer no sítio, pois as terras são constantemente remexidas por equipamentos agrícolas devido à plantação/corte de eucaliptos.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015



## U 18. INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE ULME

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja de Santa Maria de Ulme, Ulme. Atualmente desconhece-se o paradeiro desta inscrição.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Inscrição funerária, encimada por rosácea hexapétala (Fig. 39), com o seguinte texto:  
D (is) · M (anibus) / FORTVNA/ TA / AN (orum). XXI  
(viginti:unus) / S (it) · T (ibi) · T (erra) · L (evis)  
*Aos Deuses Manes, Fortunata de 21 anos, que a terra te seja leve.*

Esta inscrição também se encontra apenas mencionada no manuscrito de Manuel José C.C.



Fig.39 – Inscrição funerária de Ulme  
(Segundo Marques, 1987).

Guimarães e segundo Jaime Marques “desconhece-se o seu paradeiro, não temos medidas, apenas conseguimos o desenho cedido por um familiar do achador” (Marques, 1987: 6).

O monumento foi descoberto quando se deram os trabalhos de construção na atual Igreja, nos anos 50 do séc. XX, sendo encontrado nos alicerces da mesma.

Relativamente à inscrição, tanto o material pétreo, como medidas e data do seu achamento, são também desconhecidas apesar de que “*dado a data do manuscrito 1969 e a que nos indica o desenho, o seu aparecimento terá sido anterior ao ano de 1970*” (Marques, 1987: 6).

A partir do desenho, Jaime Marques concluiu que “o campo epigráfico está um pouco encostado à esquerda. O tipo de letra pode atribuir-se à época Imperial, com maiúsculas escritas livremente, não

sabemos se por imperícia ou maneira como o desenhador as viu, sendo por isso impossível de atribuir uma data” (Marques, 1987: 7).

No que toca ao cognome *Fortunata*, segundo Encarnação só existia uma inscrição funerária no *Conventus Pacensis*, tendo sido encontrada na Herdade da Fonte do Pior, em Montemor-o-Novo (Encarnação, 1984: 499). Com a descoberta da inscrição aqui assinalada, passam a existir dois exemplares com este cognome.

Encarnação afirma que o termo *Fortunata* “identificará decerto uma escrava (...), pois é um nome típico deste grupo social, nomeadamente em África” (Encarnação, 1984: 499).

**Bibliografia:** ENCARNÇÃO, 1984; MARQUES, 1987; LÁZARO, 2015.

## U 19. LAGOA GRANDE

**Altitude:** 170m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), subindo na Cascalheira de Cima seguindo em direção à Carregueira, junto à estrada municipal antes de chegar à Herdade da Galega Nova.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** O local encontra-se identificado como a hipótese de se tratar de uma estação de muda (Saa, 1964; Lizardo et al., 1987). Era possível encontrar uma grande dispersão de vestígios cerâmicos, nomeadamente cerâmica de construção romana (*tegulae* e *imbrices*), cerâmica comum e *sigillata* (Lizardo et al., 1987; Marques, 2002).

Temos ainda a indicação da identificação de fragmentos de lucerna neste local, juntamente com moedas de época Romana em bronze, mais propriamente do séc. III/IV (Marques, 2002: 29-33).

Com a deslocação ao local deparámo-nos com uma plataforma com a plantação de sobreiros no meio de um campo de eucaliptos, sendo possível identificar cerâmica de construção romana (*tegulae* e *imbrices*). Constatou-se também que o terreno tinha sido remexido existindo uma vegetação média, o que poderá ter condicionado a identificação de outros tipos de materiais de superfície na data da prospeção/relocalização do sítio.

**Bibliografia:** SAA, 1964; LIZARDO; et al, 1987; ALARCÃO, 1988; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015; PORTAL DO ARQUEÓLOGO, 2017.

## U 20. MILIÁRIO DE CONSTANTINO MAGNO

**Altitude:** 181m

**Acessos/Localização:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), saindo no Semideiro seguindo em terra batida em direção ao Casal das Aranhas de Baixo. Encontra-se depositado no Centro de Artesanato, na Chamusca (Fig.16).

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** marco miliário com o seguinte texto:  
[... FOR] / TISSIMO / O CAESA / RE / DIVI / CONST  
(anti) I / PII · FI / LIO

*Sendo (imperador...) o fortíssimo César, filho do divino Constâncio Pio.*

Mencionado por Branca Lizardo et al. (1987), explicando que se tratava de um marco miliário incompleto, tendo sido encontrado entre Vale da Lama (Bemposta, Abrantes) e Aranhas de Baixo (Ulme, Chamusca) como um marco divisório entre um concelho e o outro.

Este marco encontra-se estudado nos *Ficheiros Epigráficos* de 1989 por Joaquim Candeias Silva (FE 152), onde o autor afirma que ele "tenha sido levado da zona do Tamazim, situado um pouco

acima e adentro da já referida freguesia de Bemposta, por onde passa e se presume que já passaria no tempo da dominação romana um troço de via" (Silva, 1989). Este mesmo autor efetua uma descrição detalhada do miliário, demonstrando que se trata de "uma coluna cónico-cilíndrica de granito bastante grosseiro. Na base apresenta um suave afunilamento, que não parece primitivo, destinado a melhor a cravar no solo, até à profundidade de cerca de 10 cm; o topo, embora mais parecendo desgastado por acção erosiva, deve ter sido fortemente mutilado de longa data, pois lhe falta a primeira parte do texto" (Idem, 1989). Através da sua análise, o autor acredita tratar-se de um miliário da época de Constantino (306-337 d.C). E para suportar a sua afirmação demonstra que "só este imperador, que governou no período citado, tendo sido César em 21 de Julho de 306 pela morte do pai (Constâncio Cloro, imperador entre 292-306 e divinizado), se poderia afirmar filho do divino Constâncio; pelos que ficam excluídos à partida todos os outros Constantinos, Constâncios ou Constantes" (Idem, 1989).

**Bibliografia:** LIZARDO, et al, 1987; MARQUES, 1987; SILVA, 1987; LÁZARO, 2015.

## U 21. MILIÁRIO DE FLÁVIO VALÉRIO CONSTANTINO

**Altitude:** 170m

**Acessos/Localização:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), subindo na Cascalheira de Cima seguindo em direção à Carregueira, junto à estrada municipal antes de chegar à Herdade da Galega Nova. Encontra-se depositado na Fundação Arquivo Paes Teles, no Ervedal, pertencendo à Coleção Epigráfica de Mário Saa.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano

**Descrição:** marco miliário com o seguinte texto:  
D (omino) N (ostro) / FLA (vio) VAL (erio) CONS /  
TANTINO  
NO / BILISIMO [sic] CAES (an) / AC FORTISIMO  
[sic]/[...]

Ao nosso senhor Flávio Valério Constantino, mui nobre César e mui forte...

*Variante: CAES / ARI Linha 4 e 5, descritas por Mário Saa (1963, IV, p. 244)*

Este fragmento da parte superior de um marco miliário de granito encontra-se muito bem documentado por Encarnação (1995) após proceder ao

estudo da coleção epigráfica de Mário Saa.

Não possuímos a localização exata deste achado tendo ele sido recolhido "perto da Lagoa Grande, freguesia de Ulme, concelho de Chamusca, em terras do Casal da Pucariça" (Encarnação, 1995: 643). Tem 46 cm de altura e 35 cm de diâmetro, e são apresentadas variantes por Saa "com dois SS a leitura dos superlativos; dá todos os nomes por extenso, mesmo quando no texto estão em sigla ou abreviados; omite, na l. 5, o AC inicial e acrescenta, no fim, a palavra CAESARI" (Encarnação, 1995: 643). Encarnação sugere ainda que "VICTORI possa ser uma hipótese não despicienda, em vez de CAESARI lido por Mário Saa. É provável, porém, que apenas se mencione o nome do imperador Constantino (306-337)" (Encarnação, 1995: 643).

Podemos relacionar este marco com a via romana Olisipo – Emerita, que passava por Scallabis encontrando-se referenciada no Itinerarium Antonini Augusti, e com outros marcos encontrados na península relacionados com a Tetrarquia.

**Bibliografia:** SAA, 1963; MARQUES, 1987, 2002; ALARCÃO, 1988; ENCARNÇÃO, 1995; LÁZARO, 2015.





Fig. 40 – Miliário anepígrafo (?) de Ulme.



## U 22. DOIS MILIÁRIOS ANEPÍGRAFOS (?)

**Altitude:** 51m

**Acessos:** No interior da Vila de Ulme, ficando, um deles, em pequeno espaço ajardinado entre a Rua Velha e a Rua do Chafariz e outro no início da Rua Francisco Gomes Rato.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano (?).

**Descrição:** Dois possíveis marcos miliários, que não chegaram a receber inscrição, ou colunas de cronologia indeterminada, erradamente designados como menhires por uma placa que fica junto de um deles (Fig.40).

**Bibliografia:** RIBEIRO, 2017.

## U 23. CASAL DA CASCALHEIRA

**Altitude:** 130m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), subindo na Cascalheira de Cima, sendo o terreno que faz fronteira com o Tamazim (freguesia da Bemposta, Abrantes).

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Segundo a bibliografia, em 1920, no Casal da Cascalheira, foi encontrado um grande número de glandes de chumbo, tendo algumas

sido doadas por José Félix Pereira a José Leite Vasconcelos (Fonseca, 2001).

Destas glandes subsistem nove exemplares que se encontram depositados no Museu Nacional de Arqueologia (Guerra, 1987).

Este conjunto de *glandes plumbeae* foi produzido por um processo de moldagem de forma oliviforme, tendo um peso médio de 38g e dimensões médias de 33mm de comprimento por 16mm de espessura (Idem, ibidem).

Com a deslocação ao local não conseguimos encontrar nenhuns vestígios de superfície devido

ao terreno se encontrar vedado por se tratar de propriedade privada.

**Bibliografia:** GUERRA, 1987; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

## U 24. PAI POLDRO

**Altitude:** 150m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), cortando nas Balsas e subindo em caminho de terra batita em direção à barragem de Pai Poldro. Difícil acesso.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Lugar que se localiza na área que representa o Vale de Pai Poldro e o Casal de Pai Poldro, caracterizada por várias plataformas planas com plantações de eucaliptos.

Segundo informações recolhidas nas fontes, nos terrenos onde se encontram plantados atualmente os eucaliptos, foi possível verificar, nos anos 70, a

existência de cerâmica comum, *sigillata*, fragmentos de ânforas, *tegulae*, *imbrex* e ainda moedas de época Romana, mais propriamente do séc. III/IV (Marques, 2002).

Também nos foi dada a informação, por Jaime Marques, que em Pai Poldro há relatos de terem sido encontradas outras moedas de cronologia romana bem como fragmentos de *dolium*.

Na deslocação ao local, não foi possível identificar o lugar concreto dos vestígios por o terreno se encontrar muito alterado, devido às várias explorações que se encontram no sítio, pois as terras são constantemente remexidas por equipamentos agrícolas devido à plantação/corte de eucaliptos.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## U 25. PLACA FUNERÁRIA DO CASALINHO

**Altitude:** 100m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), lugar de Casalinho.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Placa funerária (Fig. 41) com o texto seguinte:

CAENO · BOVI (i) · F (ilius) / H (ic) · S (itus) · E (st)

*Aqui jaz Cenão, filho de Bóvio*

Em 1989 esta inscrição é publicada, por Joaquim Candeias Silva, no *Ficheiro Epigráfico* (FE 151), ficando assim registada informação mais detalhada sobre a peça. A mesma tinha sido encontrada a fazer de degrau para a entrada de uma habitação, no lugar do Casalinho, em Ulme.

Este autor descreve as características físicas da peça, tratando-se de "uma placa pouco espessa,



Fig.41 – Placa funerária do Casalinho  
(Segundo Silva, 1989).

de contornos irregulares, definindo um ângulo recto no canto superior direito e uma espécie de sector circular à esquerda. Campo epigráfico polido, sem moldura" (Silva, 1989). É possível observar que se trata de um epitáfio muito simples, sendo que "tanto Caeno como Bovius são antropónimos pré-romanos já conhecidos na Península" (Silva, 1989).

Este mesmo autor acrescenta a possível data para esta inscrição, através da sua "tipologia, paleografia, formulário e antroponímia (indígena filho de indígena), é monumento datável da primeira parte do séc. I da nossa era" (Silva, 1989).

**Bibliografia:** SILVA, 1989; LÁZARO, 2015

## U 26. TESOURO DO PINHÃO

**Altitude:** 107m

**Acessos:** EN 243 (Chamusca-Ulme), ao km 47 virar para o Casal do Pinhão, subindo até às habitações, seguindo por estrada de terra batida em direção ao vale. Difícil acesso. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano Republicano (Séc. II a.C.).

**Descrição:** Atualmente, não se sabe o local exato onde foi encontrado, mas segundo as fontes foi no ano de 1973, durante uma plantação de eucaliptos nos terrenos circundantes ao Casal do Pinhão, que foi encontrado um grande conjunto de moedas atribuídas ao Período Romano (Fonseca, 2001).

A informação relativamente a este achado foi-nos cedida por Jaime Marques, podendo-se apurar que as moedas encontradas eram todas de prata. Com alguma informação recolhida junto da população, sabe-se que estas se encontram, ou se encontravam, quase todas na posse do dono da propriedade do Pinhão, Sr. Lopes da Costa. Algumas ficaram na posse de alguns dos trabalhadores que plantaram na altura os eucaliptos. No entanto, não nos foi possível visualizar diretamente nenhuma das moedas correspondentes a este achado, com exceção da foto seguinte (Fig. 42).

**Bibliografia:** FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015; RIBEIRO, 2017.



Fig. 42 – Moeda do Tesouro do Pinhão (anverso e reverso). (Segundo Ribeiro, 2017)

## U 27. VALE DO INFERNO

**Altitude:** 95m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), cortando nas Balsas, subindo em caminho de terra batida em direção à barragem de Pai Poldro. Difícil acesso.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Este sítio localiza-se a meia encosta, virada a oeste, no Vale do Inferno, abaixo do marco geodésico das Balsas. Terreno com vegetação densa e revolvimento mecânico de terras para a plantação/corte de sobreiros e pinheiros. Os vestígios de cerâmicas romanas aqui identificadas encontram-se dispersos num raio de 20/30 m. Anteriormente neste mesmo local, segundo informações já recolhidas, era possível encontrar vários

vestígios cerâmicos atribuídos ao período Romano. De acordo com informação pessoal de Jaime Marques, nos anos 70 existiam neste local diversos vestígios romanos à superfície.

**Espólio:** Fragmentos de cerâmica comum, fragmentos de tegulae e imbrex, de reduzidas dimensões.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

## U 28. VALE DA MURTA

**Altitude:** 98m.

**Acessos:** EN 118, direção Alpiarça-Chamusca, depois do km 92 em frente à Quinta da Murta, do lado esquerdo, entrada por terra batida. Difícil acesso. Propriedade privada com os acessos vedados.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** De acordo com informação pessoal de Jaime Marques, nos anos 70 existiam neste local diversos vestígios romanos à superfície, tendo inclusivamente sido encontradas algumas moedas. A deslocação ao sítio não permitiu confirmar esta informação, pois a alteração do terreno através de máquinas agrícolas para a plantação de sobreiros não permitiu identificar nenhuns vestígios arqueológicos.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.



## U 29. VALEIRA

**Altitude:** 170m

**Acessos:** EM 574 (Ulme-Semideiro), cortando nas Balsas subindo em caminho de terra batita em direção à barragem de Pai Poldro. Difícil acesso. Existência de gado ovino permanentemente no local. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Período Romano.

**Descrição:** Com uma deslocação ao Casal da Valeira que se localiza já na fronteira entre a freguesias da Carregueira e Ulme, numa grande

plataforma no topo da charneca, foi possível observar que um dos terrenos em volta do casal, usado para o pasto de ovinos e caprinos, apresentava a existência de fragmentos muito rolados de cerâmica de construção de época Romana, nomeadamente *tegulae* e *imbrices*, tendo sido, também, localizada cerâmica comum, mas muito rolada e fragmentada devido ao revolvimento das terras.

**Espólio:** fragmentos de cerâmica comum, *tegula* e *imbrex*.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

## U 30. QUINTA DA MESQUITA

**Altitude:** 34m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), a meio do primeiro km da estrada, depois da Quinta da Mesquita no lado direito, zona de arrozal atualmente agricultado. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Medieval Muçulmano (?).

**Descrição:** Através da toponímia do local, podemos observar que *mesquita* é um nome de origem islâmica, atribuído aos edifícios de oração da religião muçulmana, demonstrando que "as pessoas mais antigas diziam ter encontrado nas terras de arroz o que restava de uma igreja. Não seria esta igreja os restos da mesquita?" (Marques, 2002: 49). A informação recolhida e cedida pelo Dr. Jaime Marques, relativamente a este local, diz-nos que

era possível encontrar aí diversos vestígios cerâmicos, que foram identificados como restos de telhas atribuídas à época Medieval Muçulmana. Atualmente, com deslocação ao sítio, foi possível constatar que o terreno se encontra agricultado com

uma plantação de arroz e que é explorado intensivamente para esse propósito, o que não nos permitiu averiguar a existência de vestígios arqueológicos.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

### U 31. CASAL DO ENXOFRE

**Altitude:** 50m

**Acessos:** EN 243 (Chamusca-Ulme), antes do Km 48 do lado esquerdo da estrada por um caminho de terra batida. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Medieval Muçulmano.

**Descrição:** Nos terrenos deste casal foi encontrado, segundo a bibliografia, um fragmento de uma lucerna de cronologia atribuída à época muçulmana pela sua tipologia formal (Marques, 2002).

Depois de informações cedidas por Jaime Marques, concluímos que se devia tratar de um fragmento de um candil de base plana, tipo "bico de

pato". Este fragmento foi recolhido nuns terrenos em frente da Fonte Velha. Também neste local, no Casal do Enxofre, foi possível encontrar a menção de uma moeda com cronologia atribuída à época Muçulmana, denominada *Felo* (Marques, 2002).

Na deslocação ao sítio, observou-se que os terrenos mencionados na bibliografia, atualmente, se encontram com uma plantação de pinheiros e remexidos para o feito da plantação dos mesmos (Fig.43). Encontram-se aí fragmentos cerâmicos, mas muito fragmentados e rolados, o que não nos permite atribuir cronologia, nem associar diretamente à época Muçulmana.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.



Fig.43 – Vista geral do Casal do Enxofre.

## U 32. ESTELA FUNERÁRIA Nº1

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/  
Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada quando se deram os trabalhos de construção da atual Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, presumindo-se que tenha vindo da Igreja de Santa Marta onde existia um grande número de sepulturas.

Trata-se de um fragmento de uma estela de calcário, em quadrado. No círculo inscrito, em baixo relevo, encontramos a estrela em pentalfa. Na outra face um quadrado com quatro círculos. Apresenta as seguintes medidas: 42,7cm de altura, 29 cm de comprimento e 10 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº7, cedida por Jaime Marques para esse efeito.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

## U 33. ESTELA FUNERÁRIA Nº2

**Altitude:** 35m

**Acessos/ Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/  
Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de um fragmento de uma estela em calcário, em quadrado. Parece idêntica à anterior com os mesmos símbolos, quer numa quer noutra face. Esta estela contém um círculo inscrito, em baixo relevo, a estrela de cinco pontas em positivo. Na outra face um quadrado com quatro círculos.

Foi aplicada como soleira de porta, pelo que lhe abriram uma cavidade onde girou a couceira.

Apresenta as seguintes medidas: 37,5 cm de altura, 23,5 cm de comprimento e 12,1 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº10, cedida por Jaime Marques para esse efeito.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

### U 34. ESTELA FUNERÁRIA Nº3

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/ Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de um fragmento de uma estela discoide, em que apenas numa das faces se encontra inscrito

um círculo com a estrela de cinco pontas, o pentalfa, que está bem esculpido e espesso.

Estela em calcário róseo com as seguintes medidas: 28,7 cm de altura, 16 cm de comprimento e 8 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº13, cedida por Jaime Marques para esse efeito.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

#### U 35. ESTELA FUNERÁRIA Nº4

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/ Idade Moderna.

**Descrição:** Trata-se de um fragmento de uma estela discoide. Bem esculpida numa das faces está um círculo inscrito, onde encontramos uma estela de cinco pontas, o pentalfa, este bem esculpido e espesso. Na outra face, encontramos

um arado, uma carga, uma cruz românica e uma relha, tudo esculpido em negativo. Foi encontrada na parede da igreja, servindo de apoio a um ferro de cercadura no adro da Igreja.

Estela em calcário com as seguintes medidas: 34,7 cm de altura, 23,5 cm de comprimento e 6,5 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº6, cedida por Jaime Marques para esse efeito.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

#### U 36. ESTELA FUNERÁRIA Nº5

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/ Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de um fragmento de uma estela quadrada, bem esculpida. Tem numa das faces dois triângulos sobrepostos (o hexalfa), que contêm no centro uma estrela de cinco pontas, o pentalfa. Tudo isto em baixo-relevo superior a 1cm. A estela foi cortada e como se observa na face e foi



reutilizada na soleira de uma porta. Deste modo abriram-lhe uma cavidade onde girou a couceira. Na outra face encontramos mais um quadrado em baixo relevo, no qual cada ângulo é substituído por um círculo, ao centro uma cruz radial.

Estela em calcário com as seguintes medidas: 42 cm de altura, 38,5 cm de comprimento e 6,5 cm de espessura (MARQUES, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N.º5, cedida por Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

#### U 37. ESTELA FUNERÁRIA N.º6

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/ Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela n.º1. Trata-se de um fragmento de uma estela discoide, bem esculpida. Contém numa das faces

um círculo inscrito com uma estrela de cinco pontas, também com um pequeno círculo inscrito. Na outra face, não se encontra qualquer traço.

Estela em calcário com as seguintes medidas: 23,5 cm de altura, 15 cm de comprimento e 6 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o N.º14, cedida por Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

## U 38. ESTELA FUNERÁRIA Nº7

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de um fragmento de estela quadrada, bem esculpida. Contêm numa das faces uma cruz de braços iguais (tipo cruz

grega). Está determinada por 4 semicírculos regulares, ao centro um ornato radial, uma estrela ou roseta de 8 pétalas. Na outra face, um semicírculo de traço duplo. Estela em calcário com as seguintes medidas: 23,2 cm de altura, 15 cm de comprimento e 7 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº8, cedida por Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

## U 39. ESTELA FUNERÁRIA Nº8

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de uma estela quase completa, espigão toscamente trabalhado. Numa das faces apresenta uma concha bastante bem esculpida. Na outra face, podem verificar-se dois círculos, cada um com uma cruz de braços curvilíneos, a separar estes dois círculos

encontramos o que consideramos ser a Cruz de Santo André.

Estela em calcário com as seguintes medidas: 57,7 cm de altura, 24,7 cm de comprimento e 8,9 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº15, cedida por Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

#### U 40. ESTELA FUNERÁRIA Nº9

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/ Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de uma estela quase completa, sem espigão. Numa das faces observamos uma cruz latina com alguns traços mal definidos. Na outra face, mais alguns traços que não conseguimos definir. Esta estela foi também reutilizada, tendo

servindo como soleira de porta pelo que lhe abriram uma cavidade onde girou a couceira. Esta utilização fez com que as esculturas fossem gastas e daí a dificuldade na sua leitura, parecem-nos, no entanto, traços iniciais em cursivo do séc. XVI.

Estela em calcário com as seguintes medidas: 29 cm de altura, 22,2 cm de comprimento e 8 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº4, cedida por Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

#### U 41. ESTELA FUNERÁRIA Nº10

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de uma estela quase completa, que é a maior da coleção. Numa das faces apresenta uma cruz latina com um pequeno círculo no

centro, donde sai uma corrente composta por vários anéis. Na outra face, encontramos uma circunferência com decoração esculpida, donde saem oito raios que se vão encontrar com outros tantos semicírculos. Esta estela em calcário parece ter sido o reaproveitamento de uma tampa de sepultura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, cedida por Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

#### U 42. ESTELA FUNERÁRIA Nº11

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de uma estela fragmentada. Face com reaproveitamento e desbaste da gravura, o que leva a difícil interpretação do emblema. Na outra face, encontramos uma cruz com um quadrado ao centro, enquanto a vertical superior e inferior terminam com flor-de-lis, muito estilizada

e em relevo. Estela em calcário, bastante bem trabalhada, com as seguintes medidas: 34,5 cm de altura, 32,3 cm de comprimento e 7 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº9, cedida por Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

### U 43. ESTELA FUNERÁRIA Nº12

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/ Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de uma estela discoide bastante bem esculpida. Tem numa das faces a estrela de cinco pontas, pentalfa, em baixo relevo, contendo no centro uma pequena flor semelhante à flor do

linho. Na outra face, encontramos a cruz da Ordem de Cristo, tendo ao centro ainda uma cruz de braços iguais (tipo grega). Todos estes símbolos encontram-se no interior de um círculo. Estela em calcário, sem espigão, com as seguintes medidas: 35 cm de altura, 32 cm de comprimento e 6 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº2, cedida por Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

#### U 44. ESTELA FUNERÁRIA Nº13

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/  
Idade Moderna.

**Descrição:** Encontrada juntamente com a estela nº1. Trata-se de uma estela discoide fragmentada, um pouco diferente das anteriores. Tem numa das faces dois triângulos sobrepostos (o hexalfa) e ao centro contém uma cruz peltada. Na outra face,

encontramos mais uma cruz da Ordem de Cristo, contendo no centro uma cruz de braços iguais (tipo grega). Todos estes símbolos encontram-se no interior de um círculo e bastante bem trabalhados. Estela em calcário com as seguintes medidas: 33,2 cm de altura, 36,6 cm de comprimento e 7 cm de espessura (Marques, 1989a).

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº3, cedida por Jaime Marques.

**Bibliografia:** MARQUES, 1985; 2002; LÁZARO, 2015.

#### U 45. ESTELA FUNERÁRIA Nº14

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/  
Idade Moderna.

**Descrição:** Estela encontrada com os trabalhos realizados nos terrenos da ermida de Nossa Senhora da Conceição, no Pinhão, sendo cedida pelo dono dos terrenos, Sr. Lopes da Costa. Passou a integrar a coleção de estelas funerárias que se encontram expostas no Núcleo Museológico da Igreja de Santa Maria de Ulme.





Fig.44 – Fragmento de estela funerária com hexalfa.

Trata-se de um fragmento de uma estela que lhe falta quase a totalidade do disco, e parte do pé ou espigão. É possível observar que se encontra bem trabalhada.

Estela com uma pequena haste flor estilizada, acompanhada por uma pequena folha.

O reverso da estela não é muito perceptível, sendo só possível observar dois semicírculos.

Estela em calcário com as seguintes medidas: 45 cm de altura, 32 cm de comprimento e 9,5 cm de espessura.

Encontra-se exposta no Núcleo Museológico anexo à atual igreja de Ulme, catalogada na exposição com o Nº12, cedida pelo Sr. Lopes da Costa.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

## U 46. INSCRIÇÃO

**Altitude:** 35m

**Acessos/Localização:** Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, Ulme (onde se encontra exposta).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Encontra-se também exposta no Núcleo Museológico da Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, uma inscrição com caracteres modernos que se encontra atribuída aos finais do séc. XV.

Esta peça faz parte de um conjunto de fragmentos de lápides. Na sua maioria a leitura não nos é apresentada, mas tratam-se, efetivamente, de inscrições de apresentação, de súplicas, de louvor, de posse e sepulcral (Marques, 2002).

Os restantes fragmentos deste tipo de inscrições encontram-se depositados na Igreja de Santa Maria de Ulme, mas não expostos.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## 8 - PATRIMÓNIO EDIFICADO DO CONCELHO DA CHAMUSCA

Fernando A. Coimbra  
Raquel Lázaro  
Mário Santos (†)

Neste capítulo apresentamos o inventário do património edificado e dos marcos da Idade Moderna existentes no concelho da Chamusca, tendo em conta o mesmo método descritivo utilizado relativamente aos sítios arqueológicos. Decidimos, assim, mencionar no capítulo anterior os vestígios e sítios arqueológicos datados entre o Paleolítico e a Idade Média, deixando em capítulo posterior o património edificado pertencente à Idade Moderna, que apresenta características e

especificidades diferentes. Incluímos na presente secção a ermida de Santa Maria do Pinheiro Grande, de provável origem medieval, dado que, embora já não existam vestígios materiais da mesma, se trata de um exemplar de património edificado.

Relativamente aos edifícios aqui tratados, apresentamos em primeiro lugar aqueles de cariz religioso e depois os de carácter civil, finalizando com a descrição dos marcos.

## UNIÃO DE FREGUESIAS DA CHAMUSCA E PINHEIRO GRANDE

### CP 1. ERMIDA DE SANTA MARIA DO PINHEIRO GRANDE

**Altitude:** 35m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, ao Km 103,5, no cruzamento virar à direita e seguir sempre em frente até ao fim da estrada de alcatrão, passando depois para terra batida mais 1km. O sítio localiza-se em propriedade privada estando vedado.

**Classificação cronológica-cultural:** Medieval (?)

**Descrição:** Segundo a lenda, aponta-se como a primeira ocupação do Pinheiro Grande o lugar da Igreja Velha, onde possivelmente existiu a primitiva ermida, tendo sido mandada erguer pela "Ordem dos Templários (...) quando estendeu a sua implantação para a margem esquerda do Tejo. O Pinheiro estava incluído numa doação feita por D.

Sancho I, em 1186, àquela ordem monástica e adquiriu a autonomia de freguesia, apenas com dez fogos, em 1230" (Fonseca, 2001: 222).

Este local ficou destruído devido a grandes inundações nos finais do século XIV, tendo o edifício religioso e a própria povoação sido deslocados para onde é agora o centro do Pinheiro Grande, onde se situa a atual Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande.

No local onde se encontrava possivelmente a ermida, hoje existem infraestruturas de apoio agrícola e, também, umas pequenas habitações a meia encosta. Nada resta da ermida, apenas o topónimo ficou.

**Bibliografia:** TECEDERO, 1999; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

## CP 2. ERMIDA DO OUTEIRO DE SÃO PEDRO DA CHAMUSCA

**Altitude:** 30m

**Acessos:** Beco do Outeiro de São Pedro, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média (?), Idade Moderna.

**Descrição:** Segundo as fontes escritas, num documento de aforamentos de terrenos, datado de 1505, encontra-se mencionada a existência de uma Ermida dedicada a São Pedro (Fonseca, 2001). Não foi possível apurar a data da sua construção nem se sabe nada da descrição do

edifício. Em 1621 iniciou-se a construção da igreja da Misericórdia, utilizando-se pedras provenientes de um outro edifício religioso em ruínas, podendo tratar-se da ermida de São Pedro, que já se encontrava muito degradada nessa época (Fonseca, 2001). Atualmente já nada resta desta ermida, a não ser a toponímia referida ao Outeiro de São Pedro e que corresponde ao terrenos aforados no documento de 1505, situando-se do lado Este do atual Parque Municipal da Chamusca, numa zona a meia encosta.

**Bibliografia:** TECEDIEIRO, 1999; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2016.

## CP 3. CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DO PINHEIRO GRANDE

**Altitude:** 78m

**Acessos:** EN 118 (Chamusca-Abrantes), no cruzamento da Ponte João Joaquim Isidro dos Reis, virar à direita antes da bomba de gasolina para a estrada de terra batida. Este local foi recuperado e modificado para casa de habitação privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Há que ter em conta que este convento se encontra construído por cima de uma ermida que já se conhecia em 1505 "uma pequena mas 'bem guarneçada' ermida, votiva do franciscano Santo António" (Fonseca, 2001: 193).

Segundo as fontes escritas, o convento de S. António do Pinheiro foi fundado pelo Rei D. Manuel I, em 1519 (Sousa, 2005), sendo extinto em 1834. Neste local encontram-se sepultados D. Aleixo de Meneses e D. Luísa, na sala do Capítulo (Fonseca, 2001).

O convento foi afetado por vários incêndios durante o século XVII, sofrendo, assim, várias alterações ao longo do tempo (Andrade, 1759). A arquitetura e a planta do edifício eram comuns aos edifícios da mesma categoria da época, sendo constituído por uma capela com um altar-mor, sacristia, claustro, refeitório e galeria com arcarias nos dois andares, tratando-se dos locais mencionados na bibliografia, não existindo uma correta descrição deste edifício.

O que chegou até aos tempos de hoje, nomeadamente a informação acerca do convento é descri-

ta através da venda do seu recheio no século XX. Destacamos desde já: onze painéis de azulejos do século XVIII; os azulejos da sacristia e do claustro do século XVII; o arco que guarnecia o túmulo de D. Aleixo de Meneses, e a enorme carranca do antigo tanque do convento e as esferas armilares manuelinas, que foram adquiridas em leilão por José Relvas e se encontram expostas na Casa dos Patudos, em Alpiarça. O resto do espólio foi adquirido por vários privados, um pouco por todo o país.

Atualmente, o convento, localizado num sítio com uma paisagem magnífica, está transformado num espaço de turismo e residência de artistas.

**Bibliografia:** ANDRADE, 1759; PDM, 1995; FONSECA, 2002;2003; SOUSA (dir.), 2005; TECEDRO, 1999; LÁZARO, 2015.



#### CP 4. IGREJA MATRIZ DA CHAMUSCA

**Altitude:** 20m

**Acessos:** Largo Vasco da Gama/Travessa do Prior/Rua Câmara Pestana, Chamusca

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** O início da construção do templo dedicado a São Brás é atribuído aos finais do séc. XV, tendo sido edificado por João da Silva (1487-1520), 2º donatário da Chamusca. Este edifício sofreu duas grandes remodelações após a sua construção: a primeira situa-se entre 1602 e 1619, para efetuar reparações e para a implantação de um painel de azulejos do séc. XVII; a segunda deu-se nos finais do séc. XVII/ inícios do séc. XVIII, para uma ampliação frontal da igreja, bem como a adição de duas torres sineiras laterais que terminam o pátio frontal à igreja. (Fonseca, 2001).

A estrutura do edifício longitudinal é constituída por uma só nave, com cobertura interior de três planos na nave abóbada de berço na capela-mor; com quatro altares laterais e duas colaterais. A igreja encontra-se ainda forrada a azulejos enxaquetados em azul, branco e amarelo.

Na entrada principal observamos um portal manuelino de volta redonda com um entrelaçado de pedra sobre dois fustes capitalizados (Fig.22). Existe ainda na fachada lateral virada para o Largo Vasco da Gama um portal recolhido, também manuelino, de verga golpeada adornada de vários botões.

Dentro deste edifício encontram-se sepultados desde 1520, na capela-mor, João da Silva, 2º donatário da Chamusca e sua esposa; bem como Francisco da Silva (1520-1557), 3º donatário da Chamusca com a sua mulher.

**Bibliografia:** PDM, 1995; TECEDERO, 1999; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2016; SANTOS, 2016.

## CP 5. IGREJA DA NOSSA SENHORA DA MISERICÓRDIA

**Altitude:** 19m

**Acessos:** Rua Direita de São Pedro/ Largo da Misericórdia/ Travessa da Misericórdia, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Edifício religioso começado a erguer em 1622, com a vinda da Instituição da Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia para a Chamusca, foi construído ao longo do séc. XVII.

O edifício de planta longitudinal, de uma nave aglomerando a capela-mor, na fachada principal é englobada por duas torres sineiras com três pequenas janelas retangulares em cada uma de cada lado da fachada com cúpula bolbosa no topo das torres. Na fachada principal é possível observar um frontão de volutas com cruz no vértice. A meio da fachada rasga-se o portal de lintel arquitravado, sobrepujado por nicho com frontão circular ladeado de pequenas alas; dos lados do portal duas janelas com frontões triangulares. Na

fachada Norte é possível observar não só a torre desse lado mas também a capela anexa. Do lado sul observa-se a torre correspondente bem como a casa de despacho ou sala da irmandade. Em 1630 a Igreja já se encontrava apta para celebrar missas, mas o lado sul ainda não estava completo tendo sido finalizado entre 1667 e 1671 (Fonseca, 2001).

A nave e a capela-mor no interior têm uma cobertura em falsa abóbada de berço redondo sendo estas duas separadas pela altura do pavimento e por uma teia divisória, com uma escadaria para o altar-mor. Em 1773 foram colocadas duas pias de mármore trabalhado em cada um dos lados interiores da porta principal.

Refira-se ainda um retábulo joanino com uma tribuna com trono e maquiqueta da 2ª metade do séc. XVIII, enquadrando a imagem do orago, Nossa Senhora da Soledade, de finais do séc. XVI, e uma capela do lado norte com azulejos de padrão polícromo seiscentista (Sequeira, 1949).

**Bibliografia:** SEQUEIRA, 1949; PDM, 1995; TECEDERO, 1999; FONSECA, 2001; 2002; LÁZARO, 2016; SANTOS, 2016.



Igreja Misericórdia

## CP 6. ERMIDA DO SENHOR DO BONFIM

**Altitude:** 134m

**Acessos:** Rua do Bonfim, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** A construção da ermida devota ao Senhor Jesus do Bonfim começou em 1746 e terminou em 1749. Localiza-se no ponto mais alto da vila da Chamusca, no lado Este, tendo, atualmente, um marco geodésico denominado Bonfim no topo da torre sineira. O acesso à mesma é feito através de uma escadaria. Em 1754 deu-se a construção de um pátio rodeado de um muro, um forno de cozer pão, duas casas e um telheiro. Estas obras foram concluídas em 1761 (Fonseca, 2002). Atualmente é possível observar que em redor da ermida se encontram ainda estas casas e em 1997 foram elaboradas obras de construção de instalações sanitárias num anexo do lado oeste da capela. Edifício religioso estruturado por uma só nave, com capela-mor, sacristia e um corredor de

acesso ao púlpito. Na fachada principal da ermida é possível observar a existência de uma pequena torre sineira no lado esquerdo, com um portal com duas janelas frontais na fachada, uma de cada lado da porta principal. Encontra-se pintada uma cruz a azul por cima da porta principal. No interior da ermida, o teto da nave é composto por 3 planos em madeira; arco triunfal redondo, circundado por volutas com um retábulo do no altar-mor com uma decoração de transição do barroco para o rococó. A capela-mor é coberta por abóbada de berço rebaixada. Tanto a nave como a sacristia anexa à capela-mor são decoradas com painéis de azulejos do séc. XVIII. Na sacristia encontram-se depositados ex-votos do séc. XVIII e XIX.

Neste local, já no séc. XIX, foi construído um cemitério, tendo sido encerrado no final do mesmo século por se encontrar lotado.

**Bibliografia:** CÂNCIO, 1939; SEQUEIRA, 1949; PDM, 1995; TECEDERO, 1999; FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016; SANTOS, 2016.







## CP 7. ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO PRANTO

**Altitude:** 86m

**Acessos:** Largo da Senhora do Pranto, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Ermida localizada no alto da Senhora do Pranto. A sua construção remete-nos para os finais do séc. XVII, pois em 1730 é instalada no edifício a Confraria de Sant'Ana, que descreve o local como estando em mau estado de conservação, sendo nessa mesma altura que se dão várias reparações no interior do edifício entre 1739/1747 (Fonseca, 2002).

Trata-se de um edifício religioso de planta longitudinal de uma nave com capela-mor separada da nave por arco triunfal redondo sobre pilastras toscanas. Lateralmente é possível encontrar, do lado direito, a capela de São José e do lado esquerdo a sacristia. O edifício é coberto por uma abóbada

de berço. No interior é possível deparar-nos com uma ermida toda revestida a azulejos azuis e brancos, datados do séc. XVIII, nos quais se encontram representadas as seguintes cenas bíblicas: Casamento da Virgem; São José adormecido e o anjo; A Sagrada Família na oficina de carpinteiro; Adoração dos pastores; Fuga para o Egito; Natividade; A Santa Parentela em adoração ao Menino, ao colo da Virgem.

No exterior da ermida é possível observar, na fachada principal, a existência de uma sineira (Fig.42) e, no lado esquerdo do edifício, um cruzeiro embutido na parede, tendo sido ali colado em 1940. Em 1835 a ermida passa a fazer parte da Santa Casa da Misericórdia, sendo também elaboradas reparações e restauros no interior do edifício.

**Bibliografia:** SEQUEIRA, 1949; PDM, 1995; TECEDIRO, 1999; FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016; SANTOS, 2016.





Fig. 47 – Ermida da Senhora do Pranto.

## CP 8. IGREJA DE SÃO PEDRO

**Altitude:** 17m

**Acessos:** Rua Direita de São Pedro, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Esta igreja foi mandada edificar por duas irmãs, Branca Nunes Grandia e sua irmã Leonor Correia, no ano de 1681.

Este edifício religioso mantém não só a estrutura, mas o traçado primitivo da construção do séc. XVII. É composto por uma planta longitudinal, com uma fachada principal com um nicho por cima do portal de entrada com uma imagem de São Pedro do séc. XVII (Fig.48), tendo duas janelas de cada lado do portal. O topo do edifício é rematado por contracurvado com cruz no topo.

Igreja de uma só nave coberta por abóbada de berço e uma capela-mor com uma abóbada de caixotões pintados, com um altar-mor com retábulo em talha dourada, sendo possível observar outros elementos de decoração maneirista como o arco triunfal e dos altares colaterais. Na capela-mor é possível observar um conjunto de azulejos dos finais do séc. XVII (Fonseca, 2002).

Atualmente este edifício pertence à Santa Casa da Misericórdia, tendo sido doado em testamento das irmãs que o mandaram edificar. É classificado com IM - Interesse Municipal (Decreto n.º 67/97, DR, 1.ª série-B, n.º 301 de 31 dezembro 1997).

**Bibliografia:** SEQUEIRA, 1949; PDM, 1995; TECEDIRO, 1999; FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016; SANTOS, 2016.



Fig. 48 – Igreja de São Pedro.

## CP 9. CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE E DAS SETE DORES

**Altitude:** 18m

**Acessos:** Largo da Nossa Senhora das Dores, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Esta capela foi mandada erguer por Manuel Roiz Laranjinha. As construções começaram em 1753 e acolheu os primeiros serviços religiosos em 1755, data inscrita no pórtico (Fig.49), apesar de as fontes nos indicarem que ainda não se encontrava concluída. Na capela-mor encontra-se sepultado o seu mandatário que faleceu em 1775 (Fonseca, 2002).

Edifício religioso longitudinal de planta retangular com uma nave oval e uma capela-mor retangular com os devidos anexos. Toda a nave é coberta por uma cúpula sem tambor, sendo a capela-mor

abobadada de arestas. Nos respetivos anexos é possível encontrar a sala da irmandade de Nossa Senhora da Piedade e das Sete Dores, que esteve ativa naquele lugar desde 1760 até 1836, e a casa do sacristão.

Na fachada principal exterior existe uma sineira e três panos. Observamos dois pisos pela implantação das janelas no exterior nos panos laterais. No pano central é possível observar, por cima do portal moldurado, uma inscrição em latim com a data de 1755. A fachada termina na parte superior por pequenas frestas molduradas e rematadas por empena angular. O portal é moldurado por uma sobre verga contracurvada e enquadrado por volutas e brincos no topo (Fig.50).

**Bibliografia:** SEQUEIRA, 1949; PDM, 1995; TECEDRO, 1999; FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016.





Fig. 49 – Inscrição sobre o pórtico da Capela de Nossa Senhora da Piedade e das Sete Dores com a data de 1755



Fig. 50 – Capela de Nossa Senhora da Piedade e das Sete Dores.



## CP 10. ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO DO MATO

**Altitude:** 70m

**Acessos:** Rua Arneiro de Cima, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Este edifício religioso situa-se no topo do alto de São Sebastião, remontando a sua construção ao século XVIII. Trata-se de um edifício de planta longitudinal, de uma só nave com uma sineira no lado esquerdo, com dois anexos, um de

cada lado. Apresenta um portal na parte frontal e uma pequena janela redonda na parte de cima da fachada superior.

Esta ermida foi confinada à administração da Santa Casa da Misericórdia em 1837 e onze anos depois foi entregue à Junta de Paróquia da Chamusca (Fonseca, 2002).

Atualmente encontra-se a servir de habitação, mas sem perder a sua arquitetura estrutural primitiva.

**Bibliografia:** TECEDIRO, 1999; FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016; SANTOS, 2016.

## CP 11. ERMIDA DE NOSSA SENHORA DAS TREVAS

**Altitude:** 23m

**Acessos:** EN 118 (Chamusca-Abrantes), ao Km 96 do lado direito da estrada, caminho de terra batida para dentro do terreno.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Relativamente a este edifício sabemos que no séc. XVII já eram celebradas missas, mas desconhece-se a data da sua edificação sendo que as suas características estruturais e arquitetónicas seguem o padrão das restantes ermidas: planta longitudinal, uma nave com uma sineira do lado esquerdo, com uma fachada fontal com um portal. O culto neste edifício foi encerrado ainda no

século XIX, sendo mais tarde a ermida destruída. É de salientar que existiu uma tradição de enterramentos em redor deste edifício (Fonseca, 2002).

**Bibliografia:** TECEDERO, 1999; FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016.

## CP 12. IGREJA TERCEIRA DA ORDEM DE SÃO FRANCISCO

**Altitude:** 70m

**Acessos:** Rua do Barreiro, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Edifício religioso que foi fundado em 1741 e terminado no fim do séc. XVIII, pela Ordem Terceira de São Francisco, que se tinha fixado na Chamusca em 1733.

Este edifício encontra-se profundamente alterado com as obras efetuadas em 1912, quando o edifício passou a funcionar como asilo. O que resta do séc. XVIII é essencialmente a fachada da igreja, sendo as pinturas que se encontram no interior da antiga igreja datadas dos inícios do séc. XIX.

É possível analisar a grandiosidade da fachada do edifício e dividi-la em duas: a parte inferior organizada por um galilé de três arcos sendo os que encontramos nas pontas mais estreitos e de volta perfeita. O central é em arco abatido, crescendo para a porta de entrada de verga reta. A parte superior é marcada por três grandes janelas gradeadas e com molduras.

Em 1929 o edifício passou para a posse da Santa Casa da Misericórdia. A igreja foi remodelada e adaptada para sala de conferências e o segundo piso utilizado como habitação com camaratas. É classificado com IM - Interesse Municipal (Decreto n.º 95/78, DR, 1.ª série, n.º 210 de 12 setembro 1978).

**Bibliografia:** PDM, 1995; TECEDERO, 1999; FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016; SANTOS, 2016.



Fig. 51 – Igreja Terceira da ordem de São Francisco.

### CP 13. IGREJA DE SANTA MARIA DO PINHEIRO GRANDE

**Altitude:** 29 m

**Acessos:** Rua Isidro dos Reis, Pinheiro Grande.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Este templo parece remontar ao séc. XVI, encontrando-se todavia muito alterado em relação ao edifício original, do qual apenas devem restar algumas paredes exteriores e a torre sineira (Fonseca, 2002). No ano de 1755 há um

testemunho do vigário António José de Mattos, referindo a existência, na igreja, de uma imagem de Nossa Senhora de “pedra inteira e de feitio antiquíssimo” (Fonseca, 2002: 222), remetendo para a antiguidade da Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande, onde em meados do séc. XVIII se instituiu a irmandade do Santíssimo Sacramento, sendo extinta por falta de membros após a implantação da República (idem, ibidem).

**Bibliografia:** FONSECA, 2002.

### CP 14. HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA CHAMUSCA

**Altitude:** 20 m

**Acessos:** Largo Sacadura Cabral.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** O Hospital da Misericórdia foi instituído em 1711, por vontade de Francisco Sutil, natural da Chamusca, mas só seria inaugurado em 1715.

Anexa ao hospital, existiu a Capela de Nossa Senhora da Pobreza, até o seu interior ter sido demolido em 1958 por motivo de grandes obras de adaptação do edifício a hospital regional (Fonseca, 2002). No seu interior existia um arco redondo sobre pilastras toscanas, enquadrando um retábulo rococó em madeira policromada e dourada. Havia aqui um nicho ladeado por colunas coríntias de fuste estriado, rematadas por um frontão. A mesa do altar tinha a forma de urna. Atualmente,



Fig. 52 – Hospital da Misericórdia.

só existe a torre sineira e a fachada da capela, de estilo rococó, rodeada por dois lanços de escadas de feição palaciana (Fig.52).

**Bibliografia:** FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016; SANTOS, 2016.

#### CP 15. CELEIRO DA RAINHA

**Altitude:** 16m

**Acessos:** Rua Direita de São Pedro, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** No que diz respeito a esta infraestrutura, temos, apenas, o apontamento de que existiu

no local onde se encontra atualmente a Caixa Agrícola da Chamusca. É datada do séc. XVII/XVIII, sendo que é nessa altura que a vila da Chamusca passa a integrar a Casa das Rainhas (1683-1883).

**Bibliografia:** FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016.

#### CP 16. PAÇOS DO CONCELHO

**Altitude:** 20m

**Acessos:** Junto ao Jardim do Coreto, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** No séc. XVIII, os Paços do Concelho são instalados no edifício pertencente ao Solar dos Silvas (Ver adiante nº CP 17).

O tribunal encontrava-se instalado no mesmo edifício, cedido por aquela família, onde estava a prisão. As reuniões da câmara municipal inicial-



mente realizavam-se na sala de audiências do tribunal. Tanto a cadeia como o tribunal foram sofrendo obras de requalificação durante o tempo que vigoraram ali (Fonseca, 2002). Foi nessa mesma altura que foram colocados "na fachada virada à Praça (...) o brasão dos Silvas e na do

Largo do Pelourinho (norte), o da rainha D. Mariana Vitória, mulher de D. José" (Fonseca, 2002: 36), mas que atualmente já não se encontram na fachada do edifício.

**Bibliografia:** FONSECA, 2002; LÁZARO, 2016.

## CP 17. SOLAR DOS SILVAS

**Altitude:** 22m

**Acessos:** Rua Ruy Gomes da Silva, Chamusca, junto ao Jardim do Coreto.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** As fontes escritas remetem para que este edifício seja dos finais do séc. XV, mas não indicam uma data concreta para a sua construção. Segundo a descrição da bibliografia o solar era composto por sete casas de sobrado, oito lojas, lagar, adega, dois pátios e duas casas térreas (Fonseca, 2001).

Na segunda metade do séc. XIX o solar sofreu alterações à sua construção inicial que o descaracterizaram por completo.

Presentemente, a ocupação deste edifício destinase à habitação no primeiro piso e no piso térreo é possível encontrar uma farmácia e uma loja de comércio, sendo que se encontram mencionadas na base dados do SIPA a junção de duas habitações que correspondiam ao antigo Solar, a Casa Imaginário e a Casa do Engenheiro Rosa Rodrigues, sendo as duas casas já de construção do século XIX.

**Bibliografia:** FONSECA, 2001; LÁZARO, 2016.

## CP 18. MARCO DA COMENDA Nº.78

**Altitude:** 29m

C. P.

D. Zo

N78.

**Acessos:** Fachada da Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande, Rua Isidro dos Reis, Pinheiro Grande.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/ Idade Moderna.

**Descrição:** Marco de pedra calcária com a cruz da Ordem de Cristo e a seguinte inscrição:

Este marco encontra-se no lado direito da porta de entrada para a igreja, tendo sido doado por um habitante do Pinheiro Grande que o encontrou nos campos pertencentes a este lugar.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

## CP 19. MARCO DA COMENDA Nº.87

**Altitude:** 20m

C. P.

D. Zo

N87.

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, ao Km 104, no estabelecimento *A Taberna da Rita*, Pinheiro Grande.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/ Idade Moderna.

**Descrição:** Marco de pedra calcária com a cruz da Ordem de Cristo e a seguinte inscrição:

Este marco encontra-se na extrema-direita que faz esquina com a estrada do estabelecimento A Taberna da Rita, situado junto à entrada. Encontrava-se já mencionado na bibliografia mas sem localização associada.

**Bibliografia:** FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015

#### CP 20. MARCO DA CRUZ 4

**Altitude:** 29m

**Acessos:** Junto da Igreja de Santa Maria do Pinheiro Grande, Rua Isidro dos Reis, Pinheiro Grande.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/  
Idade Moderna

**Descrição:** Entre a Casa do Pároco e a Igreja de St.ª Maria do Pinheiro é possível encontrar, colocado no chão, um marco em pedra calcária apresentando a Cruz da Ordem de Cristo. Foi doado à igreja por um habitante do Pinheiro Grande que o encontrou no campo pertencente a este lugar.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

#### CP 21. MARCO DA CRUZ 5

**Altitude:** 23m.

**Acessos:** Antiga Junta de Freguesia do Pinheiro Grande, Pinheiro Grande.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/  
Idade Moderna.

**Descrição:** Este marco foi recolhido por um habitante do Pinheiro Grande que o doou à Junta

de Freguesia do Pinheiro Grande, encontrando-se o marco aí depositado e exposto. É elaborado em pedra calcária, apresentando a Cruz da Ordem de Cristo na parte distal, tendo sido provavelmente encontrado nos campos do Pinheiro Grande.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

CP 22. MARCOS DA COMENDA DO PINHEIRO

**Altitude:** 16m.

**Acessos/Localização:** Centro de Artesanato, Rua Direita de São Pedro, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/Idade Moderna.

**Descrição:** Estes marcos da Comenda do Pinheiro Grande encontram-se depositados no Centro de Artesanato na Chamusca. Foram recolhidos pela Câmara Municipal em vários locais do concelho e concentrados neste local. Passamos a mencioná-los, sendo todos em pedra calcária, com a cruz da Ordem de Cristo:

C. P.	C. P.	C. P.	C. P.
D. Zo	D. Zo	D. Zo	D. Zo
N40	N43	N44	N80

Existem ainda três marcos com a mesma inscrição mas sem número e partidos na parte superior.

Nestes marcos é possível verificar as suas dimensões reais, 1,60m de comprimento e na extremidade de base é possível encontrar a sigla C. P. / D. Zo com a cruz da Ordem de Cristo.

O marco com o número 40 encontra-se mencionado na Carta Arqueológica de Constância (Baptista, 2004), e atualmente está depositado no Centro de Artesanato na Chamusca.

**Bibliografia:** FONSECA, 2001; BAPTISTA, 2004; LÁZARO, 2016.

**Nota:** Em fase final da edição desta obra identificaram-se mais dois marcos da Comenda do Pinheiro, nos jardins do alojamento local denominado "Convento - Inn and Artist Residence", situado no Convento de Santo António do Pinheiro Grande (Fig. 53 A e Fig. 53 B). Aproveita-se para incluir aqui, ainda que brevemente, a notícia deste novo achado, que pensamos estar ainda inédito.



Fig. 53 – Marco da Comenda, nº 43.





Fig. 53A – Marco n.º 3 da Comenda do Pinheiro.



Fig. 53B – Marco não numerado da Comenda do Pinheiro.



## FREGUESIA DA CARREGUEIRA

### C 1. ERMIDA DE SÃO MARCOS

**Altitude:** 18m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes. No interior da povoação do Arripiado, no Largo de S. Marcos.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** A primeira informação relativamente a esta ermida remonta a 1712, altura em que o Arripiado pertencia à povoação de Tancos, correspondendo assim à paróquia de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Conceição, com a seguinte descrição: "o lugar do Arripiado, que consta de sessenta vizinhos, tem huma hermida de S. Marcos, com muytas hortas e dilatados campos abundantes de pão, e frutas; fica este lugar do Arripiado além Tejo à vista de Tancos" (Matias, 2003: 41-42).

Não se tem a indicação da data de construção desta ermida, mas é possível elaborar uma pequena descrição da mesma que foi realizada em 1740

pelo Prior Feliciano Luíz Gonzaga, que ao descrever a Igreja da Nossa Sr.<sup>a</sup> da Conceição da Vila de Tancos, inclui também a descrição desta mesma ermida dizendo que "no lugar do Arripiado [sic] tem uma ermida dedicada a S. Marcos evangelista a que se acha muito decente com um retábulo de madeira dourado em um só altar que tem e bem paramentada como todo o preciso para se celebrar o Santo sacrifício da missa" (Matias, 2003: 175).

Esta ermida foi destruída já no séc. XIX, aquando da construção da atual Igreja de São Marcos. O local onde se encontrava localizada era uma zona que facilmente alagava durante o período de cheias, uma das razões que levou à sua desativação.

Segundo relatos de habitantes locais, quando se deram as obras de reabilitação do Largo de São Marcos, foi possível observar os restos da ermida nomeadamente os seus alicerces.

**Bibliografia:** TECEDER, 1999; FONSECA, 2001; MATIAS, 2003; LÁZARO, 2015.

## C 2. IGREJA DE SANTA BÁRBARA

**Altitude:** 48m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, na povoação da Carregueira.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** A igreja de Santa Bárbara, na Carregueira, inicialmente é tida como uma ermida dedicada a Santa Bárbara, tendo em consideração o que se encontra descrito no século XVI no censo de 1527, que menciona a aldeia da Carregueira com 50 fogos. (Fonseca, 2002). Sabe-se que este

local de culto pertenceu ao comendador do Almourol (Idem, Ibidem).

A igreja que hoje existe na Carregueira é já do século XX. Existiu uma outra igreja antes desta, no mesmo local, sendo que é datada do século XVIII. Destaca-se que este edifício tinha a particularidade de em "cada uma das paredes laterais da capela-mor possuir dois arcos de volta perfeita, pelos quais se acedia a dois átrios retangulares que tornavam o templo invulgarmente acolhedor" (Fonseca, 2002: 224).

**Bibliografia:** PDM, 1995; TECEDIRO, 1999; FONSECA, 2001;2002; LÁZARO, 2015.

### C 3. MARCO DA COMENDA Nº95

**Altitude:** 18m

C. P.

D. Zo

N95.

**Acessos/Localização:** No interior da povoação do Arripiado, junto ao Tejo, embutido na parede de uma habitação.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/Idade Moderna.

Este marco encontrava-se indicado na bibliografia mas sem localização exata, tendo sido possível relocalizá-lo com a deslocação à povoação do Arripiado em 2015.

**Descrição:** Marco de pedra calcária com a cruz da Ordem de Cristo e a seguinte inscrição:

**Bibliografia:** FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

### C4. MARCO DA CRUZ 1

**Altitude:** 145m

**Acessos:** EN 118 direção Chamusca-Abrantes, ao Km 110, virar à direita para a estrada de terra batida em direção ao Casal da Corticeira.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/Idade Moderna.

**Descrição:** A fazer de marco divisório entre propriedades, foi possível identificar um marco em pedra calcária com a Cruz da Ordem de Cristo gravada. A ocorrência deste marco foi registada através das indicações e ajuda do Sr. António Valador.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015

## C 5. MARCO DA CRUZ 2

**Altitude:** 27m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, ao Km 109 virar à esquerda em direção a uma estrada de terra batida, ao chegar à primeira curva.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/Idade Moderna.

**Descrição:** Segundo relatos recolhidos junto do Sr. António Valador, tivemos a informação de que, quando foi efetuada a elevação da estrada, o marco que ali existia com a Cruz da Ordem de Cristo foi soterrado, encontrando-se ainda neste local exato.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2015.

## C 6. MARCO DA CRUZ 3

**Altitude:** 49m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, Carregueira, Junta de Freguesia da Carregueira.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Média/Idade Moderna.

**Descrição:** O presente marco foi recolhido pela Junta de Freguesia da Carregueira a 29 de Outubro de 2012, tendo sido encontrado junto ao

Campo de Futebol Eng.º Vaz Gomes pelo Sr. João Godinho Sequeira. O monumento foi entregue ao cuidado da Junta de Freguesia, que o colocou no armazém da Junta.

O marco é elaborado em pedra calcária e apresenta a Cruz da Ordem de Cristo na sua parte mais distal, tendo 1, 50m de altura e cerca de 25cm de comprimento.

**Bibliografia:** MARQUES, 2012; LÁZARO, 2015.

## C 7. MARCO DA COROA

**Altitude:** 49m

COROA

Nº10

1776

**Acessos/Localização:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, Carregueira, por trás da Igreja de St.ª Bárbara, no jardim.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** No jardim por trás da Igreja de Santa Bárbara na Carregueira é possível encontrar um marco em pedra calcária com a seguinte inscrição:

Este marco foi encontrado no meio do campo que pertence ao Arripiado, tendo sido movido para a Carregueira, e colocado onde se encontra atualmente pela Junta de Freguesia da Carregueira.

**Bibliografia:** MATIAS, 2003; LÁZARO, 2015

## C 8. MOINHO 1 DA RIBEIRA DA FOZ

**Altitude:** 48m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, virando à direita na Ponte da Foz, subindo assim a ribeira pelo lado esquerdo da mesma. Difícil acesso aos vestígios devido à alta vegetação existente.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna/Indeterminado (?)

**Descrição:** Este engenho fazia parte de um conjunto de seis moinhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira da Foz. Existem fontes que nos indicam o nome dos moinhos de rodízio (Coelho, 1995), mas atualmente não nos foi possível estabelecer ligação entre as ruínas no local e o nome que lhes era atribuído. Devido ao estado avançado da deterioração, a maior parte da população local não se recorda destes engenhos

através dos nomes, mas sim, como "os moinhos da Ribeira da Foz".

Na deslocação ao local foi possível encontrar as ruínas de um moinho de planta retangular, construído de tijolo e pedra. Observámos, também, uma das entradas de água na base do mesmo. A densa vegetação e o estado avançado de ruína não nos permitiu retirar mais informações.

Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada, não foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este foi erguido, porque a documentação existente não é clara nem precisa no que diz respeito a esta matéria.

**Bibliografia:** COELHO, 1995; LÁZARO, 2015.

## C 9. MOINHO 2 DA RIBEIRA DA FOZ

**Altitude:** 48m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, virando à direita na Ponte da Foz, subindo assim a ribeira pelo lado esquerdo da mesma. Difícil acesso aos vestígios devido à alta vegetação existente.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna/Indeterminado (?)

**Descrição:** A descrição é idêntica ao do moinho 1, com a exceção de não se ter identificado a entrada de água.

**Bibliografia:** COELHO, 1995; LÁZARO, 2015.



## C 10. MOINHOS DA RIBEIRA DAS FERRARIAS

**Altitude:** 48m

**Acessos:** EN 118, direção Chamusca-Abrantes, virando à direita na Ponte das Fontainhas. O sítio localiza-se em propriedade privada e vedado. Difícil acesso pela existência de gado.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna/Indeterminado (?)

**Descrição:** Este conjunto de engenhos hidráulicos, neste local, era o único deste tipo registado no concelho da Chamusca. Era composto por nove azenhas com "mecanismos providos de roda exterior de eixo horizontal e propulsão superior"

(Coelho, 1995: 35). Através de uma deslocação ao local acompanhada pelo caseiro da propriedade, o Sr. Mário Marques, foi possível observar que já não restam vestígios das azenhas naquele local, tendo sido demolidas, restando apenas vestígios de superfície de tijolos e pedras dispersos nos locais que o Sr. Mário Marques nos indicou, onde se encontravam alguns dos engenhos.

No que toca à atribuição de uma cronologia da fundação do engenho, a partir da documentação consultada verifica-se a mesma situação relativamente aos moinhos da Ribeira da Foz.

**Bibliografia:** COELHO, 1995; LÁZARO, 2015

## FREGUESIA DE VALE DE CAVALOS

### VC 1. IGREJA MATRIZ DE VALE DE CAVALOS/ IGREJA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

**Altitude:** 33m

**Acessos:** Rua da Igreja, Vale de Cavalos, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Segundo a bibliografia, o edifício primitivo remonta ao séc. XVII, sendo que "a dedicação da igreja de Vale de Cavalos ao Divino Espírito Santo remonta quase de certeza à primeira metade do século XVII, apesar de se terem realizado obras de beneficiação em datas posteriores (datas que são assinaladas no próprio edifício: 1726 e 1750)" (LÁZARO, 2009: 118).

O edifício de planta longitudinal é composto por uma nave, com uma torre do lado esquerdo com

duas janelas com molduras em pedra, terminando com um arco de volta perfeita. A fachada principal é composta com um portal retangular em pedra, encontrando-se sobre a ombreira da porta principal um lintel com a inscrição 1739.

Por cima da porta principal, apresenta uma cornija onde assenta uma janela com moldura em pedra, também ela terminada com um arco de volta perfeita. A fachada posterior é rematada por empena triangular. Todo a igreja apresenta um rebordo pintado a cinza.

**Bibliografia:** PDM, 1995; TECEDDEIRO, 1999; LÁZARO, 2009; LÁZARO, 2015.

## VC 2. FONTE DA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

**Altitude:** 18m

**Acessos:** Travessa da Fonte da Nossa Senhora dos Remédios, Vale de Cavalos, Chamusca

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado / Idade Moderna (?)

**Descrição:** Localiza-se no fundo do cabeço do Alto das Obras, virada para a lezíria. Segundo a população local e segundo a bibliografia (Lázaro, 2009), é atribuído a este local a zona mais antiga

de Vale de Cavalos, existindo lendas relacionadas com a fonte que aí se encontra. Já não é possível observar muito da arquitetura da antiga fonte, que seria possivelmente da Idade Moderna, devido ao facto de terem sido realizadas obras de melhoramento que modificaram por completo o monumento.

Esta fonte situa-se muito próximo do lugar onde foram encontrados os vestígios da possível conduta de água romana.

**Bibliografia:** LÁZARO, 2009; LÁZARO, 2015.

## FREGUESIA DE ULME

### U 1. ERMIDA DAS BALSAS

**Altitude:** 75m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), lugar Balsas.

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado / Idade Moderna (?)

**Descrição:** Situa-se a meia encosta no Casal das Balsas, não sendo conclusiva a data da sua construção, que poderá remontar à época Moderna, dado que no séc. XV, na doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, estavam incluídos "todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias", etc. (Fonseca, 2001: 174).

A ermida apresenta uma planta longitudinal, de uma só nave, com uma fachada frontal e com um portal trabalhado em pedra em arco ogival com arquivolta. Do lado esquerdo, no topo da mesma, é possível observar uma sineira com uma cruz de pedra. O rebordo da ermida é pintado com uma faixa azul. A meio da fachada principal encontra-se embutida uma pequena lápide com algumas figuras esculpidas e com uma inscrição que faz alusão às almas. A sua leitura é difícil devido à falta de caracteres e ao desgaste da lápide.

**Bibliografia:** TECEDERO, 1999; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

## U 2. ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

**Altitude:** 27m

**Acessos:** EN 243 (Chamusca-Ulme), ao km 47 virar para o lado esquerdo pela estrada de terra batida em direção ao edifício. Propriedade privada

**Classificação cronológica-cultural:** Medieval Muçulmano (?) / Idade Moderna.

**Descrição:** É apontado na bibliografia que este local poderá ter tido ocupação muçulmana, mas não é possível atualmente provar essas mesmas indicações através dos vestígios materiais existentes. Uma das razões para alguns autores atribuírem a este local uma primeira ocupação muçulmana é a planta ortogonal que a ermida apresenta (Marques, 2002).

Este edifício é referido em 1624, sendo que já existia no séc. XVI, mas anteriormente já deveria

existir aí outro edifício de cariz religioso pois, durante umas obras de remodelação daquela área foi possível encontrar, de acordo com Marques (2002: 69) "estelas funerárias medievais (séc. XV/XVI), uma inscrição de que fizeram desenho (dado o que observamos no desenho da inscrição parece ser do séc. XIII), e nas imediações, foram descobertos restos de sepulturas".

A ermida apresenta uma planta hexagonal, com uma abóboda de cúpula com um rebordo em cornija, com uma pequena sineira, a fachada frontal do edifício apresenta um portal principal retangular e com uma pequena janela de forma redonda entre o portal e a cornija. Em frente ao portal existe um pequeno pátio murado com o piso em tijoleira.

**Bibliografia:** TECEDERO, 1999; FONSECA, 2001; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

### U 3. ERMIDA DE SANTA MARGARIDA

**Altitude:** 43m

**Acessos:** EN 118 (Alpiarça-Chamusca), ao km 94 no cruzamento cortar à esquerda em direção a Ulme, entrando no primeiro desvio em terra batida à esquerda para o Casal do Pereiro.

**Classificação cronológica-cultural:** Indeterminado/ Idade Moderna (?)

**Descrição:** Situa-se no Casal do Pereiro, localizando-se no topo de um cabeço. A data da sua construção apresenta a mesma problemática da Ermida das Balsas.

A ermida apresenta uma planta longitudinal, de uma só nave, com uma pequena sacristia adossada. É possível observar, também, um alpendre adossado com piso em tijoleira, rodeado por um muro branco com um banco em pedra em ambos os lados do muro.

A fachada principal é terminada por um frontão de volutas, com cunhais laterais que terminam no topo com uma cruz. O alpendre em frente ao portal é retangular, em pedra e apoiado em colunas de fuste redondo com capitéis toscanos.

**Bibliografia:** TECEDIRO, 1999; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

### U 4. ERMIDA DE SANTA MARTA

**Altitude:** 73m

**Acessos:** Santa Marta, Ulme (atual local onde se encontra o depósito da água).

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** No alto de Santa Marta, no local onde se encontra atualmente o depósito de água, existia uma pequena ermida, da qual já não se encontram vestígios significativos.

De acordo com a bibliografia, crê-se que a ermida era do séc. XV, mas uma das suas primeiras



menções escritas é feita apenas em 1637 (Fonseca, 2001; Marques, 2002).

Relativamente ao edifício em si não temos qualquer descrição, mas quando se procedeu à construção do depósito de água o monumento já estava demolido, sendo apenas visível a base e os alicerces do mesmo.

Foram encontradas nas remodelações da igreja de Santa Maria de Ulme, no séc. XX, várias estelas

funerárias e cabeceiras de sepulturas, apontando para que tenham vindo da ermida de Santa Marta, devido a terem sido encontradas sepulturas na data da construção do depósito de água (Marques, 1989a).

**Bibliografia:** MARQUES, 1989a; 2002; TECEDRO, 1999; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

## U 5. IGREJA DE SANTA MARIA DE ULME

**Altitude:** 35m

**Acessos:** No interior da vila de Ulme, onde se encontra atualmente a Igreja Paroquial de Santa Maria de Ulme, construída nos inícios do séc. XX.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** A primitiva igreja de Ulme remonta a meados do séc. XV, sendo mencionada numa sentença em 1442 (Fonseca, 2001), tendo sido alvo de intervenções profundas no séc. XVII (Marques, 2002). Existe uma descrição deste edifício no Relatório dos Párocos de 1758, realizado pelo Padre-cura

Bento Pereira, onde se refere que o edifício se encontrava em muito más condições e que necessitava de reparações urgentes, tendo-se solicitado fundos para esse mesmo fim (Marques, 1989b).

Atualmente encontra-se no mesmo local a igreja construída nos anos 50 do séc. XX. A planta do anterior edifício não deveria variar muito da igreja atual nem do que eram as igrejas de época moderna naquela zona, sendo composto por uma planta longitudinal de uma só nave. João J. Samouco da Fonseca (2002) publica uma foto a p/b do templo anterior.

**Bibliografia:** PDM, 1995; MARQUES, 1989b; 2002; TECEDRO, 1999; FONSECA, 2001; LÁZARO, 2015.

U 6. CELEIRO PAROQUIAL

**Altitude:** 35m

**Acessos:** Largo José Nicolau Ferreira, nº 14, Ulme.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Foi possível identificar na verga de uma das portas que dá acesso à Taberna Pintassilgo uma inscrição que faz alusão à existência de um celeiro paroquial. De acordo com Marques (2002: 193) a tradução e leitura da inscrição é a seguinte:

*S IECELROMA~DOV FAZERORDOPRIOR  
OAO~PA LHABOTELHOQVALDEXASEVOS  
DREcPASEMP CO BRIGACAODE20  
MISASEMCDAI*

Esta é a inscrição tal como está escrita, salvo a falta de alguns caracteres que não existem.

Como se deve ler:

*S IE/CELRO/MA~DOV/FAZER/O/RDO/PRIOR/  
Mudança de linha*

*OAO~/PALHA/BOTELHO/O/QVAL/DEXA/SEVO*

*Mudança de linha*

*DRE/PA/SEMP/CO/BRIGACAO/DE/20/MISAS/E  
M/CAD/AI*

Leitura atual:

*(E) STE CEL [EI] RO MANDOU FAZER O R [EVE]  
R [EN] DO PRIOR*

*(J) OÃO PALHA BOTELHO O QUAL DE [I] XA  
[OS] SEUS*

*D [I] RE [ITOS] PA [RA] SEMP [RE] CO [M] [A] [O]  
BRIGAÇÃO DE 20 MIS [S] AS EM CAD [A] A [NO]*

Este celeiro passou mais tarde para a posse da Casa das Rainhas. A inscrição data do séc. XVII, pois João Palha Botelho foi prior em Ulme e faleceu em 1650 (Marques, 2002). Atualmente, a inscrição encontra-se lamentavelmente pintada de vermelho por cima e já não é possível efetuar a sua leitura.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## U 7. CASA DA FORÇA

**Altitude:** 35m

**Acessos:** Largo José Nicolau Ferreira, n.º 9 a 15, Ulme. Propriedade privada

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Segundo a população local e a bibliografia (Marques, 2002), este edifício teria pertencido aos donatários de Ulme e Chamusca, os Silva (séc. XV). Mais tarde foi reutilizado para funções administrativas, quando esta povoação foi elevada

a Vila em 1561. Foi lá que se instalou a Câmara Municipal de Ulme até ser extinta em 1855.

Atualmente, o edifício é uma casa habitacional, completamente remodelada e encontrando-se reestruturada a fachada principal. Apresenta uma planta de dois andares e numa das fachadas ostenta um brasão (Fig.45).

Junto ao portão de metal que dá acesso a uma pequena escadaria de passagem ao andar de cima é possível observar uma pequena sineira e uma torre que se destacam de todo o edifício.

**Bibliografia:** MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## U 8. MOINHO DO PINHÃO

**Altitude:** 27m

**Acessos:** EN 243 (Chamusca-Ulme), ao km 47 virar para o lado esquerdo pela estrada de terra batida em direção ao edifício.

**Classificação cronológica-cultural:** Indeterminado/Idade Moderna (?)

**Descrição:** Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos hidráulicos localizados ao longo da Ribeira de Ulme, que são caracterizados pela sua antiguidade. Já eram conhecidos nos finais do séc. XIV, tendo sido arrendados a Maria Pires (Marques, 2002). Uma das menções a estes moinhos é feita nos finais séc. XV, aquando da doação de Ulme a Rui Gomes da Silva, onde estavam incluí-



Fig. 54 – Brasão existente na Casa da Força.

dos "todos os seus soutos, honras, matas, herdades, casais, moinhos [...] pontes, rios, ribeiros, portos, pescarias" (Fonseca, 2001: 174).

Este engenho já não se encontra no local tendo sido demolido, tal como muitos outros da freguesia de Ulme<sup>16</sup>, que não descrevemos nesta obra por já não existirem vestígios dos mesmos. Localizava-se próximo da ermida da Nossa Senhora da Conceição, embora, no local ainda seja possível observar uma eira.

Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, a partir da documentação

consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que ele foi erguido. A documentação existente não é clara, nem precisa, no que diz respeito a esta matéria, no entanto, a partir da descrição da doação feita nos finais do séc. XV é possível que este moinho fizesse parte dos que foram doados.

**Bibliografia:** MATIAS, 1995; FONSECA, 2001; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## U 9. MOINHO DAS FIGUEIRAS

**Altitude:** 42m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), depois do km 1, virar à direita para uma ponte, atravessando-a e seguindo por uma estrada de terra batida do lado esquerdo até ao Casal das Figueiras. Difícil acesso.

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado/Idade Moderna (?)

**Descrição:** Deste moinho é possível encontrar, ainda, o seu edifício, mas muito degradado. Não conseguimos chegar até ele por se encontrar vedado e devido à densa vegetação que se apode-

<sup>16</sup> Como por exemplo o Moinho da Rainha, o Moinho do Meio e o Moinho de Paires, entre outros (Lázaro, 2015).

rou da parte do edifício, onde se encontravam os caboucos. Observa-se que o edifício tem planta retangular, com paredes de alvenaria de pedra e tijolo, rebocadas e caiadas com um telhado de uma água. A água para este engenho era conduzida

através de um canal ou açude para a entrada dos caboucos.

**Bibliografia:** MATIAS, 1995; FONSECA, 2001; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## U 10. MOINHO DA LARANJEIRA DE CIMA

**Altitude:** 72m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), depois do km 6, perto do Casal da Laranjeira de Cima, junto à ribeira de Ulme, é visível da estrada municipal.

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado/Idade Moderna(?)

**Descrição:** Deste engenho é possível encontrar, ainda, o seu edifício mas muito degradado, observando que o telhado já ruiu, restando apenas as paredes caiadas. Não foi possível chegar até ele por se encontrar vedado e devido à densa vegetação que se apoderou, praticamente, de todo o edifício.

**Bibliografia:** MATIAS, 1995; FONSECA, 2001; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.



## U 11. MOINHO DO CASALINHO I

**Altitude:** 100m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), lugar Casalinho do lado Este da povoação, isolado das habitações mais próximas, a uns 200m da estrada de terra batida. Propriedade privada com vedação.

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado/Idade Moderna (?)

**Descrição:** Do moinho é possível observar o telhado de uma água e as paredes caiadas. O local onde o edifício se encontrava estava rodeado por uma vedação e a vegetação densa, também, não permitiu a visualização total do edifício.

**Bibliografia:** MATIAS, 1995; FONSECA, 2001; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## U 12. MOINHO DO CASALINHO II

**Altitude:** 104m

**Acessos:** Estrada Municipal 574 (Ulme-Semideiro), lugar Casalinho do lado Oeste da povoação, isolado das habitações mais próximas, a uns 200m da estrada de terra batida. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado/Idade Moderna (?)

**Descrição:** Este moinho encontra-se desativado mas está em bom estado, visto que a parte superior foi recuperada para habitação. No piso inferior é possível encontrar todo o sistema de moagem. O edifício é de planta retangular, e no seu interior foi possível observar que o sistema de moagem foi alterado, da estrutura primitiva de madeira para a metálica já no séc. XX, conservando-se as mós de pedra, no total de quatro (duas em cada estrutura de moagem). No exterior, verifica-se que a água

entra nos caboucos, em arcos de volta perfeita, através de um açude. Observámos, também, que a água corre depois para os dois cubos que ainda se encontram no local e depois para o rodízio de penas, este que se encontra subido e que fazia a *pela* girar. O edifício é construído todo ele em tijolo e pedra, tendo as paredes rebocadas e caiadas.

Relativamente à atribuição de uma cronologia da fundação do moinho, atente-se no que escrevemos a propósito do moinho do Pinhão.

**Bibliografia:** MATIAS, 1995; FONSECA, 2001; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

### U 13. MOINHO DO SEMIDEIRO

**Altitude:** 110m

**Acessos:** Rua dos Moinhos, Semideiro, Ulme. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Indeterminado/Idade Moderna (?)

**Descrição:** Este moinho encontra-se desativado, mas em bom estado, sendo que foi todo ele recuperado para habitação, conservando o moinho de planta retangular.

No exterior verifica-se que a água entra nos caboucos, em arcos de volta perfeita, através de um açude que é visível, encontrando-se recuperado e em bom estado, tendo sido colocado junto a um dos muros uma mó em pedra. No local, ainda, é possível observar que a água corre para os dois *cubos* e depois passa para o *rodízio de penas*, que fazia a *Pela* girar. Existe ainda outra mó encostada à porta da casa.

**Bibliografia:** MATIAS, 1995; FONSECA, 2001; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## U 14. MOINHO DO CASAL NOVO

**Altitude:** 125m

**Acessos:** No fim da EM 574 (Ulme-Semideiro), no Semideiro seguindo em estrada de terra batida em direção ao Casal Novo, edifício dentro do casal.

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado/Idade Moderna (?)

**Descrição:** Seguindo as indicações da população local, tentámos chegar ao moinho que fica no

casal, mas como se tratava de propriedade privada não nos foi possível chegar junto ao edifício. Foi possível constatar que as paredes se encontram caídas, o telhado é de uma água e o edifício é de planta retangular. Este edifício é o que se encontra mais perto da ribeira.

**Bibliografia:** MATIAS, 1995; FONSECA, 2001; MARQUES, 2002; LÁZARO, 2015.

## UNIÃO DE FREGUESIAS DA PARREIRA E CHOUTO

### PC 1. IGREJA DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

**Altitude:** 117m

**Acessos:** Largo da Feira, Chouto.

**Classificação cronológica-cultural:** Idade Moderna.

**Descrição:** Esta igreja foi mencionada no Inquérito Nacional elaborado na sequência do Terramoto de 1755, tendo o inquérito desta paróquia sido elaborado pelo Padre Manuel da Costa Temudo. Foi possível concluir que este edifício já existia antes do séc. XVIII (Coelho, 1985).

O edifício é de planta longitudinal, de uma só nave e modesto, tendo a sacristia do lado esquerdo. A fachada principal é composta com um portal em pedra simples retangular, com uma janela por cima do mesmo, também, ela retangular e com uma moldura de pedra simples.

Do lado direito encontra-se uma torre sineira, com o sino no meio da torre. A fachada superior é

rematada com um frontão de volutas simples, terminando no topo com uma cruz.

**Bibliografia:** PDM, 1995; COELHO, 1985; TECEDER, 1999; LÁZARO, 2015.

## PC 2. CAPELA DO VALE DA LAMA DA ROSA

**Altitude:** 75m

**Acessos:** Estrada Municipal 557 (Paços Velhos-Parreira), Casal do Vale da Lama da Rosa, Parreira. Acesso por terra batida. Propriedade privada.

**Classificação cronológica-cultural:** Indeterminado/ Idade Moderna (?)

**Descrição:** Trata-se de um pequeno edifício religioso, que foi possível analisar com a autorização do proprietário do terreno, o Sr. Oliveira. É

uma pequena capela, de uma só nave, com um pequeno e modesto altar e uma sala do lado esquerdo, a sacristia.

Na fachada principal observa-se um portal em pedra retangular, onde assenta no seu topo uma cornija, que suporta uma estrutura triangular em pedra com uma cruz desenhada no centro do triângulo.

A fachada superior é rematada por empena triangular, com dois cunhais triangulares nas pontas, existindo, no topo, uma sineira retangular, com uma abertura em arco de volta perfeito, encimado por uma cruz.

A capela encontra-se rodeada por um pequeno pátio murado, com chão de tijoleira.

Não foi possível obter uma cronologia concreta para este edifício, por falta de estudos e bibliografia desta área do concelho. Contudo, é possível que

date dos finais da época moderna, seguindo o padrão do panorama do resto do concelho.

**Bibliografia:** TECEDEIRO, 1999; LÁZARO, 2015.

### PC 3. MOINHO DAS FOLGAS

**Altitude:** 120m

**Acessos:** EN 243 (Chouto-Bemposta), ao Km 74 cortar em direção às Folgas pela Estrada Municipal.

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado/ Idade Moderna (?)

**Descrição:** Este engenho localiza-se no Casal das Folgas. Fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira de Muge. Não nos foi possível chegar até ao edifício, por se encontrar dentro de propriedade privada. Sabemos apenas que ainda não foi demolido.

A partir da documentação consultada, não nos foi possível chegar a uma conclusão sobre a época em que este engenho foi construído, dado que essas fontes não são claras nem precisas no que diz respeito a esta matéria. No entanto, a partir da integração do Chouto e suas terras na *Casa do Infante* (séc. XVII) é provável que ele já existisse, ou fosse edificado nessa época e fosse utilizado ao longo do tempo, como é o caso dos Moinhos da Ribeira de Ulme. Contudo, não passa de uma hipótese que necessita de investigação mais aprofundada.

**Bibliografia:** COELHO, 1995; LÁZARO, 2015.

#### PC 4. MOINHO DE MARTINGIL

**Altitude:** 94m

**Acessos:** EN 243 (Chouto-Bemposta), ao Km 74 cortar em direção a Martingil pela EM.

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado/ Idade Moderna (?)

**Descrição:** O Moinho de Martingil encontra-se em grande estado de degradação<sup>17</sup>. Deparámo-nos com um edifício muito degradado, já sem telhado, de planta retangular de construção em tijolo e pedra, tendo as paredes rebocadas e caiadas. No

exterior do edifício, foi possível encontrar uma das mós em pedra coberta quase na sua totalidade por vegetação. Observámos, também, um cabouco, de arco de volta perfeita com o cubo ainda no local. No interior, foi possível observar que o chão abateu na zona do cabouco por este ser de ripas de madeira, tendo destruído a estrutura de moagem, também, de madeira. Encontrámos mais mós no interior do edifício, encontrando-se uma delas dentro de água, ainda, com o veio inserido.

**Bibliografia:** COELHO, 1995; LÁZARO, 2015.

<sup>17</sup> O mesmo acontece com outros engenhos do mesmo tipo, localizados na União de Freguesias de Parreira e Chouto, como por exemplo os moinhos do Marmeleiro, das Talasnas e do Pego da Curva (Lázaro, 2015), entre outros, que não descrevemos aqui para não tornar esta obra desnecessariamente extensa.



## PC 5. MOINHO DE VALE FLORES

**Altitude:** 53m

**Acessos:** Estrada Municipal 557 (Paços Velhos-Parreira), Moinho de Vale Flores, Parreira, Chamusca. Acesso por terra batida. Propriedade Privada.

**Classificação cronológica-cultural:**  
Indeterminado/ Idade Moderna (?)

**Descrição:** Este engenho fazia parte do conjunto de moinhos de rodízio que se encontravam instalados nas margens da Ribeira de Muge.

No local com o nome de Moinho de Vale Flores existiram dois moinhos. Atualmente, só existe um

deles, por ter sido demolido o outro. No moinho que ainda existe, observa-se um edifício de planta retangular, de construção em tijolo e pedra, tendo as paredes rebocadas e caiadas, com um telhado de duas águas.

No exterior existem dois caboucos, de arco de volta perfeita, que foram tapados e dos quais saem, atualmente, tubos de irrigação dos campos. No interior verificou-se que o edifício é utilizado como arrecadação, encontrando-se restos de uma das estruturas de moagem com as respetivas mós em pedra.

**Bibliografia:** COELHO, 1995; LÁZARO, 2015.

## PC 6. MOINHO DO GERALDO

**Altitude:** 108m

**Acessos:** EM 557 (Paços Velhos-Parreira), Geraldo, Chouto.

**Classificação cronológica-cultural:** Indeterminado/ Idade Moderna (?)

**Descrição:** No Moinho do Geraldo é possível observar um edifício de planta retangular, de construção

em tijolo e pedra, tendo as paredes rebocadas e caiadas, com um telhado de duas águas. No exterior, foi possível observar dois caboucos, de arco de volta perfeita, que se encontram, praticamente cobertos por vegetação muito densa, o que nos impediu também de aceder ao interior do edifício.

Em redor do moinho observaram-se mós de pedra, tendo ainda uma delas o veio introduzido.

**Bibliografia:** COELHO, 1995; LÁZARO, 2015.

## PC 7. MOINHO DA PARREIRA

**Altitude:** 77m

**Acessos:** Travessa do Moinho, Parreira, Chamusca.

**Classificação cronológica-cultural:** Indeterminado/ Idade Moderna (?)

**Descrição:** No Moinho da Parreira é possível observar um edifício de planta retangular, de construção em tijolo e pedra, tendo as paredes

rebocadas e pintadas de vermelho, com duas janelas viradas para a fachada principal, como para a traseira do edifício. Salientamos que no séc. XX foi feito um anexo do lado esquerdo do edifício, para que fosse inserido um motor para mover um dos três engenhos de moagem. Todo o edifício é coberto por um telhado de duas águas, estando o tanque ou represa exterior, que continha a água, seco e com muita vegetação.

No exterior observam-se três caboucos, de arco de volta perfeita com os respetivos cubos ainda no

local, bem como os rodízios de *penas* de cada cubo.

No interior existem ainda três sistemas de moagem praticamente completos, com a *moega*, *quelha*, *chamadouro* e *tremenhado*. O sistema de moagem mais à esquerda encontra-se todo ele já adaptado para ser utilizado com o motor, contendo na parte inferior duas rodas dentadas que se encontram ligadas por um veio com uma

roda de engrenagem, com um cinto apoiado noutra roda de engrenagem, mais pequena, no motor que faz a transmissão de energia de um eixo para o outro.

Este edifício encontra-se atualmente a ser reabilitado pela União das Freguesias de Parreira e Chouto.

**Bibliografia:** COELHO, 1995; LÁZARO, 2015.



## 9 – CONCLUSÕES

Fernando A. Coimbra  
Silvério Figueiredo  
Alexandra Figueiredo

No decorrer do desenvolvimento dos trabalhos deparámo-nos com alguns obstáculos que tivemos de contornar, que acabaram por se refletir na exposição e interpretação dos dados arqueológicos. Muitas das hipóteses que estão levantadas estão imbrincadas com diferentes possibilidades, nomeadamente a falta de informação sobre o paradeiro (e mesmo o desaparecimento) de alguns dos materiais arqueológicos referidos na bibliografia. Esse espólio, caso estivesse disponível para estudo, enriqueceria em grande modo quer a presente publicação, quer o acervo de vestígios arqueológicos da Chamusca, com vista à organização de um futuro museu municipal ou centro de interpretação.

Também a grande extensão de terrenos com vedações, muitos deles inclusivamente com sinalização referindo “propriedade privada – entrada proibida” limitou a nossa área de prospeção e reconhecimento de alguns dos possíveis sítios. Contudo o número de locais identificados, sobretudo os inéditos, revelam que muito ainda há para fazer, sendo que esta Carta pretende constituir o primeiro passo para um inventário do património na região.

Ao todo observámos a existência de noventa e quatro sítios/monumentos arqueológicos<sup>18</sup>, sendo que vinte e quatro são inéditos, decorrentes dos trabalhos desenvolvidos pela equipa que participou na elaboração da Carta Arqueológica

<sup>18</sup> Não incluímos nesta contagem os exemplos de proveniência desconhecida nem os casos de património edificado.

agora publicada. Do inventário realizado destacamos trinta e nove como pertencentes à Pré-história e Proto-história, quarenta e quatro da Época Clássica e vinte e um apresentam características de serem de Épocas posteriores<sup>19</sup>.

Facilmente se pode observar que a ocupação desta região foi sempre equacionada tendo em conta a presença do rio Tejo e os recursos que ele oferecia. Contudo, muitos dos sítios, devido à sua forte deposição sedimentológica e alteração de percurso podem não ser facilmente visíveis e até mesmo estar completamente enterrados.

De um ponto de vista geral, no Concelho da Chamusca verifica-se uma grande frequência de vestígios do Paleolítico e do Período Romano, sendo raras as evidências, ou ainda desconhecidas, as que se estendem do Neolítico à Idade do Ferro, sobretudo a sul do concelho. Nos municípios vizinhos, como Constância e Abrantes, são diversos os sítios deste período, pelo que consideramos mais pertinente a segunda hipótese levantada. Neste sentido, somente um trabalho mais prolongado no tempo, com mais recursos financeiros, permitiria um aprofundamento e maior reconhecimento do entendimento da real ocupa-

ção desta região. Por exemplo, a descoberta, em Vale de Cavalos, de uma placa de xisto de carácter megalítico (Correa, 1928) leva a formular considerações acerca de possíveis enterramentos da Pré-História Recente na região, problemática para a qual ainda não se dispõe de dados.

Após este período, os exemplos da Época Clássica, de carácter arqueológico, aumentam significativamente, desde um mosaico (enterrado), marcos miliários, inscrições funerárias, moedas e sítios que registam a presença de cerâmicas diversas.

No período de tempo entre a queda do Império Romano e a Idade Média, os vestígios arqueológicos nas terras chamusquenses são muito escassos, começando a multiplicar-se a partir da Baixa Idade Média com a construção de edifícios religiosos, civis e a produção de lápides funerárias.

Os vários capítulos apresentados dão uma visão generalizada das particularidades mais evidentes, permitindo concluir alguns traços caracterizadores das comunidades que ocuparam esta região ao longo do tempo. Desta forma, esta Carta Arqueológica, abordando um vasto período temporal desde o Paleolítico até ao final da Idade

<sup>19</sup> Alguns dos sítios inventariados apresentam vestígios atribuíveis a diversos períodos cronológicos.



Moderna, pretende contribuir para a salvaguarda e conhecimento do património histórico arqueológico chamusquense, que sobreviveu ao passar dos séculos, memória dos homens e mulheres que nestas terras nos precederam e dos quais somos herdeiros.

Pela sua especificidade de documento de inventário do que se conhece, apresenta-se aberto, suscetível de futuras atualizações e adendas, conforme o que a investigação arqueológica for desenvolvendo no Concelho.



## BIBLIOGRAFIA

AAVV - APEQ (1993) – O Quaternário em Portugal – Balanço e Perspectivas, Ed. Colibri, Lisboa, 198 p.

AAVV (1995) – Plano Diretor Municipal (Relatório). GEOIDEIA – Estudos de Organização do Território, Ld<sup>a</sup>. [Texto policopiado].

AAVV (1999) – Carta Arqueológica de Ponte de Sor. Pontis/Câmara Municipal de Ponte de Sor, 218 p.

ABRAÇOS, M. F. (1999) – Contributo para a história e inventário dos mosaicos romanos do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Série IV, 17. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 345-397.

ALARCÃO, J. de (1988) – Roman Portugal. Ars & Phillips, Warminster: 89-142.

ALARCÃO, J. de (1995) – O domínio romano em Portugal. Europa-América, Mem Martins, 244 p.

ALARCÃO, J. de (1998) – Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. Vol. XXXVII. Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra: 89-119.

ALARCÃO, J. de (2002) – Scallabis e o Seu Território. In *De Scallabis a Santarém*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 37-46;

ALARCÃO, J. de (2004) – Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – II. Revista Portuguesa

de Arqueologia. Vol. 7. Número 2. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa: 193-216.

ALMEIDA, J. de (1946) – Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses. Volume II (Distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria e Santarém). Edição do Autor, Lisboa, 342 p.

ALMEIDA, N.; MAURICIO, J. (1996) – Relatório dos trabalhos realizados na Estação do Alto do Carrinho. Texto Policopiado.

ALMEIDA, N.; MAURICIO, J. (2004) – Alto do Carrinho: um lugar, dois tempos. In BUGALHÃO, J. (Ed.). Arqueologia na rede de transporte de gás: 10 anos de investigação, *Trabalhos de Arqueologia*, 39. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa: 73-84.

ANASTÁCIO, R.; CRUZ, A. (2015) – Carta de interesse cultural para a região do Médio Tejo/Portugal: modelação em sistemas de informação geográfica. Revista SÉMATA, Ciências Sociais e Humanidades, vol. 27: Universidade de Santiago de Compostela: 221-238.

ANDRADE, F. J. (1759/1998) – Descrição da Chamusca. Oficina de Miguel Monescal da Costa (1ª edição, 1759), Lisboa. Garrido Artes Gráficas (3ª edição, 1998), Alpiarça, 36 p.

ARRUDA, A. M., SOUSA, E. de; PIMENTA, J.; MENDES, H.; SOARES, R. (2014) – Alto do Castelo's Iron Age occupation (Alpiarça, Portugal). *Zephyrus*, LXXIV. Universidad de Salamanca: 143-155.

BAPTISTA, L. (2007) – Cardiga: De Comenda a Quinta da Ordem de Cristo (1529-1630). Dissertação de mestrado em História Regional e Local. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. [Texto Policopiado].

BATISTA, Á. (2004) – Carta Arqueológica do Concelho de Constância. ESCORA – Associação de Jovens para a Preservação Cultural e Arqueológica de Montalvo, Constância, 239 p.

BARBOSA, B. P. (1995) – Alostratigrafia e Litostratigrafia das unidades continentais da Bacia Terciária do Baixo Tejo. Relações com o

- eustatismo e a tectónica. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 253 p.
- BEIRANTE, M. Â. (1980) – Santarém Medieval. Universidade Nova de Lisboa, 310 p.
- BEIRANTE, M. Â. (1981) – Santarém Quinhentista. Ramos, Afonso & Moita, Lda: Lisboa, 309 p.
- BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. (1942) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire, I. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXIII, Lisboa: 30-34.
- BREUIL, H.; ZBYZEWSKI, G. (1945) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire, II. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses de la basse vallée du Tage, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXIV, Lisboa: 276-326.
- CANDEIAS, BAPTISTA, A. (2009) – Carta Arqueológica do Concelho de Abrantes.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-história de Portugal*. Verbo, Lisboa.
- CARNEIRO, A. (2005) – Carta Arqueológica do Concelho de Fronteira. Edições Colibri/Câmara Municipal de Fronteira, Lisboa, 179p.
- CARRINHO, J. (2003) – Arripiado, aldeia do Tejo. Câmara Municipal da Chamusca, 265 p.
- CARVALHO, A. (1993) – As villae. In MEDINA, J. (ed.), *História de Portugal*, Vol. 2. Ediclube, Lisboa: 275-288.
- CARVALHO, G. S. (1968) – Contribuição para o conhecimento geológico da bacia Terciária do Tejo. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 15. Lisboa, 210 p.
- CHAVES, L. (1937) – Mosaicos Lusitano-Romanos em Portugal. "Antiquitates". *Revista de Arqueologia*, Vol. III. Lisboa: 1-15.
- COELHO, A. M. (1995) – A Água. Cadernos da Ascensão. Câmara Municipal da Chamusca, 64p.
- COIMBRA, F.A. (2005) – Arte rupestre e lendas populares. *Revista de Portugal*, Nº. 2. Solar

Condes de Resende/Gailivro, V. N. de Gaia: 10-14.

COIMBRA, F.A. (2008) – Portuguese rock art in a Protohistoric context. *ARKEOS*, 24. Centro Europeu de Investigação da Pré-história do Alto Ribatejo, Tomar: 111-130.

COIMBRA, F.A. (2010) – Glossário, Versão Portuguesa. In, *Rock Art Glossary. A multilingual dictionary*. BEDNARIK, R.; ACHRATI, A.; CONSENS, M.; COIMBRA, F.A.; DIMITRIADIS, G.; HUI SHENG, T.; MUZZOLINI, A.; SEGLIE, D. & SHER, Y. (eds.). International Federation of Rock Art Organizations, Melbourne: 165-185.

COIMBRA, F.A. (2013) – RUPTEJO: Arqueologia Rupestre da Bacia do Tejo. Arte Rupestre da Idade do Bronze e da Idade do Ferro na Bacia Hidrográfica do Médio/Alto Tejo Português. Síntese descritiva. *ARKEOS* 35. CEIPHAR, Tomar, 163 p.

COIMBRA, F.A. (2016) – Exemplos de arte rupestre da Idade do Bronze e da Idade do Ferro no Vale do Tejo. *Açafa on-line*, 11. III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo. Centro Portu-

guês de Geo-História e Pré-História / Associação de Estudos do Alto Tejo, Lisboa/V.V. de Ródão: 27-35.

COIMBRA, F.A. (2017) – Archaeological inventory of the municipality of Chamusca. In, *Research in action Knowledge in progress*. Centro de Geociências da Universidade de Coimbra: 67-70.

COIMBRA, F. A.; LÁZARO, R.; ANASTÁCIO, R. (2016) – A Carta Arqueológica da Chamusca: dados preliminares. *Açafa on-line*, 11. III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo. Centro Português de Geo-História e Pré-História/Associação de Estudos do Alto Tejo, Lisboa/V.V. de Ródão: 35-42.

CORRÊA, A. A. M. (1928) – A Lusitânia PréRomana. In, PERES, D., História de Portugal, vol. I. Portucalense Editora, Barcelos: 79-214.

COSTA, F. (1984) – Os terraços do vale do Tejo entre os rios Torto e Alviela. Notas geomorfológicas. Tese de Mestrado. Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 154 p.



- CRUZ, A. R. (1997) – Vale do Nabão: do Neolítico à Idade do Bronze, ARKEOS 3, Perspectivas em diálogo. CEIPHAR, Tomar.
- CRUZ, A. R. (2003) – Monumento 5 da Jogada. TECHNE, 8. Arqueojovem, Tomar: 9-21.
- CRUZ, A. R. (2004) – Monumento 5 da Jogada-Campanha Arqueológica – 2003, TECHNE, 9. Arqueojovem, Tomar: 89-114.
- CRUZ, A. R.; OOSTERBEEK, L. (1998) – Anta 2 de Vale Chãos (Abrantes). *TECHNE*, 4, Arqueojovem, Tomar: 21-36.
- CUNHA, P. P. (1992) – Estratigrafia e sedimentologia dos depósitos do Cretácico Superior e Terciário de Portugal Central, a leste de Coimbra. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 262 p.
- CUNHA, P. P. (1996) – Unidades litostratigráficas do Terciário da Beira Baixa (Portugal). *Comunicações do Instituto Geológico Mineiro*, tomo 81. Laboratório Nacional de Energia e Geologia, Lisboa: 87-130.
- CUNHA, P. P.; MARTINS, A. A.; DAVEAU, S.; FRIEND, P. F. (2005) – Tectonic control of the Tejo river fluvial incision during the late Cenozoic, in Ródão – central Portugal (Atlantic Iberian border). *Geomorphology*, 64. Elsevier: 271-298.
- CUNHA, P. P.; MARTINS, A. A.; HUOT, S.; MURRAY, A., RAPOSO, L. (2008) – Dating the Tejo River lower terraces in the Ródão area (Portugal) to assess the role of tectonics and uplift. *Geomorphology*, 102. Elsevier: 43-54.
- CUNHA, P. P.; MARTINS, A. A.; GOUVEIA, M. P. (2016) – As escadarias de terraços do Ródão à Chamusca (Baixo Tejo) – caracterização e interpretação de dados sedimentares, tectónicos, climáticos e do Paleolítico. *Estudos do Quaternário*, 14, Associação Portuguesa de Estudos do Quaternário, Lisboa: 1-24
- CUNHA, P. P.; MARTINS, A.; BUYLAERT, J.P.; MURRAY, A. S.; RAPOSO, L.; MOZZI, P. & STOKES, M. (2017a) - New data on the chronology of the Vale do Forno sedimentary sequence (Lower Tejo River terrace staircase) and its relevance as a fluvial archive of the Middle Pleistocene in western Iberia. *Quaternary Science Reviews*, 166: 204-226.

- CUNHA, P. P.; CURA, S.; MARTINS, A. A.; FIGUEIREDO, S. & CUNHA RIBEIRO, J. P. (2017b) - Síntese do estado de conhecimentos e propostas de investigação sobre a geo-arqueologia dos terraços no Baixo Tejo. *Açafa on-line*, 11. III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo. Centro Português de Geo-História e Pré-História/Associação de Estudos do Alto Tejo, Lisboa/V.V. de Ródão: 136-153.
- CUNHA, P. P., CURA, S.; CUNHA RIBEIRO, J. P.; FIGUEIREDO, S.; MARTINS, A. A.; RAPOSO, L.; PEREIRA, T. & ALMEIDA, N. (2017c) - As indústrias do Paleolítico Inferior e Médio associadas ao Terraço T4 do Baixo Tejo (Portugal central) – arquivos da mais antiga ocupação humana no oeste da Ibéria, com ca. 340 ka a 155 ka. *Journal of Lithic Studies*, vol. 4, nº 3, DOI: 10.2218/jls.v4i3.2531
- DAVEAU, S. (1980) – Espaço e tempo. Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *Clio*, 2, 13-37.
- DE MAN, A. (2012) – Forms of late antique settlement in Lusitania. In *The very beginning of Europe? Cultural and Social Dimensions of Early-Medieval Migration and Colonisation (5th-8th century)*. *Relicta Monografieën* 7. Flanders Heritage Agency, Brussels: 101-108.
- DELFINO, D.; CRUZ, A.; GRAÇA, A.; GASPAR, F.; BATISTA, Á. (2014) – A problemática das continuidades e descontinuidades na Idade do Bronze do Médio Tejo Português. In, *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. *Antrope*, 1. Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar: 147-201.
- DELFINO, D.; OOSTERBEEK, L.; COIMBRA, F. A.; BAPTISTA, J. C.; GOMES, H.; BELTRAME, M.; CURA, P. (2013) – A Proto-história no Concelho de Mação: novas investigações, novas abordagens, novos dados. *ARKEOS*, 34. Atas do Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo. Ceiphar, Tomar: 181-193.
- DIAS, J. (1991) – As Comendas de Almourol e Cardiga, das Ordens do Templo e de Cristo, na Idade Média. In *As Ordens Militares em Portugal – Actas do 1º Encontro sobre as Ordens Militares*. Câmara Municipal de Palmela: 101-113.
- DIOGO, A. M. D. (1987) – Estação Romana da Galega Nova (Carregueira, Chamusca) -

- Notícia da sua identificação. Câmara Municipal da Chamusca: 1-11.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Dissertação de Doutoramento. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1995) – A colecção epigráfica de Mário Saa no Ervedal. *Humanistas*, vol. 47, 629-645.
- FABIÃO, C. (1993) – A Romanização do actual território português. In *História de Portugal* (dir. J. Mattoso), vol. 1, Círculo de Leitores, Lisboa: 76-299.
- FELIX, P. (2006) – O final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro no Ribatejo Norte (Centro de Portugal): uma breve síntese dos dados arqueográficos. *Conimbriga*, XLV, Instituto de Arqueologia, Coimbra: 65-92.
- FERNANDES, H. (2002) – Em Torno de Santarin: Posição e Funções. In *De Scallabis a Santa-rém*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 47-59.
- FIGUEIREDO, A. (2005) – Contributo para a análise do megalitismo no Alto Ribatejo: O Complexo Megalítico de Rego da Murta, Alvaiázere. *Al-madan*, 13. Centro de Arqueologia de Almada: 134-136.
- FIGUEIREDO, A. (2006) – Complexo Megalítico de Rego da Murta. Pré-história recente do Alto Ribatejo (IV-II<sup>o</sup> milénio a.C.): Problemáticas e Interrogações. Dissertação de Doutoramento. vol.I e II + DVD anexo. Universidade do Porto.
- FIGUEIREDO, A. (2007) – Walking in a Way: Some Conclusions of the Recent Pre-History in Alto Ribatejo Region. In FIGUEIREDO, A.; LEITE VELHO, G. (eds), *The world is in your eyes. CAA2005. Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology*. Proceedings of the 33rd Conference, CAA Portugal, Tomar: 353-358.
- FIGUEIREDO, A. (2010) – Rituals and Death cults in recent Prehistory in central Portugal (Alto Ribatejo). *Documenta Praehistorica* XXXVII, pp. 85-94. Available online: <http://revije.ff.uni-lj.si/DocumentaPraehistorica/article/view/37.8/1699>.

- FIGUEIREDO, A. (2012) – Rituals and Death cults in recent prehistory in central Portugal (Alto Ribatejo). In, SIRBU, V.; SCHUSTER, C. (eds.), *Tumuli Graves – Status Symbol of the Dead in Bronze and Iron Ages in Europe*. BAR International Series, 2396. Archaeopress, Oxford: 3-16.
- FIGUEIREDO, A; TOGNOLI, A; MONTEIRO, C.; SARAIVA, R; GONÇALVES, R & FIGUEIREDO, S. (2014) – O Sítio de Habitat Pré-Histórico de Castelo da Loureira (Alvaiázere – Leiria – Centro de Portugal). *Revista Memorare*, v. 1, n. 3. Tubarão: 52-67.
- FIGUEIREDO, S.; SOUSA, M. F. (2003) – Os Elefantes Plistocénicos de Portugal, Separata da Revista *Evolução*, nº.1, Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa: 1-32.
- FIGUEIREDO, S.; CARVALHO, J.; NOBRE, L. (2005a) – A Estação Arqueológica do Campo de Futebol de Santo Antão do Tojal – Loures. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. 2, Faro.
- FIGUEIREDO, S.; SOUSA, M. F.; NOBRE, L; COSTA, J. (2005 b) – Carta Arqueológica do Concelho do Montijo: do Paleolítico ao Romano. Edições Colibri e Câmara Municipal do Montijo, Lisboa, 111 p.
- FIGUEIREDO, S.; CARVALHO, J. (2007) – A Pré-História do Espichel: subsídios para uma Carta Arqueológica do cabo Espichel. Edições Cosmos e Centro Português de Geo-História e Pré-História, Chamusca, 79 p.
- FONSECA, J. J. S. da (2001) – História da Chamusca, Vol. I. Das Origens a 1643. Câmara Municipal da Chamusca, 298 p.
- FONSECA, J. J. S. (2002) – História da Chamusca, Volume II. De 1643 a 1855. Câmara Municipal da Chamusca, 298p.
- FONSECA J.J.S. (2003) – História da Chamusca, Volume III. DE 1855 a 1919. Câmara Municipal da Chamusca, 298p.
- FRAGOSO, V. (Coord.) (2009) – Carta Arqueológica do Município de Loures. Câmara Municipal de Loures, 289 p.
- FURTADO, T. P. (1996) – *O Castelo de Almourol – Monumento e Imaginário. Vol. I*. Dissertação

de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 211 p.

GALHANO, F. (1978) – Moinhos e Azenhas de Portugal. Associação Portuguesa dos Amigos dos Moinhos, Lisboa, 130p.

GASPAR, F.; BAPTISTA, A. (2001) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Sítio dos Colos (S. Facundo, Abrantes), Instituto Português de Arqueologia, Lisboa (Policopiado).

GOMES, M. V. (1987) – Arte Rupestre do Vale do Tejo. In *Arqueologia no Vale do Tejo*. Instituto Português do Património Cultural, Lisboa: 39-43.

GOMES, M. V. (1989) – Arte Rupestre do Vale do Tejo - um santuário pré-histórico. In Encontro sobre el Tajo: El agua y los asentamientos humanos. *Cuadernos de San Benito*, 2. Fundación San Benito de Alcantara: 49-75.

GONÇALVES, F.; ZBYSZEWSKI, G.; CARVALHOSA, A.; COELHO, A. (1979) – Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000, folha 27-D (Abrantes). Notícia Explicativa da

Folha 27-D (Abrantes). Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa. 75 p.

GRAÇA, A. C. O. (2002) – *Subsídio para a Carta Arqueológica da Chamusca – Relatório*. Trabalho para a disciplina de Estágio da Licenciatura na Variante de Arqueologia da Paisagem – Curso de Tecnologia em Conservação e Restauro. Instituto Politécnico de Tomar, Departamento de Gestão do Território.

GRAÇA, A. C. O (2009) – Vestígios de ocupação humana no Concelho da Chamusca. Actas das Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português. Centro Português de Geo-História e Pré-História, Lisboa: 193-197.

GUERRA, A. (1987) – Acerca dos projecteis para Funda da Lomba do Canho (Arganil). *O Arqueólogo Português, Série IV, Vol. 5*. Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa: 161-177.

HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C. (1982) – Toponímia do Concelho de Vila Velha de Ródão (1) *Preservação*, 5. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão: 12.

- HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C. (1984) – Nova contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (2). *Preservação*, 7. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão: 43; 50; 68.
- LÁZARO, A. (2009) – Vila de Rei com Val de Cavalos – A Charneca. Edições Cosmos, Lisboa, 363p.
- LÁZARO, R. (2015) – *Inventário e Valorização do Património Arqueológico do Concelho da Chamusca - Da época Romana à época Moderna*. (Relatório de Mestrado em Arqueologia não editado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- LÁZARO, R. (2017) – Apontamentos sobre o povoamento de Época Romana no Concelho da Chamusca (Santarém, Portugal). In, SCIENTIA ANTIQUITATIS, Vol. 1, nº 2. Actas do IIIº Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição - Estratégias De Povoamento: Do Período Romano ao Mundo Contemporâneo, Évora: 85-102. [www.scientiaantiquitatis.uevora.pt/index.php/SA/article/view/57/48?](http://www.scientiaantiquitatis.uevora.pt/index.php/SA/article/view/57/48?) Consultado em 03/10/2017]
- LIZARDO, B. (1992) – Azulejos na vila da Chamusca. Câmara Municipal da Chamusca: 1-27.
- LIZARDO, B.; LIZARDO, J.; LIZARDO M. (1987) – Indícios de uma via romana no Concelho da Chamusca. Câmara Municipal da Chamusca: 1-9.
- MANTAS, V. G. (2002) – A Rede Viária de Scallabis. In, *De Scallabis a Santarém*. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 107-112.
- MANTAS, V. G. (2012) – As vias romanas da Lusitânia. Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 323p.
- MARQUES, J. (coord.) (2012) - *BIC - Boletim Informativo da Junta de Freguesia da Carregueira*. Nº6, Outubro-Dezembro de 2012. Junta de Freguesia da Carregueira.
- MARQUES, J. J. (1985) – Estelas funerárias da Vila de Ulme-Chamusca. Câmara Municipal da Chamusca, 24 p.
- MARQUES, J. J. (1987) – As inscrições romanas do Concelho da Chamusca. Câmara Municipal da Chamusca: 1-16.



- MARQUES, J. J. (1989) – Ulme nos Meados do séc. XVIII. Ou o Relatório dos Párocos de 1758. C.M. Chamusca.
- MARQUES, J. J. (2002) – Ulme. Uma Vila, a História e as suas tradições. Junta de Freguesia de Ulme, 218 p.
- MARQUES, M. A. F. (1996) – A viabilização de um reino. In, *Nova História de Portugal*, Vol. 3 - Portugal em definição de fronteiras. Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV. Dir. A. H. Oliveira Marques e Joel Serrão; Coord. Maria Helena da Cruz Coelho e Armando L. de Carvalho Homem. Presença, Lisboa: 23-37.
- MARTINS, A. A.; CUNHA, P. P. (2009) – Terraços do rio Tejo em Portugal, sua importância na interpretação da evolução da paisagem e da ocupação humana. In: *Arqueologia do Vale do Tejo, Centro Português de Geo-História e Pré-História*, Lisboa: 163-176.
- MARTINS, A. A.; CUNHA, P. P.; HUOT, S.; MURRAY, A. & BUYLAERT, J. P. (2009) – Geomorphological correlation of the tectonically displaced Tejo River terraces (Gavião-Chamusca area, central Portugal) supported by luminescence dating. *Quaternary International*, 199, Elsevier: 75-91.
- MARTINS, A. A.; CUNHA, P. P.; BUYLAERT, J.-P.; HUOT, S.; MURRAY, A.S.; DINIS, P. & STOKES, M. (2010a) – K-Feldspar IRSL dating of a Pleistocene river terrace staircase sequence of the Lower Tejo River (Portugal, western Iberia). *Quaternary Geochronology*, 5, (2-3). Elsevier: 176-180.
- MARTINS, A. A.; CUNHA, P. P.; ROSINA, P.; OOSTERBEEK, L.; CURA, S.; GRIMALDI, S.; GOMES, J.; BUYLAERT, J.-P.; MURRAY, A. S. & MATOS, J. (2010b) – Geoarchaeology of Pleistocene open-air sites in the Vila Nova da Barquinha - Santa Cita area (Lower Tejo River basin, central Portugal). *Proceedings of the Geologists Association*, vol. 121, Issue 2. Elsevier: 128-140.
- MURALHA, J.; MAURÍCIO, J. (2004) – Sítios arqueológicos descobertos no âmbito da prospeção arqueológica dos lotes 2 e 3b da construção do gasoduto. In BUGALHÃO, J.

(Ed.). Arqueologia na rede de transporte de gás: 10 anos de investigação, *Trabalhos de Arqueologia*, 39. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa: 45-71.

OLIVEIRA, L. F. (2005) – Ordens Militares. In, *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento - Guia Histórico*. (dir.) SOUSA, Bernardo Vasconcelos de. Livro Horizonte, Lisboa.

OOSTERBEEK, L. (1997) – Echoes from the East: The western network. North Ribatejo (Portugal): an insight to unequal and combined development, 7000 – 2000 B.C., *ARKEOS* 2. CEIPHAR, Tomar: 304 p.

OOSTERBEEK, L.; CRUZ, A.R.; REIS, R.P.; BOTON GARCIA, F.; ALLUÉ MARTI, E.; MIGLIAVACCA, M.; MOZZI, P. (2000) – Novos dados cronoestratigráficos e paleo-ambientais do Pleistoceno e do Holoceno no Alto Ribatejo. In Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo I (CRUZ, A.R.; OOSTERBEEK, L., eds.). *ARKEOS*, 9. CEIPHAR, Tomar: 23-36.

OOSTERBEEK, L.; GRIMALDI, S.; ROSINA, P.; CURA, S.; CUNHA, P. P. & MARTINS, A. A. (2010) – The earliest Pleistocene archaeologi-

cal sites in western Iberia: present evidences and research prospects. *Quaternary International*, vol. 223-224, Elsevier: 399-407.

OOSTERBEEK, L.; COLLADO GIRALDO, H.; GARCÊS, S.; COIMBRA, F.A.; DELFINO, D.; CURA, P. (2012) – Arqueologia Rupestre da Bacia do Tejo: RUPTEJO. In Arqueologia Ibero-Americana e Arte Rupestre, OOSTERBEEK, L.; CEREZER, J. F.; CAMPOS, J. B.; ZOCHE, J. (eds.). *ARKEOS*, 32, CEIPHAR, Tomar: 133-173.

PAÇO, A.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O.V., 1971, Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas), Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, LV.

PENALVA, C., (1978) – Ensaio de correlação do «fácies» Lusitaniano com as Indústrias do Marrocos Atlântico, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, tomo LXIII*, Lisboa: 521- 547.

PEREIRA, J.; NETO, N.; REBELO, P. (2007) – Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos da Construção do Centro Integrado de Recuperação, Valorização e Eliminação de

Resíduos Industriais (CIRVER) – Carregueira.  
[Texto Policopiado].

PEREIRA, J. F. (1926) – Vestígios Arqueológicos no  
Concelho da Chamusca (manuscrito).

PEREIRA, J. M. (2005) – Os Pesos de Pedra Com  
Entalhes: possíveis vestígios pré-históricos  
da actividade da pesca na região de  
Constância. *Almadan*, 13 (Adenda Electrónica  
(<http://almadan.cidadevirtual.pt>). Centro de  
Arqueologia de Almada: 1-12.

PIMENTA, J. (2013) – Monte dos Castelinhos - Vila  
Franca de Xira e a conquista romana do Vale  
do Tejo [catálogo de exposição no MNA].  
Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa: 94 p.

RAPOSO, L. (1995) – Ambiente, territórios y  
subsistência en el Paleolítico Medio de  
Portugal. *Complutum*, 6. Universidade  
Complutense, Madrid: 57-77.

RAPOSO, L. (2004) – O Paleolítico. In *História de  
Portugal* (Dir. João Medina), Vol. 1, Ediclube,  
Amadora.

RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (1984) – O  
Languedocense – ensaio de caracterização

morfológica e tipológica, *O Arqueólogo  
Português*, série IV, vol. 2, Museu Nacional de  
Arqueologia, Lisboa: 87-166.

REIS, H.; CHICÓ, M. T. (1983) – A Arquitectura  
Religiosa do Alto Alentejo na segunda  
metade do século XVI e nos séculos XVII e  
XVIII. Imprensa Nacional – Casa da Moeda,  
Lisboa: 347 p.

RESENDE, A. de (1593) – *Libri quatuor De antiquita-  
tibus Lusitaniae*. [Disponível em  
[http://purl.pt/15210/4/res-3068-v\\_PDF/res-3068-v\\_PDF\\_24-C-R0150/res-3068-v\\_0000\\_Obra%20Completa\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/15210/4/res-3068-v_PDF/res-3068-v_PDF_24-C-R0150/res-3068-v_0000_Obra%20Completa_t24-C-R0150.pdf) - Consultado a 08/05/2017];

RIBEIRO, C. (1875) – Descrição de alguns sílex e  
quartzites lascadas encontradas nos terrenos  
terciário e quaternário das bacias do Tejo e  
Sado, Lisboa.

RIBEIRO, J.P.C. (1990) – Portugal das Origens à  
Romanização - Os Primeiros Habitantes. In,  
*Nova História de Portugal*, Vol. I (Coor. Jorge  
de Alarcão). Editorial Presença, Lisboa: 16-74.

RIBEIRO, N. (2017) – Tesouro Monetário de Ulme -  
Chamusca – Portugal. *Açafa on-line*, 11. III

Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo. Centro Português de Geo-História e Pré-História/Associação de Estudos do Alto Tejo, Lisboa/V.V. de Ródão: 66-70.

SAA, M. (1956) – *As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*. Vol. I. Tipografia da Sociedade Astoria Lda, Lisboa: 300 p.

SAA, M. (1963) – *As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*. Vol. IV. Tipografia da Sociedade Astoria Lda, Lisboa: 386 p.

SAA, M. (1964) – *As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*. Vol. V. Tipografia da Sociedade Astoria Lda, Lisboa: 278 p.

SANTOS, M. (2016) – Património Histórico da Chamusca: do século XVI à atualidade. Açaфа On-line, 11. III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo. Centro Português de Geo-História e Pré-História/Associação de Estudos do Alto Tejo, Lisboa/V.V. de Ródão: 128-136.

SEQUEIRA, G. (1949) – Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Santarém. Vol. III. Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa: 346 p.

SILVA, J. C. (1989a) – 151 - Placa funerária do Casalinho, Chamusca. *Ficheiro Epigráfico 33* (Suplemento da Revista Conimbriga).

SILVA, J. C. (1989b) – 152 - Miliário de Constantino Magno. *Ficheiro Epigráfico 33* (Suplemento da Revista Conimbriga).

SOUSA, A. de (2002) – A Monarquia Feudal (1096-1480). In, *História de Portugal*. (dir. José Mattoso). Vol. IV. LexiCultural, Lisboa: 262 p.

TECEDEIRO, L. A. V. (1998) – A Saúde pela Chamusca através dos tempos. Câmara Municipal da Chamusca, 375 p.

TECEDEIRO, L. A. V. (1999) – A Religião pelo Concelho da Chamusca – Igrejas e Capelas. Vol. III. Garrido- Artes Gráficas, Alpiarça.

TENTE, C. (2007) – A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela. *Trabalhos de Arqueologia*, 47. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

VILAÇA, R.; ARRUDA, A.M. (2004) – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conimbriga XLIII*. Instituto de Arqueologia, Coimbra: 11-45.

VILAÇA, R.; CRUZ, D.J.; GONÇALVES, A.A.H.B.  
(1999) – A necrópole de Tancoal dos Patudos  
(Alpiarça, Santarém). *Conimbriga*, XXXVIII.  
Instituto de Arqueologia, Coimbra: 5-29.

VITERBO, S. (1896) – Archeologia industrial  
portuguesa: os moinhos. *O Arqueólogo  
Português*, 1.<sup>a</sup> Série, Vol. II, N.º 8 e 9. Museu  
Etnográfico Português, Lisboa: 193-204.

ZBYSZEWSKI, G. (1943) – La Classification du  
Paleolitique ancien et la cronologie du  
Quaternaire du Portugal en 1942, *Boletim da  
Sociedade Geológica de Portugal*, 2. Porto.

ZBYSZEWSKI, G. (1958) – Le Quaternaire du  
Portugal, *Boletim da Sociedade Geológica de  
Portugal*, 12, Porto, 227 p.





# GLOSSÁRIO

## A

**Acampamento/ oficina de talhe** – Sítio arqueológico com carácter temporário no qual o homem habitou ou talhou os seus utensílios ou ambos simultaneamente.

**Acheulense** – Principal fácies cultural do Paleolítico Inferior, nome que deriva de Saint-Acheul em Amiens, uma localidade francesa onde foi descoberta uma utensilagem característica. O instrumento tipo é um biface, mas foi-se tornando progressivamente mais regular, mais achatado, com um fio rectilíneo e finamente retocado. A duração desta fácies cultural pode estender-se por cerca de 300 000 anos numa área que vai da Europa Ocidental até à Índia, incluindo o continente africano.

**Afloramento** – Exposição de rochas ou solos na superfície da Terra.

**Água freática** – água subterrânea.

**Anepígrafo** – sem inscrição.

**Ânfora** – Recipiente cerâmico com duas asas, com uma forma longa regularmente ovoide e com um fundo cónico ou bicudo, que era usado para armazenar e/ou transportar vários produtos alimentares, maioritariamente vinho, azeite e preparados de peixe.

**Anta** – Monumento megalítico destinado a enterramentos colectivos e constituído normalmente por uma câmara e um corredor. Trata-se de uma construção constituída por pedras verticais,

os esteios, que são colocados em círculo e aos quais se sobrepõe outra pedra a que se chama mesa ou tampa. Podem ter uma planta circular simples ou com galeria, no extremo da qual existe a entrada normalmente voltada para nascente.

**Ara** – Bloco de pedra aparelhado de média dimensão, geralmente com uma forma prismática quadrangular, que é erguido com uma inscrição que pode ser votiva, funerária ou honorífica.

**Areia** – Rocha sedimentar não consolidada composta por uma percentagem elevada de sílica e quartzo, apresentando por vezes, ferro, mica, feldspato e argila.

**Arqueologia** – ciência que estuda o homem desde o seu aparecimento até à actualidade, através da sua cultura material. Os estudos arqueológicos incluem prospecções de campo, escavações e posterior trabalho de gabinete, a fim de classificar e interpretar a informação recolhida no campo.

**Artefacto** – Todo o objecto móvel resultado da alteração de matéria natural por acção do homem e com uma determinada função.

**Arte rupestre** – marcas antrópicas não utilitárias em superfícies rochosas, efectuadas quer por processo aditivo (pictograma), quer por processo redutivo (petróglypho).

**Aurinhacense** – Fácies cultural do paleolítico superior e que deve o seu nome a uma pequena gruta nos Pirinéus franceses, a gruta de Aurignac.

## B

**Biface** – Também denominado anteriormente "coup-de-poing". É um utensílio de pedra talhado em ambas as faces e cuja utilidade se adaptava às diversas tarefas do momento e começaram a ser utilizados desde o Paleolítico Inferior.

**Bp** – Abreviatura de origem inglesa significando *before present* (antes do presente), utilizada em datações absolutas. É considerado "presente" o ano de 1950, quando se desenvolveu o método de datação absoluta do carbono 14.

## C

**Calcário** – Rocha constituída por carbonato de cálcio (CaCO<sub>3</sub>). Tratada pode formar gesso ou cal.

**Calcolítico** – um período tecnológico caracterizado pela introdução do uso do cobre, aplicado especialmente em alguns países da Europa, na Índia e no Próximo-Oriente; denominado também Idade do Cobre ou Eneolítico.

**Camada** – Em Geologia indica um conjunto singular de rochas sedimentares que possuem características físicas ou conteúdo fossilífero das camadas que a precedem. Camadas sucessivas são delimitadas por superfícies bem definidas designadas por planos de estratificação.

**Casal agrícola** – propriedade rural de exploração agrícola de média dimensão, caracterizada pela existência numerosa de objetos para a prática de atividades rurais. Estes lugares são de menor dimensão que as *villae*, e apresentam pouco ou nenhuns materiais ou objetos que nos remetam para a ostentação e para o luxo.

**Cascalho** – Depósito natural de fragmentos de rochas, arredondados e inconsolidados, constituindo normalmente partículas maiores que areia.

**Cenozóico** – Período de tempo da história da Terra (era) que começou há cerca de 65 Ma e continua até à atualidade. Caracteriza-se pelo

desenvolvimento e domínio dos mamíferos e pelo aparecimento do Homem.

**Cerâmica** – Modelação de objetos em barro húmido, posteriormente seco e cozido a temperaturas elevadas. Diferentes tipos de pasta a diferentes temperaturas e métodos de cozedura dão origem a diferentes tipos de cerâmica.

**Cerâmica comum** – categoria de objetos cerâmicos que engloba a cerâmica de cozinha, de mesa e utilitária. Este grupo abrange uma grande variedade de formas com diferentes funções.

**Clasto** – fragmento de uma rocha pré-existente.

**Córtex** – Palavra latina que significa casca. É a zona superficial alterada que envolve certos blocos de rocha como por exemplo os seixos.

**Cultura** – Grau de desenvolvimento de um povo ou sociedade.

**Cultura material** – Vestígios físicos fabricados pelo Homem de sociedades do passado que constituem a maior fonte de conhecimento para a arqueologia.

## D

**Datação** – Em arqueologia constitui um método para estabelecer cronologias. Por exemplo para datar as primeiras idades da humanidade, a estratigrafia permitiu estabelecer sequências, comparando entre elas séries sedimentares e nelas reconhecer vestígios de acidentes climáticos que caracterizam o Quaternário.

**Datação Absoluta** – Em Arqueologia trata-se da determinação da idade de um achado arqueológico, com referência a uma escala de tempo fixa.

**Datação Relativa** – Em Arqueologia trata-se de métodos de datação que medem diferenças de idade através da comparação. Por exemplo sequências de acontecimentos ou objectos que se relacionam entre si. A estratigrafia e a seriação são métodos de datação relativa.

**Dolium** – recipiente cerâmico de armazenamento e transporte de alimentos, nomeadamente vinho, azeite e cereais. É caracterizado pela sua forma oval, com uma boca larga e fundo plano ou arredondado, com dimensões maiores que a ânfora.

## E

**Erosão** – Desgaste da superfície da Terra, provocado pela degradação e transporte de partículas de rochas ou de solo. Entre os agentes da erosão podemos encontrar o mar, os rios, o vento, os glaciares e a chuva.

**Escavação** – Operação destinada à recuperação de vestígios enterrados no solo, A escavação arqueológica é um acto indispensável na investigação pré-histórica, pois fornece materiais importantíssimos para estudo.

**Esquírola** – Pequeno elemento residual lítico.

**Estela** – uma placa de pedra vertical, erigida na sua posição por humanos, que pode conter uma inscrição ou elemento gráfico.

**Estratigrafia** – Parte da geologia que estuda a ordem segundo a qual se depositam as camadas sucessivas de sedimentos.

**Eustático** – Variação do nível do oceano, subida e descida.

## F

**Furador** – Instrumento de pedra lascada talhado numa lâmina ou lasca e apresentando uma ou mais pontas finas obtidas por retoque. Estes instrumentos de dimensões reduzidas são chamados de microfuradores.

## G

**Glaciações** – Períodos de arrefecimento do globo terrestre e de alargamento das massas glaciares. Durante a era quaternária, sucederam-se pelo menos quatro glaciações separadas por reaquecimentos chamados interglaciares.

**Glandes plumbeae** – projeteis de chumbo para funda utilizados em época Romana.

## H

**História** – o período temporal específico que começa com a introdução da escrita por alguns membros de uma espécie humana.

**Holocénico** – Época do tempo geológico com início há 10 000 anos e que corresponde à segun-

da época do período Quaternário. Corresponde ao recuo dos glaciares e a um aquecimento global em que a espécie humana conheceu um significativo desenvolvimento.

**Hominídeos** – Grupo zoológico que reúne o conjunto das formas extintas ou actuais que apresentam os caracteres próprios ao tipo humano. Caracteriza-se, entre outras características, pelo bipedismo e pelo desenvolvimento do cérebro. Trata-se da família de primatas, onde se inclui a nossa espécie. É constituída por 5 géneros: *Orrorin*, *Ardipithecus*, *Australopithecus*, *Paranthropus* e *Homo*.

## I

**Indústria** – um grupo de utensílios de pedra que os arqueólogos consideram representativa de uma cultura específica; usada por vezes como sinónimo de conjunto.

**In situ** – que está no seu lugar original, geralmente referindo-se à localização ou posição do último uso de um objeto ou do seu enterramento.

## K

**Ka** – milhares de anos.

## L

**Lamela** – Instrumento em todo semelhante à lâmina mas de dimensões mais reduzidas (largura inferior a 12mm).

**Lâmina** – Lasca de pedra cujo comprimento excede o dobro da largura. A produção sistemática destas lascas de forma delgada é característica do Paleolítico Superior.

**Lasca** – Fragmento de rocha quebradiça proveniente do aparelhamento de um bloco de matéria-prima ou de um núcleo. Distingue-se numa lasca, uma face de desbaste, o anverso (pré-existente no bloco), e uma face de lascagem, o reverso (resultante da fractura). As Lascas podem ser:

**Lascas *Levallois*** – lascas extraídas de núcleos *levallois*, em geral pouco ou nada retocadas.

**Lítico** – feito de pedra; em arqueologia refere-se aos utensílios de pedra.

## M

**Ma** – milhões de anos.

**Machado** – Instrumentos de pedra maciços com um gume na ponta, aguçados através de polimento, susceptíveis de serem utilizados como machados. Estes instrumentos aparecem no Neolítico e Calcolítico.

**Macrolítico** – Instrumento grande de pedra.

**Magdalenense** – Conjunto de fácies culturais que constitui sobretudo em França, uma última parte do Paleolítico Superior. Caracteriza-se essencialmente pelo desenvolvimento da indústria óssea e pela qualidade das obras de arte mobiliária e parietal.

**Matéria-Prima** – Substância natural que o trabalho do homem transforma noutros produtos ou objectos.

**Mesolítico** – a Idade da Pedra Média da Eurásia, que começa no fim do Pleistoceno, há 10500 anos, e que acaba com o advento do Neolítico, o que difere cronologicamente em várias regiões.



**Micoquense** – Fácies industrial do Acheulense final. É caracterizado por um tipo de biface de talão espesso e extremidade delgada e finamente retocada.

**Micrólito** – utensílio lítico de reduzidas dimensões.

**Mustierense** – Fácies cultural do Paleolítico Médio, caracterizada pela abundância de pontas e raspadores obtidos pelo retoque de lascas numa só face.

## N

**Necrópole** – Local de enterramentos; cemitério.

**Neolítico** – uma divisão tecnológica imprecisa da Idade da Pedra, que se refere a tradições de cultivo e domesticação, que ainda não possui o uso de metais para utensílios; o aparecimento de cerâmica e de utensílios de pedra polida é frequentemente atribuído erroneamente ao Neolítico.

**Núcleo** – Bloco de pedra ao qual foram extraídas lascas.

**Núcleo levallois** – Também dito “carapaça de tartaruga”. Seixo no qual o modo de preparação permite obter grandes lascas com uma forma pré-determinada. O Bloco de matéria-prima começa por ser aplainado através de uma série de desbastes resultantes de percussões perpendiculares ao plano principal. Posteriormente há uma segunda série de desbastes obtidos por pancadas dadas tangencialmente nas arestas que separam as cicatrizes das lascas da primeira série. Este procedimento confere ao núcleo o aspecto de uma carapaça de tartaruga e um plano ao qual se consegue retirar uma única e grande lasca - a lasca *levallois*.

## O

**Oficina (Talhe)** – Estação de detritos resultantes do aparelhamento e talhe da pedra. O estudo dos vestígios recolhidos nestes locais permite reconstituir os métodos utilizados na manufactura dos instrumentos.

## P

**Paleolítico** – os primeiros 99,6% da história humana no Velho Mundo, terminando cerca de 10 500 anos antes do presente.

**Paleolítico Inferior** – a divisão cronológica mais antiga da Idade da Pedra Antiga, no Velho Mundo, estendendo-se desde 2,5 milhões de anos e 180 mil anos.

**Paleolítico Médio** – uma divisão intermédia da antiga Idade da Pedra da Eurásia e Norte de África, aproximadamente entre 180 e 30 mil anos; na África sub-Sahariana é denominado Idade da Pedra Média e termina mais tarde.

**Paleolítico Superior** – a divisão cronológica final da antiga Idade da Pedra da Eurásia e Norte de África, aproximadamente entre 40 000 e 10 000 anos; na África sub-Sahariana é denominado Idade da Pedra Tardia e inicia-se mais tarde.

**Pátina** – Alteração superficial dos fragmentos de rocha lascados, por eventuais alterações pós-deposicionais, tempo de exposição aos agentes atmosféricos, rolamento, apresenta diversos aspectos de coloração e rolamento.

**Percutor** – Utensílio destinado a bater nas rochas quebradiças para extrair lascas.

**Petróglifo** – um motivo de arte rupestre que implica um processo de redução na sua produção, tal como a percussão ou a abrasão.

**Pico** – Seixo talhado de contorno triangular. Apresenta normalmente esse lascamento numa só face e cuja inclinação da área lascada se apresenta normalmente vertical, diferindo assim em termos morfo-tipológicos dos bifaces e unifaces paleolíticos.

**Plano** – (plano de lascagem) Superfície de um bloco de pedra na qual se bate para soltar lascas. Por exemplo um núcleo pode apresentar um ou mais planos de lascagem,

**Pliocénico** – Quinta e última época do período Terciário do tempo geológico entre os 5,2 e os 1,64 milhões de anos antes do presente. Aparecem os primeiros homínídeos, os *Australopithecus*, que se desenvolveram em África.

**Plistocénico** – Primeira época do período Quaternário do tempo geológico. Iniciou-se há cerca de 1,65 milhões de anos e terminou há cerca de 10 000 anos. Durante este período as calotes polares ocuparam grandes áreas, os glaciares abundaram e o Homem evoluiu para o moderno *Homo sapiens Sapiens*.

**Poliedro** – Bola de pedra facetada por desgaste de lascas em toda a superfície.

**Ponta** – Termo geral que se aplica a numerosas categorias de instrumentos líticos. A sua extremidade aguda resulta do encontro de dois gumes ou um único gume e um bordo cortado.

**Pontas levallois** – Lasca triangular retirada do núcleo levallois.

**Pré-história** – o período anterior ao início da História, que acaba com a introdução da escrita por alguns membros de uma espécie humana; cf. História.

**Prospecção** – Método de pesquisa de campo através da observação, com vista à identificação de estações arqueológicas. A prospecção pode ser feita directamente no terreno, por fotografia aérea ou por métodos geofísicos.

## Q

**Quartzito** – Rocha metamórfica constituída por grãos de quartzo recristalizados.

**Quartzo** – Vasto grupo mineral de grande dureza, inclui as variedades macrocristalinas, como o cristal-de-rocha, ametista, citrino etc.

**Quaternário** – Último período da história da Terra. Começou há cerca de 2 Ma e engloba o Plistocénico e o Holocénico. Caracteriza-se pelas grandes glaciações do Plistocénico e pelo aparecimento do género *Homo*.

## R

**Raspadeira** – Instrumento de pedra talhada, trabalhado na extremidade de uma lasca ou de uma lâmina, apresentando uma frente mais ou menos arredondada obtida por retoques oblíquos.

**Raspador** – Instrumento de pedra lascada talhado sobre lasca com retoque em parte do seu contorno, conferindo-lhe um gume côncavo, convexo ou rectilíneo.

**Retoque** – Operação destinada a aguçar ou dar forma a um objecto de pedra lascada. O retoque efectua-se por percussão ou por pressão e pode-se classificar em: directo, inverso, alterno, bifacial, abrupto, oblíquo e rasante.

## S

**Sedimento** – Material solto que depositou a partir da suspensão em água, gelo ou ar, geralmente quando a energia da corrente da água ou a velocidade do vento diminui. Sedimentos típicos são, por ordem crescente de granularidade, a argila, o silte, a areia, o areão, os seixos e os blocos.

**Sedimentologia** – Parte da geologia que estuda os sedimentos, sua natureza e modo de depósito. É auxiliar da Estratigrafia uma vez que permite a identificação e comparação de camadas no terreno.

**Seixo** – Fragmentos arredondados de rocha ou mineral, com diâmetro compreendido entre os 4 e os 64 mm.

**Seixo Talhado** – Seixo no qual foram efectuados alguns levantamentos de lascas, numa só face (unifacial) ou em ambas simultaneamente, conferindo-lhe um gume cortante (bifacial).

**Solutrense** – Fácies cultural do Paleolítico Superior Europeu e que deve o seu nome à esta-

ção arqueológica de Solutré. No que respeita à indústria lítica, trata-se de uma das que se encontram melhor definidas tipologicamente. Os instrumentos característicos devem o seu aspecto a um talhe através de retoques rasantes, paralelos, que se estendem sobre a face das peças.

**Sondagem** – Em arqueologia utiliza-se como teste de profundidade usado para investigar por exemplo a estratigrafia numa estação, antes de se proceder a uma escavação de larga escala.

## T

**Talão** – Parte da lasca em que se bateu para a desprender do bloco de que provém. O talão é constituído pela parte do plano de lascagem do bloco, que a lasca arrancou. É a parte do utensílio oposta à extremidade activa e muitas vezes correspondente à zona de preensão do utensílio.

**Tegula (pl. Tegulae)** – telha plana de forma rectangular com rebordo. Esta peça faz parte, juntamente com o *imbrex*, do telhado em época romana. É geralmente fabricada com material cerâmico, com uma textura rugosa e grosseira na parte interior e na parte exterior era alisada, por

vezes com engobe ou até mesmo com decorações. Assim, os telhados em época Romana são compostos em sobreposição e os materiais utilizados proporcionavam uma cobertura duradora e impermeável.

**Terra Sigillata** – tipo de cerâmica de ir à mesa, decorada, de origem Romana fabricada através de moldes que é caracterizada pela sua cor avermelhada acastanhada e pela persistência de um engobe que lhe transmite um brilho muito característico. É considerada como um elemento de luxo em época Romana. Existem vários tipos de produção desta cerâmica: *Terra Sigillata Itálica*, *Terra Sigillata Sudgálica*, *Terra Sigillata Hispânica* e mais tarde *Terra Sigillata Africana* (imitação as produções originais). Cada tipo tem características que variam na forma, decoração e o tipo e cor de engobe aplicado. Geralmente possuíam um selo estampado com o nome do fabricante.

**Terraço** – Pequeno planalto situado nos flancos de um vale correspondendo ao antigo leito de um rio. Ao longo do Quaternário os níveis dos rios subiram e desceram alternadamente ao mesmo tempo e as camadas fluviais concentraram-se e afundaram-se progressivamente nos

vales. Foram estas fases de aluviamento que levaram à formação dos terraços por andares.

**Terraço fluvial** – Porção de uma antiga planície de inundação que se encontra suspensa nas margens de um rio. Resulta da retoma do poder erosivo de um rio. Os terraços fluviais são férteis por isso são frequentemente utilizados para a agricultura e para a fixação humana. Muitas cidades e vilas do mundo encontram-se implantadas em terraços fluviais.

## U

**Uniface** – difere do biface por apresentar uma só das faces lascadas.

**Utensílio** – Qualquer instrumento de trabalho.

## Z

**Zoomórfico** – pertencente a um zoomorfo.

**Zoomorfo** – objecto ou imagem que fornece aos humanos actuais uma informação visual que se assemelha a uma forma animal.





## DESENHOS

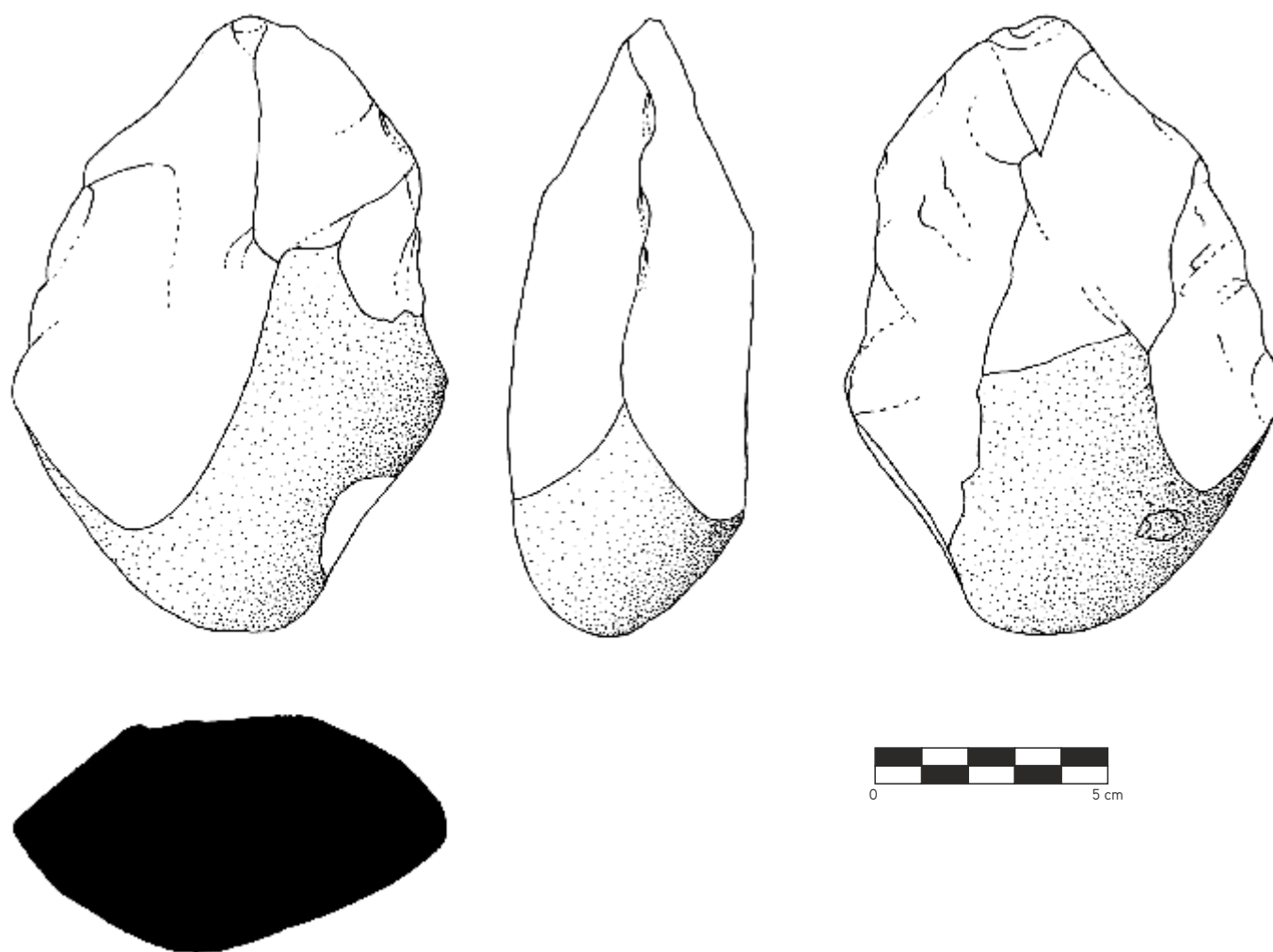


Fig. 55 – Biface da Rua da Gamelinha (desenho de Sofia Ferreira).

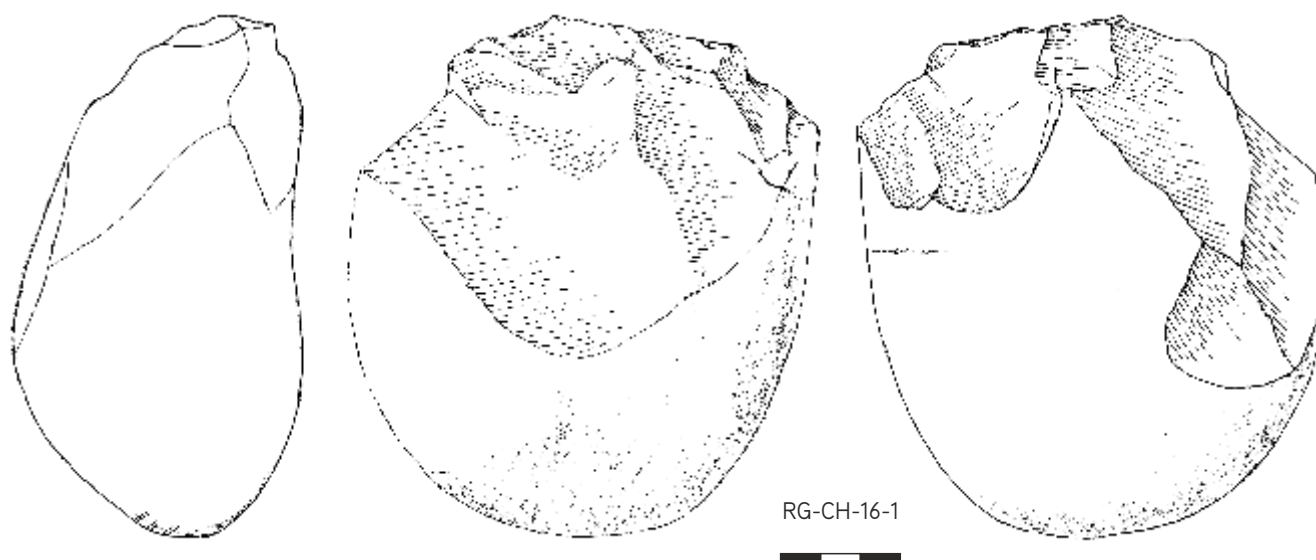


Fig. 56 – Seixo talhado, Rua da Gamelinha.

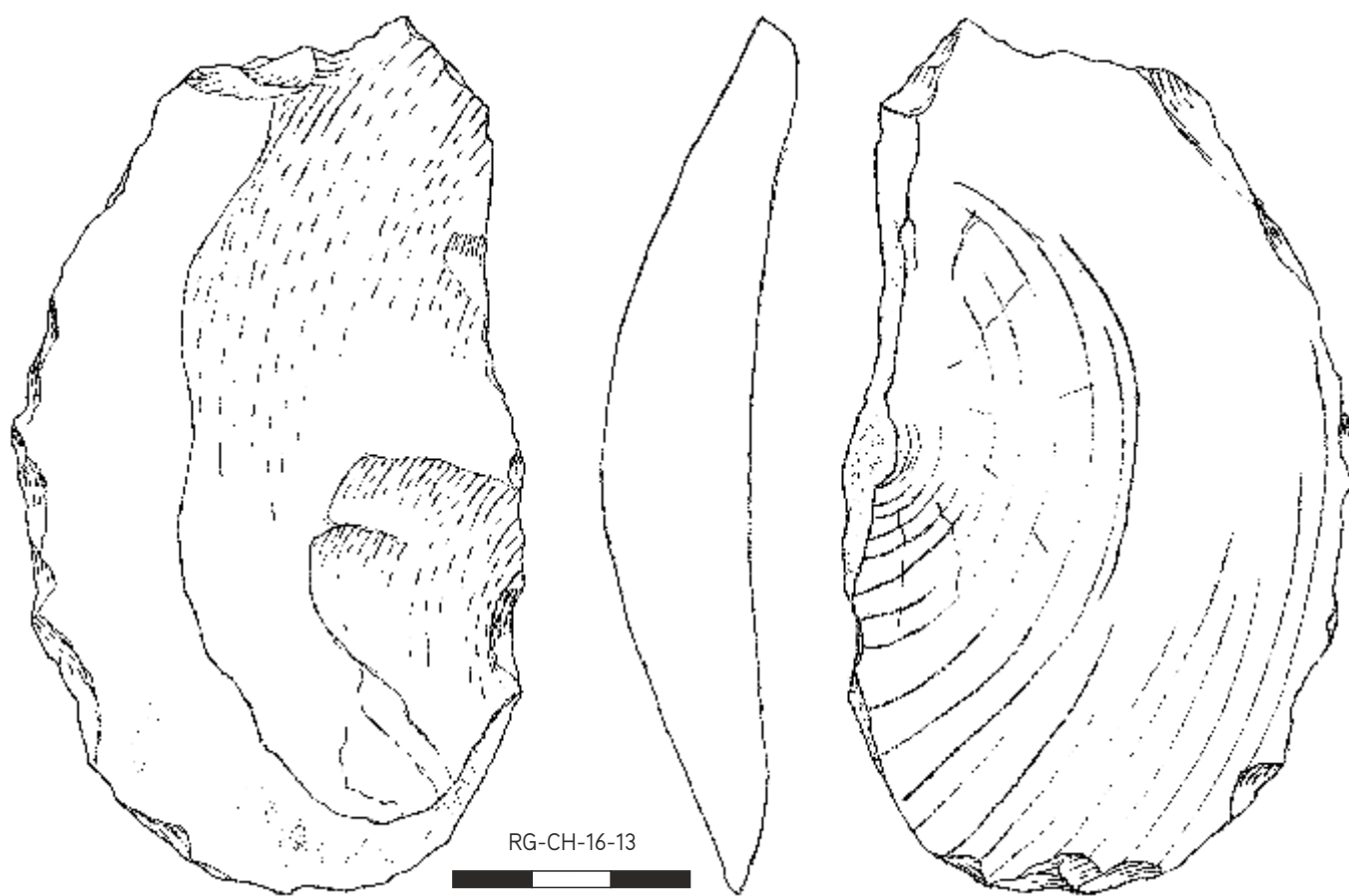
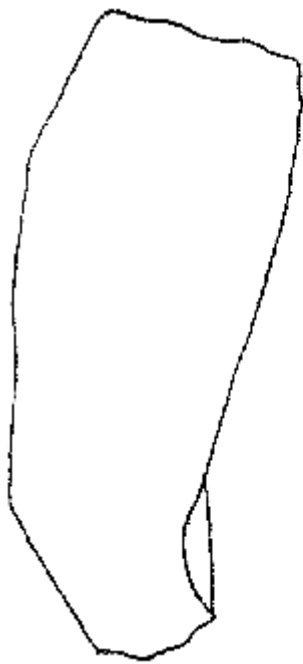
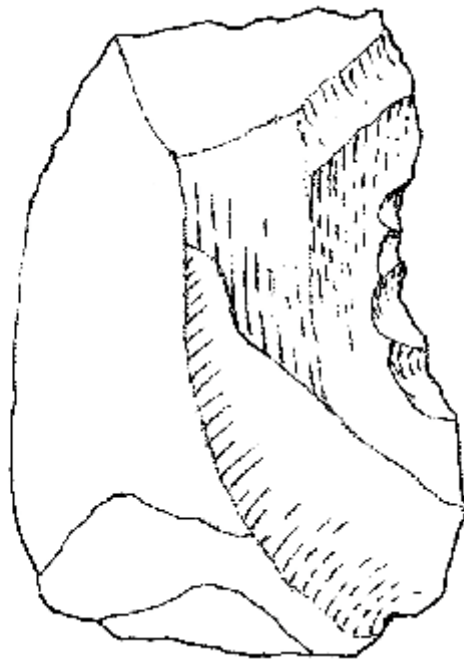


Fig. 57 – Raspadeira, Rua da Gamelinha.

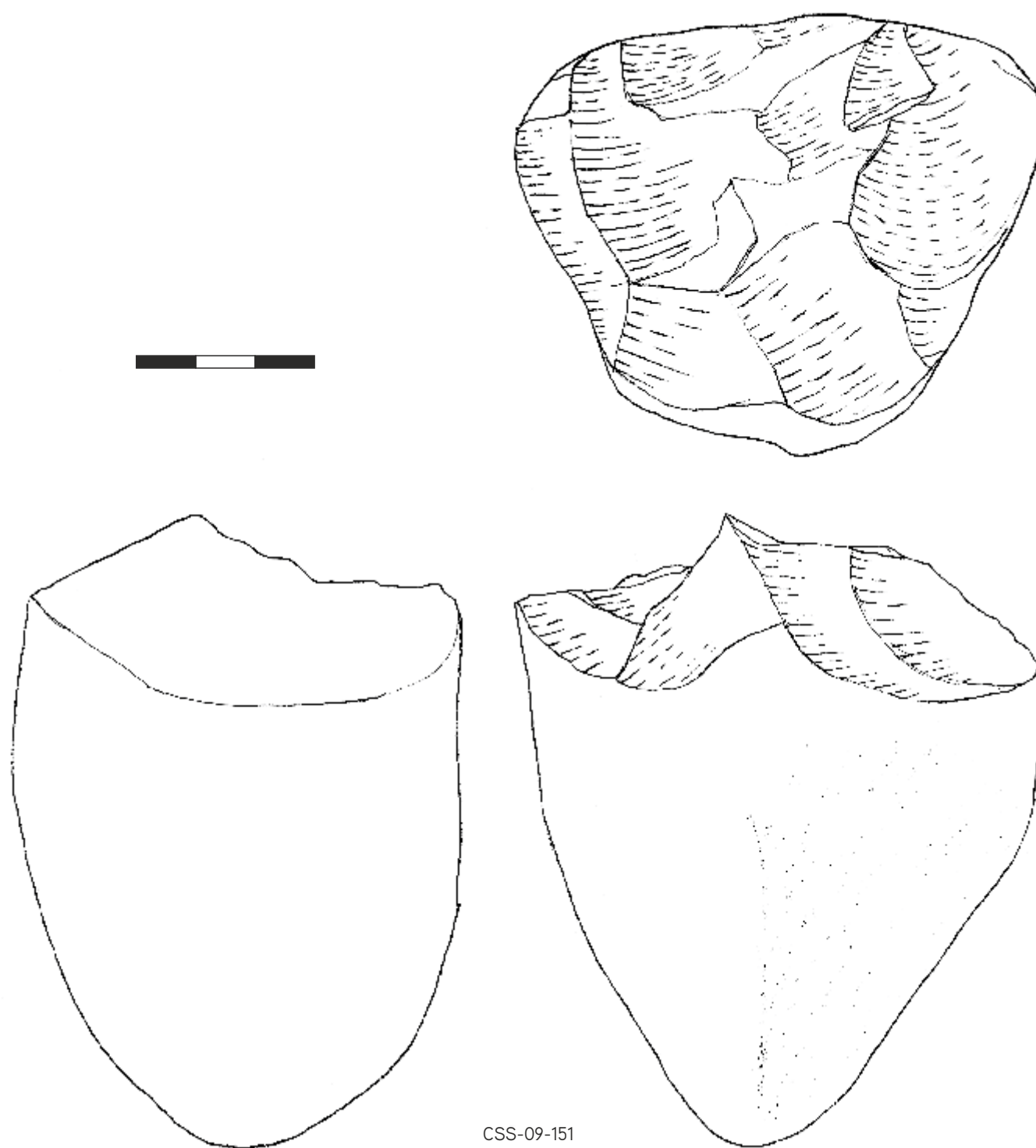


CSS-09-208



CSS-08-118

Fig. 58 – Materiais líticos, Casal de S. Sebastião.



CSS-09-151

Fig. 59 – Seixos talhados, Casal de S. Sebastião.

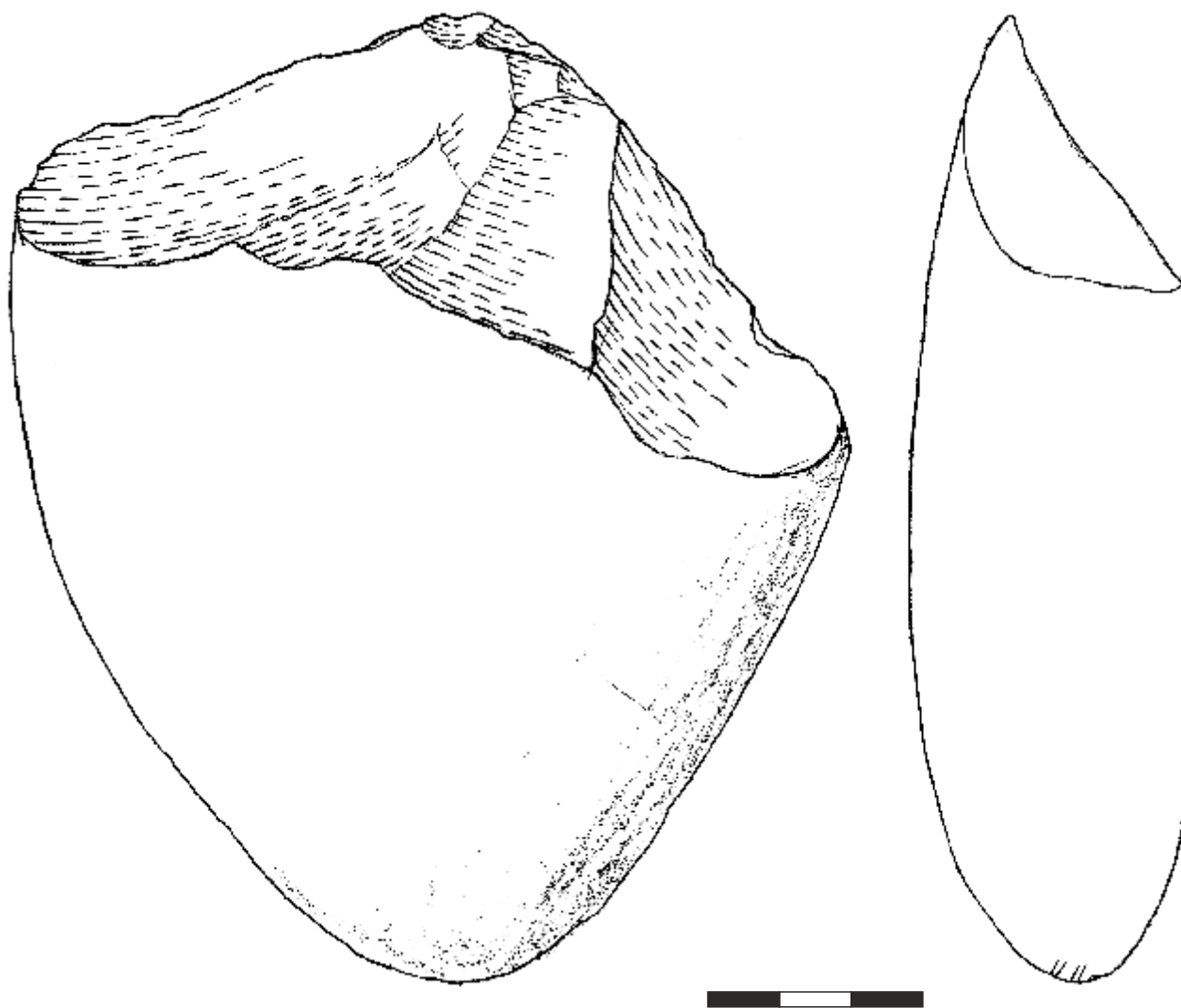


Fig. 60 – Seixo talhado, Vale de Cavalos.



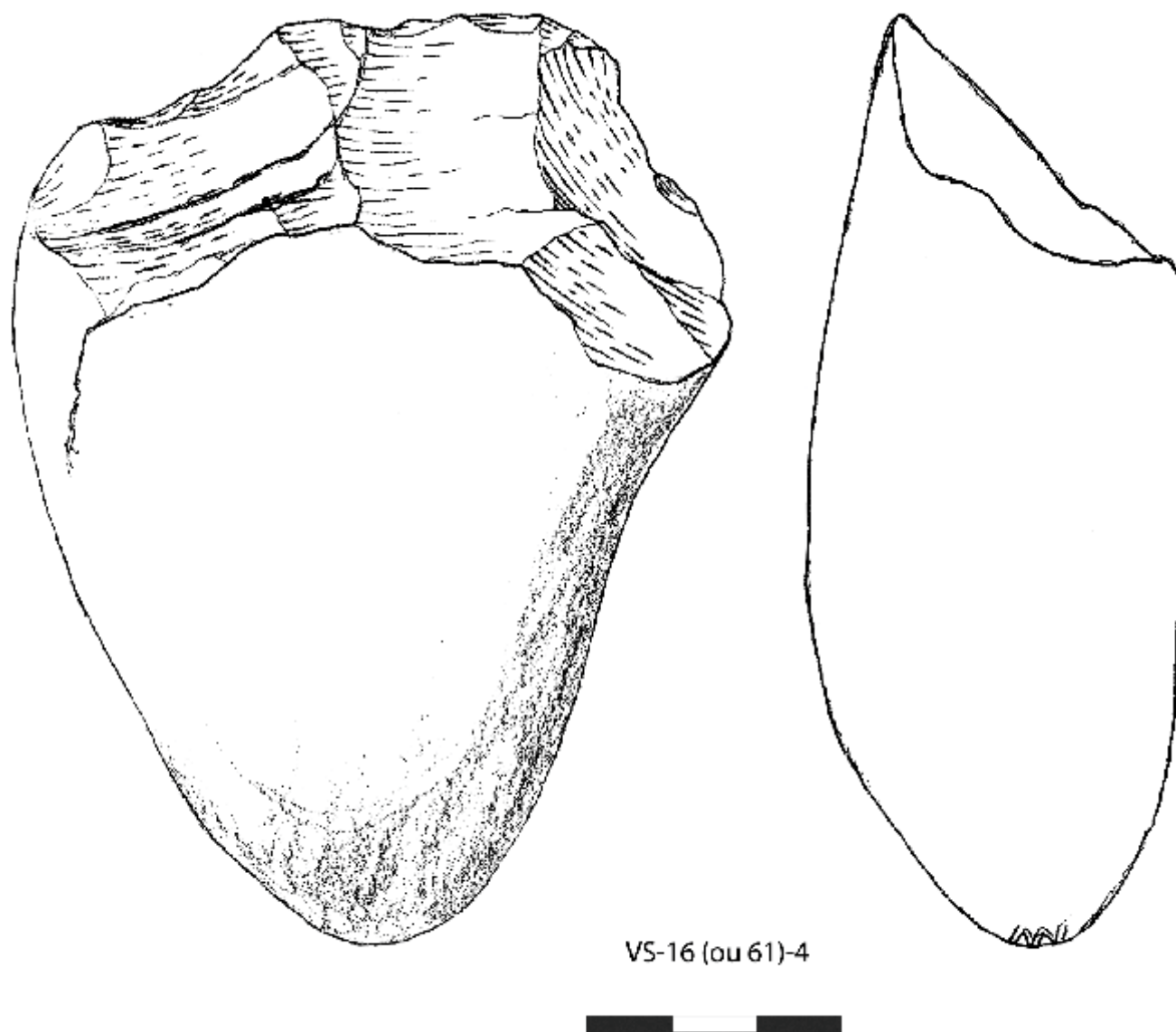


Fig. 61 – Seixo talhado, Vale do Seixo.

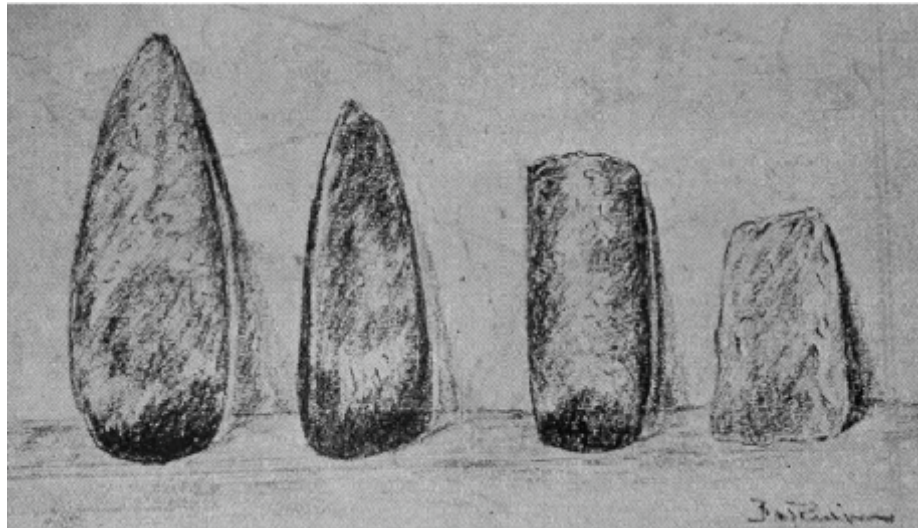


Fig. 62 – Machados neolíticos. Desenho de A. Braz Ruivo.



Fig. 62 A – Foto de dois dos machados desenhados acima.

**Nota:** Já em fase final de acabamento desta obra conseguimos uma visita ao Clube Agrícola, encerrado há vários anos, onde foi possível encontrar os artefactos cuja foto aqui se publica, juntamente com um cartão indicando ser o machado menor proveniente da horta do Sr. Alberto Frederico Embiz, próximo do antigo Lidl, na Chamusca. Agradecemos ao Sr. Miguel Prestes a possibilidade que tivemos de visualizar e fotografar estas peças.

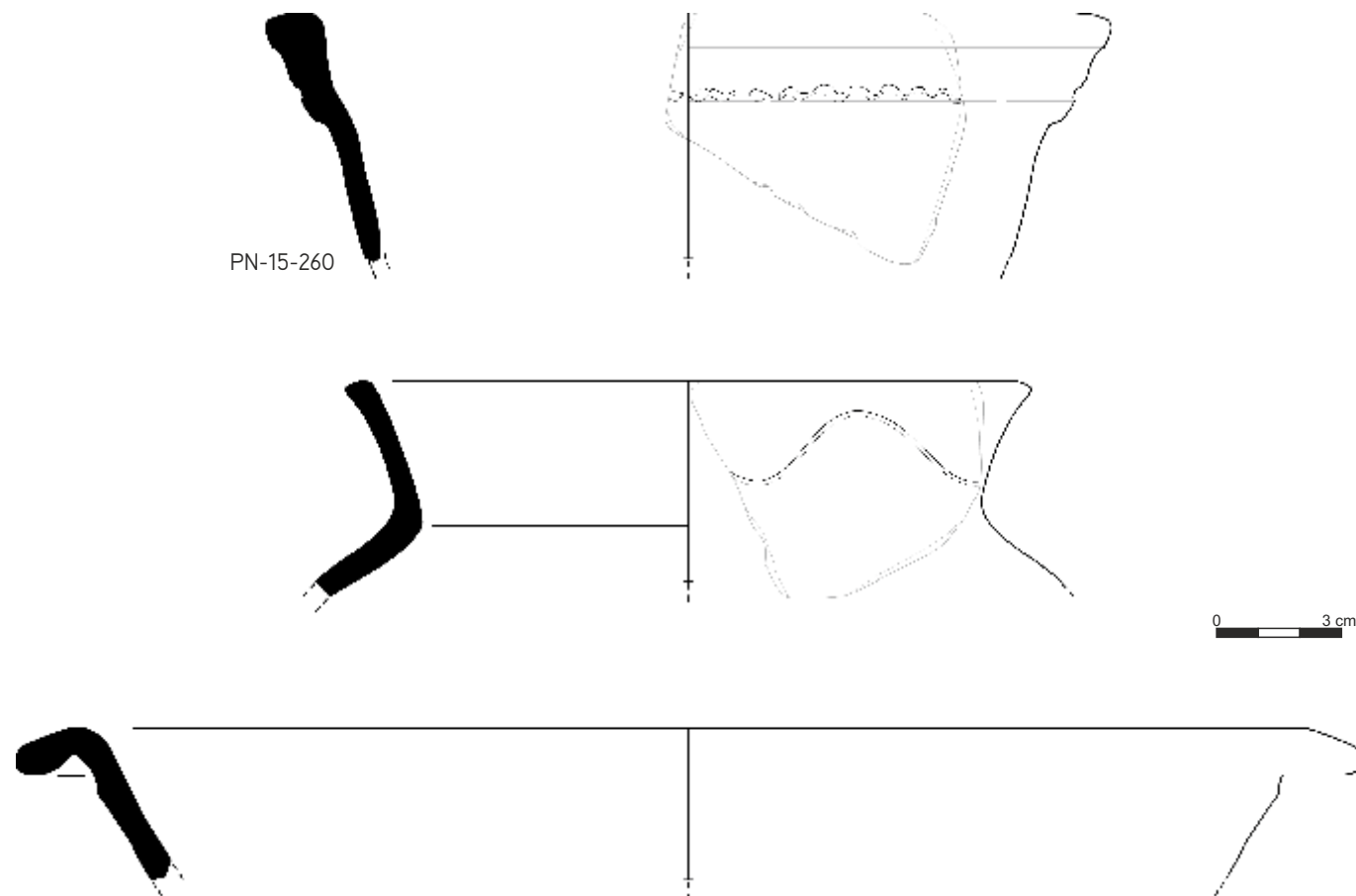


Fig. 63 – Cerâmicas, Porto das Mulheres.

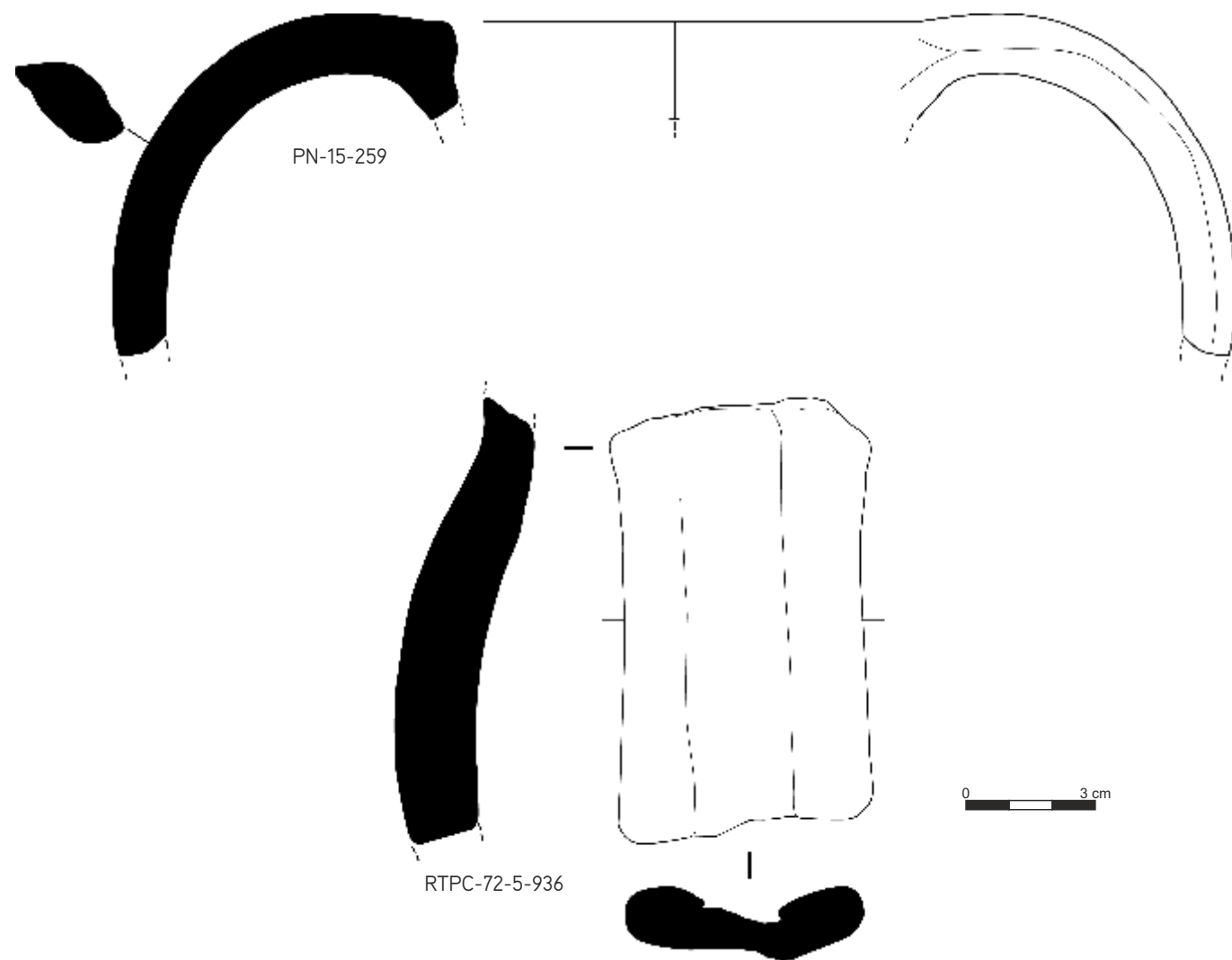


Fig. 64 – Asas de cerâmicas romanas.

# ÍNDICE

Dedicatória .....3

Prefácio .....5

Apresentação .....7

1 - Introdução.....9

    1.1 - Objetivos e relevância do estudo .....10

2 - Metodologias e estratégia de intervenção .....13

    2.1 - Trabalhos prévios de análise de fontes documentais e planeamento de atividades .....13

    2.2 - Trabalhos de campo .....15

    2.3 - Trabalhos de laboratório e de gabinete .....17

3 - Enquadramento geográfico .....21

4 - Enquadramento geológico e geomorfológico .....25

5 - Caracterização arqueológica .....31

    5.1 – Pré-História Antiga .....31

        5.1.1 – Paleolítico .....31

5.1.2 – Epipaleolítico .....	39
5.1.3 – Mesolítico.....	39
5.2 – Pré-História Recente e Proto-História .....	41
5.2.1 – Neolítico e Calcolítico .....	41
5.2.2 – Idade do Bronze e Idade do Ferro .....	51
5.3 – Período Romano .....	62
5.3.1 – Época Tardo-Romana.....	70
5.4 – Idade Média e Idade Moderna.....	70
5.4.1 – Alta Idade Média .....	70
5.4.2 – Época Medieval Mulçumana.....	71
5.4.3 – Baixa Idade Média .....	71
5.4.4 – Idade Moderna .....	75
5.5 – O Tejo e os vestígios subaquáticos registados .....	78
<b>6 – Cartografia .....</b>	<b>83</b>
<b>7 – Descrição dos sítios arqueológicos identificados .....</b>	<b>89</b>
<b>8 – Património edificado do Concelho da Chamusca .....</b>	<b>175</b>
<b>9 – Conclusões .....</b>	<b>231</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>235</b>
<b>Glossário .....</b>	<b>251</b>
<b>Desenhos .....</b>	<b>263</b>





